

Muito cuidado! A capa desse livro é uma mentira, uma ilusão bem construída. IMPERIA: A América de Pernas Abertas, não tem nada de poético, de flores no caminho. É um diário sujo, cinzento, mau-criado, boca suja, politicamente incorreto, de humor corrosivo e violento sobre minhas experiências de intercâmbio de trabalho entre 2008/2009 nos EUA.

Viagens em ônibus superlotados, gente feia, preconceituosa e rude. Paisagens deslumbrantes de inverno em Nova Iorque e na Califórnia. Desertos no Kansas e em Nevada. Noitadas de jogatina e muita bebedeira em Las Vegas. Carros de polícia. A solidão exalando do Grand Canion e da alma. Uma estação de esqui xexelenta e amalucada.

IMPERIA é um convite safado e parcial dos olhos de um jornalista estrangeiro sobre os intestinos e as tripas do império mais emblemático da História Contemporânea.

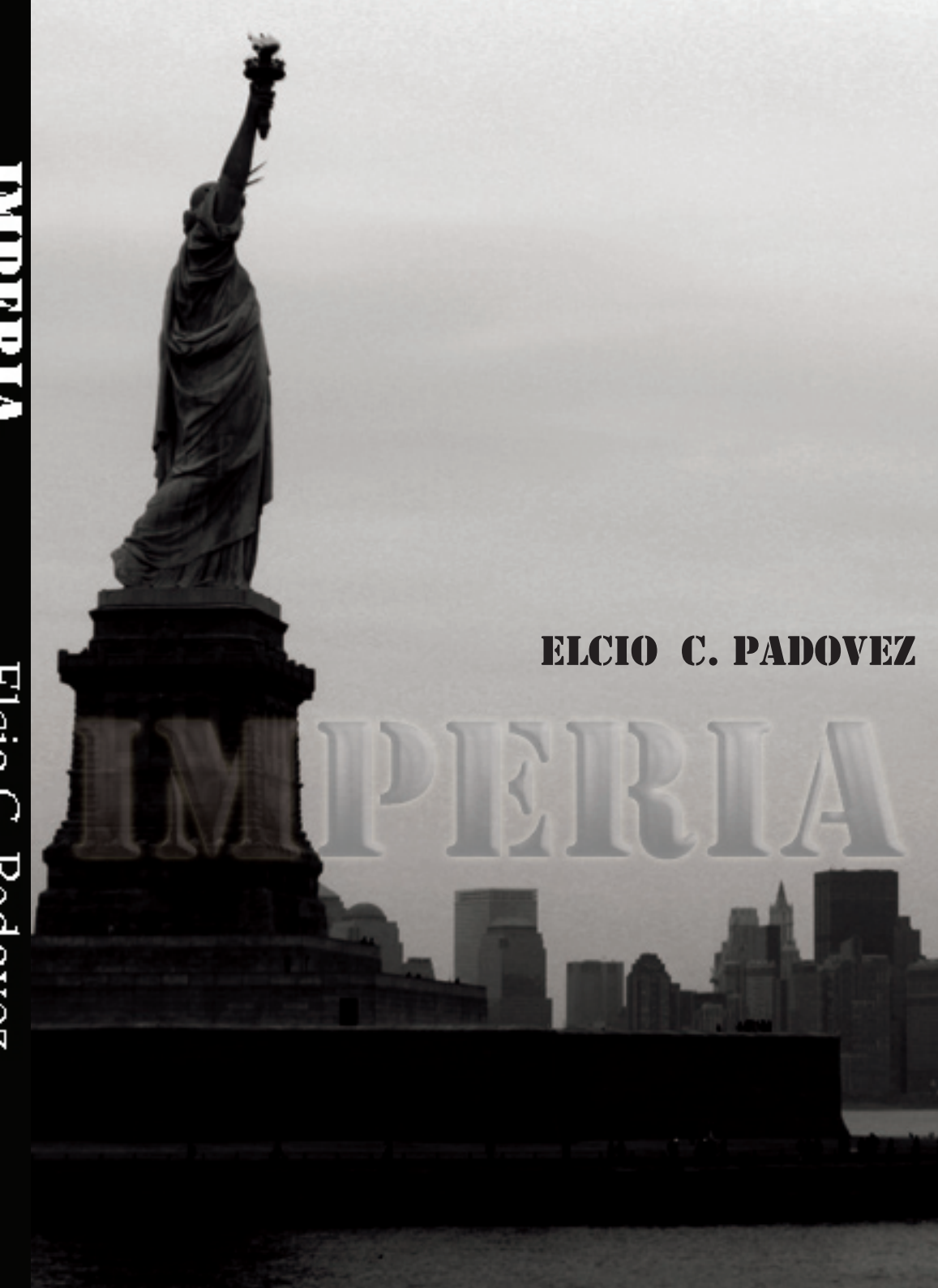


IMPERIA

Elcio C. Padovez

ELCIO C. PADOVEZ

IMPERIA



IMPERIA

A AMÉRICA DE PERNAS ABERTAS

ELCIO C. PADOVEZ

ON THE ROAD

Erguendo a casa
.10.

4000km para Truckee
.24.

A primeira das viradas
.42.

Alício no país da putaria
.56.

A semana do Dólar
.76.

Viva Las Vegas
.112.

O matadouro
.132.

Trapalhadas
.152.

California, rest in peace
.168.

A presença da ausência
.192.

Eu sei que não é muito cortês dizer América quando você quer dizer Estados Unidos. Nas escolas, eles nos dizem que é ofensivo aos outros países da América do Norte, Central e do Sul, quando os Estados Unidos da América se chamam de América.

Em que lugar isso os deixa?

Mas eu não me importo se a Venezuela ou algum outro lugar fique chateado com isso. Nós somos os Estados que tiveram a ideia de nos unirmos e criar o melhor país do mundo. E também somos o único país que teve a ideia de usar a palavra como parte de nosso nome. O Brasil não se intitulou Brasil da América. Então, temos o direito de nos chamarmos América, como abreviação, sempre que quisermos.

É uma bela palavra e todos sabem que ela se referem a nós. Se acredito no sonho americano? Não. Mas acho que podemos ganhar muito dinheiro com isso.

Eu me vejo como um artista norte-americano. Eu gosto daqui. Acho aqui o máximo. É fantástico. Eu sinto que represento os EUA na minha arte, mas não sou um crítico social. Eu simplesmente pinto os objetos e as pinturas porque eles são as cores que eu conheço melhor. Eu não estou tentando criticar os Estados Unidos de forma alguma, não estou tentando mostrar qualquer tipo de feiúra.

Cada pessoa tem a sua própria América. E elas têm pedaços de uma América de fantasia que elas acham que está lá fora, mas não conseguem ver. Eu nunca saí da Pensilvânia quando era pequeno. Eu tinha fantasia sobre as coisas que eu achava que estavam acontecendo no Centro este, ou no sul do país, ou no Texas. Eu achava que estava perdendo alguma coisa. Mas só se pode viver em um lugar uma vez. E sua vida, quando está acontecendo, nunca é muito atmosférica, até que ela se torna uma memória. Esses lugares na América parecem ser tão atmosféricos, porque você os montou na cabeça a partir de cenas de filmes, e músicas e trechos de livros. E você vive dentro da sua América de sonho, que você mesmo criou a partir da arte, de pieguices e emoções, tanto quanto você vive na sua América real.

Quanto o meu tempo chegar ao fim, quando eu morrer, não quero deixar nenhuma sobra. Essa semana eu estava assistindo televisão e vi um senhora entrar dentro de uma máquina e desaparecer. Aquilo foi maravilhoso. O que era matéria e energia simplesmente se desfez. Esta poderia ser uma invenção verdadeiramente americana. A melhor invenção americana: conseguir desaparecer.

**Trechos de entrevistas de Andy Wahrol,
usados na exposição Mr. América**

No vocabulário de um império, suntuoso é uma das palavras favoritas. Pirâmides do Egito, templos da Grécia e de Roma, muralhas chinesas. Símbolos imperiais, cujo poder transpira de cada tijolo, de cada coluna e das areias do deserto. Do topo da ilha de Manhattan, os olhos da Estátua da Liberdade observam um dos impérios mais intrigantes da história contemporânea: os Estados Unidos da América.

Todos os dias, migrantes de todos os lugares do mundo ingressam na América via Miami, San Diego ou Dallas. São latinos com feições indígenas, indianos e paquistaneses de turbante, europeus da Escandinávia ou de Paris, africanos, japoneses e chineses com Nikons e Canons no pescoço. Muitos deles em busca do american way of life, ou seja, ganhar muito dinheiro. Eu me incluo no cardume de brasileiros, que ilegal ou legalmente vêm aos domínios de Tio Sam com o sonho de melhorar de vida.

Dois de dezembro. 22h20min. 2008. Aeroporto de Guarulhos. Uma última ida ao banheiro. Mais uma viagem. Turbinas em ignição. Apertar os cintos. Destino: John F. Kennedy, Nova Iorque. Antes do voo, toda uma preparação é requerida aos navegantes que resolveram se aventurar na selva do Work Experience. Além da quantidade de dinheiro investido, que, no meu caso, chegou à casa dos cinco mil reais (incluindo passagem aérea, taxas do visto e mais taxas que surgem ao longo do caminho), tem a entrevista no consulado americano. Já às seis da manhã, um batalhão de formigas forma longas filas a fim de obter o tão desejado visto. O processo leva de três a quatro horas. Com o selo no passaporte, resta sonhar a ilusão fantástica que Hollywood divulga ao redor do planeta.

E por que não os EUA para viver uma experiência nas férias de verão? 50 estados dos mais distintos. 220 milhões de novas pessoas, uma nova velha cultura. O inglês tão importante para a vida profissional. Ser um jovem e poder participar de uma odisséia assim é algo incrível. Quatro meses na Califórnia, no Havaí ou na Flórida. Um sonho! Americanos orgulhosos da cultura ianque, pilhas e pilhas de batatas-fritas, rios de refrigerante. A boca sensual de Marilyn Monroe ou o rebolado de Elvis Presley. Muito em que se pensar. A América gigante espera.

ERGUENDO A CASA

Um navio desembarca em Massachusetts, norte de uma terra ainda desfigurada, palco de interesses expansionistas de espanhóis, franceses e ingleses. Enquanto a Europa fervilhava em uma guerra religiosa, na qual os católicos tentavam manter o domínio absoluto, os protestantes, principalmente com Matinho Lutero, na Alemanha, João Calvino, na França, e Henrique VIII, na Inglaterra, vão ganhando espaço e influência no tabuleiro de xadrez político, religioso e social europeu.

Era 1603 quando John Winthrop, um advogado inglês, com espírito de aventureiro, resolveu se mandar para Boston. Junto com ele, desembarcou um rebanho de 700 religiosos fanáticos, se aventurando a cruzar o Atlântico, atrás da Terra Prometida, uma Canaã fora dos vícios e das safadezas dos católicos. Um exemplo para o restante do mundo que começava a se formar. A pequena colônia inglesa vinha embalada pelo mantra calvinista de que *o trabalho enobrece o homem* e a América nortista seria formada na base do suor e da enxada protestante.

Ali nascia a semente da formação dos Estados Unidos da América, que só obteria sua independência da Inglaterra em 1776. Ali já se encontrava o embrião do império, assanhado para expandir seus domínios e ser espelho dos outros países.

Sete anos em pé de guerra

Antes da independência, os EUA precisavam mandar os ingleses à merda, já que eles insistiam em passar a mão nas riquezas do país e enchê-lo de taxas. As treze colônias americanas (que iam da costa do Maine até a Flórida) pertenciam à Inglaterra. A região da Louisiana, que compreendia boa parte do miolo do país, à França. Os dois não se bicavam. A Inglaterra vivia, no século XVII, sua primeira Revolução Industrial. A França ainda era monarquista, o Palácio de Versalhes nunca esteve mais animado e a corte, tão luxuosa, enquanto o povo se fodia entre secas e crises de produção de alimentos.

Como ninguém se entendia, nada melhor do que uma guerrilha para exterminar o inimigo. Ao longo de sete anos (1756-1763), franceses e ingleses ficaram em pé de guerra. Para recuperar os gastos com o combate, a coroa inglesa resolveu aumentar ainda mais o cerco à colônia, inflacionando as taxas dos produtos ingleses na América, principalmente o chá, especiaria muito consumida à época. Para piorar, a Inglaterra, que venceu os franceses, tomou a Louisiana e declarou que nenhum colono era bem-vindo lá, que ali era terra exclusivamente inglesa. Para os criadores de gado, que pretendiam expandir suas terras ali, foi um basta.

A carta

De seu gabinete, Thomas Jefferson quebrava a cabeça para dar vida, por meio das letras, à revolução que tomava conta da colônia. As mãos de Jefferson escrevem a Declaração da Independência, que defende a liberdade e a autodeterminação dos povos:

“Todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre estes a vida, a liberdade e a procura da felicidade. A fim de assegurar esse direito, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes de consentimento dos governados. Sempre que qualquer forma de governo se torne destrutiva de tais fins, cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir novo governo, baseando-o em tais princípios e organizando-lhe os poderes pela forma que lhe pareça

mais conveniente para realizar-lhe a segurança e a felicidade”.

Mas tanta felicidade custa um preço, mesmo que seja pegar em armas para se defender do contra-ataque inglês, que não era louco em perder as terras para um punhado de rebeldes. Enquanto Thomas Jefferson era o cérebro do movimento, George Washington assumia os braços e as mãos. O futuro primeiro presidente dos EUA organizou a resistência com um exército e milícias populares, lutando freneticamente contra a poderosa marinha inglesa, que tentava isolar a colônia e tomar os portos e saídas fluviais.

França e a Espanha se bandearam para o lado americano, já que detestavam os ingleses. Se os EUA se declararam por conta própria livres em 1776, Londres só jogaria a toalha em 1783, após inúmeras batalhas contra esse “triângulo revolucionário”. Com o primeiro Tratado de Versalhes, o governo britânico reconhecia a ex-colônia uma terra livre, pronta para a felicidade, mesmo que, para tanta alegria, os EUA precisassem ser mais agressivos no mundo do que os ingleses o foram.

Ouro de tolo?

Os americanos queriam que a sua bandeira, como um polvo, espalhasse os tentáculos para além das 13 colônias. Os EUA ainda eram um país inexpressivo, ou como defendia a classe política da época, nanico. E nada mais justificável do que expandir seus domínios se o próprio Deus estava de acordo. A nova América se deu de presente a permissão divina para buscar territórios, mesmo que na base do chumbo. O Destino Manifesto pregava o mantra de que os americanos teriam sido escolhidos por Deus para a nobre missão de ocupar as terras entre os oceanos Atlântico e Pacífico.

Mas antes das primeiras guerras, os EUA pegaram o carrinho de supermercado e foram às compras. Em 1803, adquiriram a região da Louisiana dos franceses por 15 milhões de dólares. Em 1819, entraram em acordo com a Espanha e englobaram a Flórida por apenas cinco milhões de dólares. O Oregon foi cedido em 1846 pelos ingleses, que tinham mais o que fazer nas novas colônias na Ásia, África e Oriente Médio. 20 anos depois, em 1867, compraram o Alasca dos russos por sete milhões de dólares. Só que o quebra-cabeça ainda não estava completo.

Junto com o Destino Manifesto, a política externa norte-americana ganhou ainda mais impulso sob o governo de James Monroe (1827-1825), que instituiu a Doutrina Monroe, a consolidação da *América para os americanos*. Para os americanos dos EUA, é claro. Enquanto a Europa juntava os cacos após o domínio de Napoleão Bonaparte e reorganizava seus Estados Nacionais, os Estados Unidos foram mais que ligeiros em deixar claro para as nações imperialistas européias (Inglaterra, Prússia e França) que a América Latina ia ser o quintal deles e ponto final.

Fora isso, tinha riqueza no ar. Um tesouro que espanhóis e portugueses desfrutavam na parte sul do continente: ouro, muito ouro. E a pedra dourada do reino se encontrava na Costa Oeste, território mexicano. O México, na década de 1840, já era livre da Espanha, mas não do instinto predador de seu vizinho. Os mexicanos estavam longe de Deus, mas muito próximos do EUA. Enquanto o governo mexicano se encontrava em estado embrionário, permitiram aos bons vizinhos se hospedar mais ao norte do país, exigindo apenas que ali se professasse o catolicismo. O problema era que o inquilino, protestante, começou a mostrar as garras logo de início. Em 1845, a colônia americana do Texas declarou independência do México.

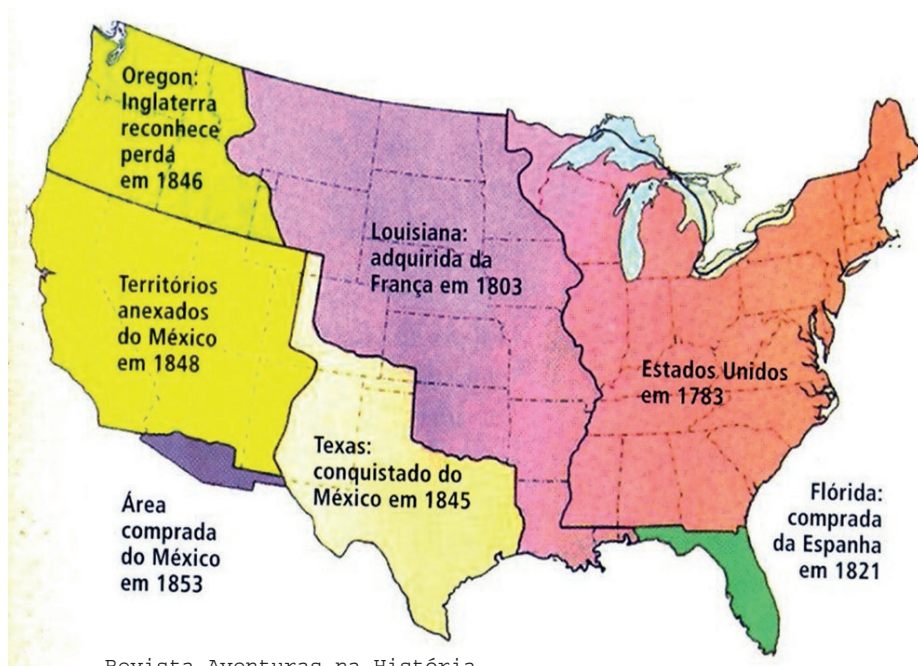
Guerra anunciada. O governo mexicano, desgostoso com o rompedor unilateral, exigiu de imediato a devolução das terras. Hostilidades. Mexicanos e estadunidenses não pegariam em armas, mas não havia outro jeito de se resolver o esquema. O sinal vermelho apareceu quando os EUA começaram a se infiltrar em regiões vizinhas ao Texas e às margens dos rios Grande e Nueces.

E de 1846 a 1848, a Guerra Mexicano-Americana centralizou as atenções por ali. Na batalha entre a águia verde, branca e vermelha e a águia azul, branca e vermelha, a do norte, com seus olhos determinados, venceu, para imenso prejuízo do México, que se viu obrigado a assinar o Tratado de Guadalupe-Hidalgo, cedendo praticamente metade de seu território aos EUA. Califórnia, Nevada, Novo México e Texas, além de partes do Arizona, Colorado e Wyoming estavam agora debaixo da bandeira norte-americana.

Só que o México deixaria alguns *regalos*, presentinhos que até hoje influenciam muito a identidade norte-americana. Basta olhar a presença maciça dos mexicanos dentro das fronteiras do império. As inúmeras cidades com nomes em espanhol e um simples prato de *chilli*, espécie de sopa horrorosa de carne de porco e feijão, denunciam a face latina da América que, para muitos norte-ame-

ricanos, teima em permanecer incrustada naquelas caras de índios miseráveis.

Corrida de obstáculos



Revista Aventuras na História

Em 1801, a população dos Estados Unidos se resumia a quatro milhões de gatos pingados. Depois da expansão, em 1860, já eram mais de 32 milhões. O território nacional ultrapassava os sete milhões de quilômetros quadrados e, apesar de o novo império estar com as bases da casa muito bem fundamentadas, havia dois obstáculos caseiros difíceis de contornar. Junto com as terras recém anexadas do México, vieram a descoberta do ouro no Oeste e a corrida desenfreada por riquezas na região. Mas alguns habitantes das terras não estavam muito à vontade com os tentáculos norteamericanos se alastrando por ali. Ao longo do Centro e Oeste da América do Norte, havia mais de 25 milhões de índios e cerca de dois mil idiomas, que foram sendo caprichosamente exterminados

tanto por ingleses quanto pelos novos donos do pedaço. O cara pálido só visava o progresso e não se incomodava em passar por cima de quem fosse em busca da felicidade. Mas os índios eram apenas o aperitivo de um jantar indigesto no estômago do império emergente.

Enquanto o norte crescia com o comércio e a indústria cada vez mais sólida, nos passos das Revoluções Industriais inglesas, o sul mantinha o tripé comercial agrícola, pecuário e minerador, formando um único em que país pensava, trabalhava e vivia diferente, abrigando na realidade duas nações. O Norte-Nordeste, industrial e abolicionista, de um lado, e o Sul-Sudeste, rural e escravista, de outro.

No ringue ideológico e político, dois lutadores defendendo cinturões antagônicos. A Guerra de Seceção (1860- 1865) acabou com o sul nocauteado e obrigado a abolir a escravidão em terras norte-americanas. Agora, de mãos dadas, surgiam os verdadeiros Estados Unidos da América. A águia começava a afiar as garras para vôos mais altos. Em suas asas, grudaram tanto o Destino Manifesto quanto a Doutrina Monroe e se prepararam para a grande caçada.

Mesmo de olho em terras alheias, a jovem nação pretendia seguir caminhos distintos dos modelos colonizadores dos europeus, os de ocupação e controle político das colônias. Os EUA não se tornaram o império mais emblemático da História Contemporânea à toa. Eles estavam se lixando como cada país cuidava dos assuntos internos, desde que se preservassem os interesses comerciais norte-americanos. Quando o modelo das “Portas Abertas” não funcionava, o que aconteceu no Japão e na China, os EUA, com muita diplomacia, viraram seus canhões repletos de balas até que os países aceitassem a abertura dos portos locais. Prestes a nascer, o século XX conhecia a maior economia do período, além de uma frota naval tão poderosa quanto a inglesa.

Mãe América com o porrete na mão

Aos pés da cama, enquanto reza, o presidente Willian McKinley (1897-1901) escuta Deus o instruindo a invadir uma ilha distante, para além do Pacífico. Assim, o império derrubaria as últimas fronteiras para se consolidar na hegemonia mundial. As Filipinas, antiga colônia espanhola, seriam a primeira colônia oficial dos EUA, em 1898. Desde essa época até os dias de hoje, os norte-americanos enfiaram o bedelho em praticamente todos os conflitos armados. Nas garras da águia, os dois lemas fundamentais: espalhar pelo mundo a liberdade e a civilização a seu modo e semelhança.

E para completar o banquete, faltava ainda soltar os tentáculos América adentro.

A Espanha, que por muito tempo foi rainha soberana no tabuleiro internacional, no início do século XX não passava de um peão sem rumo. A frota espanhola se resumia a meia dúzias de barcos enferrujados e pequenos exércitos protegiam as Filipinas, Cuba e partes da América Central. Com os EUA nos calcanhares, a Espanha, com a Guerra Hispano-Americana (1898), acabou perdendo suas últimas colônias na América.

Sob a tutela do presidente Ted Roosevelt, 1904 mostrou todo o carinho que a Mãe América daria aos novos filhos. Só que uma mãe zelosa preza pela boa educação de suas crianças, e, no caso dos países latino-americanos, o Congresso dos EUA adotou como política o direito de intervir em qualquer território cujo governo não se mostrasse capaz de manter a ordem interna e honrar suas dúvidas com os bancos estrangeiros. Tantos cuidados eram apenas para fortalecer as novas colônias. Como a maioria dos países da América estava recém-libertos e afundados em problemas financeiros, era golpe de mestre colocar essas terras sob domínio dos EUA.

Assim começava a política do *Big Stick*, ou do cacetão, que manteria a América do Sul debaixo da saia de Mãe América durante o século XX. Como os EUA conseguiram se expandir de Leste a Oeste, era preciso achar uma forma de dinamizar o transporte de produtos e mercadorias sem precisar de uma travessia gigantesca. No sul do continente americano, acharam a resposta: em 1913, após mais de uma década de trabalho, inauguraram o Canal do Panamá.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os EUA foram discretos. O conflito se restringiu aos europeus e suas batalhas internas. A indústria norte-americana viu, na guerra dos outros, a oportunidade de se aquecer ainda mais. Enquanto a Europa era só sangue e trincheiras, a potência fora do Velho Continente exportava armamentos, comida e uma série de outros bens de consumo. Enquanto Paris e Berlim eram destruídas, as pessoas andavam felizes em carros e faziam piqueniques no Central Park, em Nova Iorque. Ou tomavam sol na costa da Califórnia.

Na década de 1920, a América de cima parecia imbatível, soberana, uma imperia. A ideia de riqueza e prosperidade gerou o *American Way of Life*, propagado aos quatro ventos. A indústria dos EUA não parava um segundo sua frenética produção. O cinema começava a vender o sonho da América dourada, onde tudo era possível. O céu não era mais o limite. Era apenas a entrada ao paraíso estadunidense.

A casa caiu

Só que a euforia durou pouco. Em 1929, produzindo mais do que precisava e sem mercado, a indústria dos EUA foi para o brejo. A Bolsa de Nova Iorque, a sociedade e a economia norte-americana entraram em colapso. A festa parecia no fim. Dos rios de champanhes e banquetes, a atmosfera estava carregada de desemprego, suicídios e falta de perspectivas. Até a cachaça, um bom remédio para a tristeza, estava proibido pelo governo. Aos que estavam a fim de afogar as mágoas na marvada, restou o Mercado Negro, administrado com maestria e elegância pela máfia, composta por ítalo-americanos, caso de Al Capone.

Tentando sair do buraco, o presidente Roosevelt, inspirado nas propostas do economista inglês John Keynes, resolveu intervir na economia. Para Keynes, o Liberalismo Social alia a eficiência econômica à liberdade do indivíduo, sem ignorar a justiça social e o *Wellfare State*, que garante o bem estar social à população. Nos EUA, as ideias do inglês se converteram na construção de grandes obras, com o subsídio do Estado, no intuito de oferecer mais em-

pregos. Com o *New Deal*, o governo norte-americano concedeu créditos para empresas, fiscalizou gastos com a agricultura e adotou inúmeros procedimentos assistenciais aos trabalhadores. Não importava se fosse a construção de uma ponte, um prédio ou uma barragem: todo mundo precisava trabalhar para combater os altos índices de desemprego. E o mais importante para os governantes dos EUA: fortalecer o capitalismo e barrar os avanços comunistas da União Soviética e de governos fascistas, que pipocavam na Europa.

Já às vésperas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos recuperavam sua economia. Enquanto Hitler e Mussolini chamavam a Alemanha e a Itália para a guerra, do outro lado do Atlântico, a indústria estadunidense se aquecia na produção de armas e alimentos. Com a Europa mais uma vez arrasada por um conflito, a águia estava cada vez mais soberana no cenário mundial. Os EUA, finalmente, se tornavam os donos do globo. Mas só da parte ocidental, já que os soviéticos desciam sua Cortina de Ferro vermelha nas bandas orientais.

Zé Carioca safado

Nunca gostei dos EUA. Antes da viagem, não fedia nem cheirava, assim como o Canadá. Sempre preferi a história e o estilo de vida europeia. Mas o império nunca ligou para minhas opiniões insignificantes e acha a Europa um museu a céu aberto cheio de velharias. Mãe América, que é muito sábia, abriu suas portas e me fez o convite para uma visita, assim como o faz com outros milhares de jovens universitários brasileiros todos os anos. Em 2008, voltando de uma jornada dentro da América do Sul, nasceu a ideia de fazer o programa *Work and Travel* no fim daquele ano. Exceto Nova Iorque, a Califórnia e Las Vegas, o restante do país era para mim um buraco cheio de cidades e pontos entediantes. Nem da Flórida eu gosto, com aquela aura de pele bronzeada e cara de amante latino da Maria do Bairro ou Ricky Martin.

Tinha lido muito a literatura do Novo Jornalismo norte-americano e me interessado em fazer uma viagem de imersão dentro das tripas estadunidenses e descobrir o porquê do fascínio que os EUA exercem em outras nações. Cinemas abarrotados de produções hollywoodianas. O gosto do brasileiro de frequentar *Shop-*

ping Center. Comer pipoca e tomar refrigerantes durante a sessão. Achar um tênis da *Nike* tão necessário quanto uma cesta básica. Ouvir canções em inglês sem entender porra nenhuma da letra e ainda achar romântico ou dançante.

Não é de hoje que as relações Brasil-EUA fazem história. O Brasil sempre foi cortejado como a joia da América do Sul, um mercado com potencial bastante convidativo. Desde a década de 1930, essa relação bilateral vem se estreitando. Enquanto Hitler, Mussolini e Stalin faziam da Europa um tabuleiro de guerra, os EUA procuravam se aproximar dos latinos, antes que os soviéticos agarrassem a América Latina. Nessa Política da Boa Vizinhança, Carmem Miranda foi estrela em musicais da Fox e Zé Carioca, o periquito malandro, uma homenagem da Disney ao país da morena sestrosa.

Os EUA são o principal comprador de serviços e produtos do Brasil, mesmo que o governo Lula (2002-2010) tenha investido pesado em uma política comercial brasileira com a América do Sul, a África e o Oriente Médio e a Ásia.

Em 2005, o Brasil e os EUA se meteram em uma queda de braço em torno da criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) com a finalidade de derrubar as barreiras comerciais no continente. Sem acordo, o projeto foi para a gaveta. O Brasil temeu perder mercados nacionais com a ausência de impostos em produtos norte-americanos. Já os EUA se preocuparam com a invasão do suco de laranja e do etanol brasileiro, prejudicando a agricultura doméstica. Em um mundo que se diz global, o império continua inflando seus produtores, agrícolas ou industriais, de subsídios. Mesmo com conflitos econômicos, só em 2006, Brasil-EUA movimentaram U\$ 40 bilhões, de acordo com dados da Câmara de Comércio do Brasil.

Os EUA continuam infestando as cidades brasileiras com o seu *American Way of Life*, *Ipods*, filmes, músicas, tendências. O Brasil segue mandando, além de milhões de emigrantes de Governador Valadares, Teófilo Otoni e Rio de Janeiro, produtos manufaturados, suco de laranja para a Flórida, etanol da cana-de-açúcar para brigar com o etanol do milho, aço e as imagens que ainda povoam

a cabeça do norte-americano mal informado: a de Carmem Miranda canta em espanhol, de que a floresta amazônica é uma área de influência internacional e de que o brasileiro, cordial e hospitaleiro, o receberá no aeroporto de Buenos Aires dançando rumba e com um macaco a tiracolo.

No meio dessa relação econômica, política, social e cultural estou eu, dentro de um avião, com meu olhar estrangeiro e louco para ser o próximo Zé Carioca que vai desbravar os interiores da potência. Talvez no aeroporto de Nova Iorque alguém me receba vestido de Tio Sam e uma mala cheia de dólares.

**4.000 QUILOMETROS
PARA TRUCKEE**





WARNING

**NO
TRESPASSING**

**PROHIBIDO
EL PASO**



Metro-North Railroad

de 2 a 8 de dezembro

Qual é o propósito de uma viagem como essa? Uma pergunta que muitos universitários brasileiros das classes média e rica se fazem durante as *Job fairs*, ou as feiras de emprego nas quais algumas empresas norte-americanas vêm à América do Sul para contratar trabalhadores temporários. Era setembro, não como as *Manhãs de Setembro*, que a Vanusa canta cheia de sol e alegria. Aquele dia 23 foi de chuva e vento na badalada Florianópolis. Talvez um prelúdio do período cinzento que viria alguns meses depois. Mas o que importava na época para todos aqueles universitários era arrumar um emprego na face norte da América e se mandar o mais rápido possível do terceiro mundo. Para os que buscavam a Califórnia ensolarada, Floripa era o cenário ideal para assinar um contrato de trabalho gringo. A capital de Santa Catarina tem seus ares de São Francisco, das ruelas, das praias e da ponte *Golden Gate*, que no Brasil tem como similar a hoje desativada ponte Hercílio Luz. Um gosto de *Califórnia dreaming*: viver a vida sobre as ondas, ser artista de cinema. Só existia um porém. A Califórnia disponível para os aventureiros era gelada. E se apresentava com o nome de *Donner Ski Ranch*, uma estação de esqui localizada próximo da fronteira com Nevada e da

capital da Califórnia, Sacramento. Para alguns, era a oportunidade crua de fazer dólares com um trabalho temporário. Outros, além dos dólares, pretendiam falar mais inglês e curtir um país diferente. Para mim, era a chance de revirar os intestinos do império, que desde setembro de 2007 descobriu um rombo na economia. Para quem não acreditava em uma crise dentro dos EUA, ei-la nua e crua. Oito anos de governo Bush. Uma guerra multimilionária contra o Terror no Afeganistão e no Iraque. Recessão na indústria. Desemprego. Pessoas perdendo suas casas. Um panorama nefasto que em novembro de 2008 virou euforia com a eleição de Barack Obama, um democrata e mundialmente aclamado primeiro presidente afro-americano a ocupar a Casa Branca. No dia 20 de janeiro, dia da posse, três milhões de pessoas se locomoveram até Washington D.C, a capital, para a cerimônia. Enquanto eu me virava entre limpar um banheiro e passar o aspirador no carpete em *Donner Ski Ranch*, na distante Truckee, negros e brancos, entre lágrimas, depositavam esperanças no novo presidente.

Lá em Nova Iorque, mais exatamente na cidadezinha de Pleasant Ville, a loucura de encarar uma viagem de quatro dias dentro de um ônibus. No império americano, transporte público existe, mas é pouco utilizado e valorizado. O grande barato é ter carro grande, tipo camionete, cheio de tração, máquinas poderosas bebedoras de gasolina. Para cobrir o extenso território, de cerca de 9,8 milhões de quilômetros quadrados, existe apenas uma empresa de ônibus de nome *Greyhound*. O símbolo da empresa é um cão prateado que lembra um puma, símbolo de velocidade e astúcia. Impérios precisam de símbolos hipnóticos, tais quais o olho egípcio de Hórus e a suástica nazista. A águia americana é igualmente uma hipnose com aquele olhar firme da vitória e da superioridade. Para cruzar os EUA, a melhor alternativa é o avião, devido às grandes distâncias. Pode-se também usar o carro, que aqui é quase vital para os cidadãos. Andar de ônibus é coisa para imigrantes e pobres. Nada mais animador do que andar horas e horas pela estrada, espremido entre mexicanos, negros repletos de colares de prata e calças largas, e mulheres obesas que ocupam dois assentos nos veículos minúsculos da *Greyhound*.

New York, New York

E assim começou a epopeia para chegar até o ponto final: Truckee. De São Paulo até N.Y são aproximadamente 7.600 quilômetros em um voo que dura umas nove horas. Da Big Apple até a Califórnia são mais quatro mil. Para muitos, significa total falta de sanidade entrar em um ônibus e atravessar um país continente. Mas assim é a vida de um jornalista que não se importa com distâncias e o cansaço para conhecer a América sem a maquiagem glamurosa e ilusória dos filmes e da publicidade. O *tour* rodoviário, que durou cinco dias, passou por 11 estados: Nova Iorque, Nova Jersey, Pensilvânia, Ohio, Illinois, Missouri, Kansas, Colorado, Wyoming, Utah e Nevada. Algumas paradas pelo caminho. Cidades muito interessantes como Chicago e Salt Lake City. A solidão nas planícies desérticas do Kansas.

Um dia típico de começo de fim de outono e princípios de inverno. No JFK, um dos maiores aeroportos do mundo, o oficial Andreototta verifica meu passaporte. Uma pequena multidão se aglomera em filas para o controle da Imigração. Um saguão branco enorme, repleto de guichês com placas imponentes: *we are the face of our nation* (Nós somos a face de nossa nação). Assim a polícia de controle das fronteiras se autodenomina. O oficial que examina os documentos parece ter por volta de trinta e cinco anos, levemente calvo, ruivo, pouca barba. Um minuto e meio de exames e alguns *Welcome to the United States of America, Sir!* e eu já estava na sala para recolher as bagagens. Na saída do aeroporto, negros com sotaque típico Bronx ou Harlem oferecem transporte para Manhattan. Dentro dos táxis amarelos, jamaicanos com tocas a la Bob Marley e indianos de turbantes gigantescos esperam por viajantes que querem chegar à ilha que já pertenceu aos índios e foi comprada espertamente pelos holandeses por um punhado de batatas. Isso, *a long time ago*, na época da “descoberta” da América pela Europa.

A passagem de ônibus ou vans, oferecida por várias empresas, pode sair de U\$ 15 até 20. Nesta primeira ida, desembolsei 15 dólares até a *Grand Central*, um dos corações do transporte nova-iorquino, junto com a *Pennsylvania Station*, com transporte de ônibus, trem e metrô. Na saída do JFK, um emaranhado de anéis rodoviários e avenidas adjacentes dão o tom gigantesco do terminal. Na

avenida de saída, há placas com as bandeiras de vários países que realizam voos para os Estados Unidos.

O ônibus para e recolhe mais alguns passageiros no aeroporto de La Guardia, uma espécie de Santos Dumont ou Congonhas, mais dentro da cidade e com mais conexões caseiras. Após quase 50 minutos de viagem, em uma manhã com poucas nuvens no céu e ar cinzento, ingressamos no centro da ilha, e finalmente, na *Grand Central*, um prédio imponente entre a Avenida Lexington e a Quinta Avenida. Típica manhã de metrópole. Pessoas correndo com jornais, pastas e copos de café. Muito barulho. A fumaça devastadora dos escapamentos. Muito barulho.

Um caos. Nova Iorque, Tóquio, São Paulo, Cidade do México, Xangai. Em todas as metrópoles do mundo, o caos do trânsito, dos arranha-céus monstruosos, dos milhões de habitantes. Nova Iorque é um mosaico do que se habituou chamar globalização: 18 milhões de habitantes de centenas de nacionalidades. Na cidade que nunca dorme, a paranoia dos homens barbudos do Oriente continua, mas sem a intensidade dos ataques de setembro de 2001, um soco de direita do fanatismo islâmico que levou abaixo o World Trade Center.

O trem que parte para Pleasant Ville sai da *Grand Central*. O ticket sai por U\$ 7.50. No caminho, o distrito do Harlem, e cidades dignas de um dos estados mais fortes na nação: White Plains, Wallhalla e Hawthorne. Antes do embarque, a edição de domingo do New York Times e, com um inglês ainda carente de prática diária, fui pedir um *Caramel Machiatto* no *Starbucks*, a famosa rede de cafés. O café, para compensar a força da semente negra, é repleto de opções açucaradas, além do “cháfé”, porque muitos americanos preferem grandes quantidades de café menos concentrado, em grandes embalagens e com leite, para atacar menos a azia. Mal poderia supor que no curto intervalo de quatro meses a crise atingiria as grandes redes, fechando lojas como a *Circuit City*, especializada em eletroeletrônicos, e a *Virgin*, templo dos livros, DVDs e CDs. Mas tudo parece bonito em época natalina, das mega liquidações da *Black Friday*, e a *Grand Central* respirava uma das datas mais intensas do consumo. No teto da imensa estação, luzes vermelhas formavam estrelas, constelações e enfeites de Natal. Homens de terno e gravata corriam para vários lados rumo aos vagões que transportam gente ao longo do rio Hudson e ao norte do estado de Nova Iorque.

Uma história americana

Quase uma hora depois, Pleasant Ville apontava no horizonte dos trilhos. O céu permanecia cinzento. De um telefone público, liguei para Adenir, uma amiga dos tempos de faculdade de minha mãe, agora casada com um norte-americano e residente há sete anos nos EUA. Adenir Ferreira é natural de Buritama, São Paulo. Passou boa parte da vida lá como diretora de escola primária. Kursou Psicologia em Assis, quase na divisa de São Paulo com o Paraná. Desistiu do curso. Conheceu Julian, um paraguaio que estudava Engenharia em São Carlos. Casaram-se e tiveram Manuela, Carolina e Violeta. Cansada das persistentes dificuldades, resolveu emigrar.

Di é uma mulher de 50 e poucos anos. Olhos muito verdes, pele morena e cabelos negros. Adora plantas e é muito espiritualizada. Quando eu era criança, ia com meus irmãos e minha mãe visitá-la em sua casa gleba no centro de Buritama, tomada de verde por todos os lados. Manuela, Carolina e Violeta eram como parentes. Na casa, além de muitos cachorros e gatos, a música de Mercedes Sosa, tocando suave ao fundo.

É feliz nos EUA e, como uma índia cherokee, acredita que lá é a sua terra, seu lugar de direito. Esse pertencer à terra é a sua explicação para as duas vezes em que conseguiu entrar no país com visto de turista, permanecer por lá e nunca ter sido extraditada. A primeira vez, em 2003, chegou ao interior do estado de Massachusetts, por indicação de conhecidos de Buritama que tentavam a vida por lá. Arrumaram para ela documentos falsos, que o gerente do *Mac Donald's* em que trabalhou fingia não se importar. Afinal, a maioria dos trabalhadores ali estava na mesma situação. No auge do trabalho, chegou a trabalhar 16 horas por dia.

Arrumou um namorado mineiro ciumento. Quando as três filhas de Adenir emigraram para os EUA também, a relação com ele ficou ainda mais tensa. Di resolveu mudar de ares e, em 2005, desceu até o estado de Nova Iorque, um lugar bem mais calmo do que Massachusetts, segundo ela.

Um carro que necessitava de consertos constantes uniu Di a Peter Miller. Peter, um homem na casa dos sessenta anos, bom americano, temente a Deus, olhos muito azuis e uma energia vigorosa para o trabalho. Como mecânico, possui casa própria, automóvel

e oficina. Sua casa, afastada do centro de Pleasant Ville, tem um quintal amplo, e os vizinhos moram a certa distancia. Melhor para Peter, que jamais considerou a ideia de se trancafiar em um apartamento. Para ele, uma casa com bastante espaço externo e pouca vizinhança é sinal de riqueza e privacidade. Características muito marcantes no pensamento norte-americano: privacidade e muito espaço em volta.

A camionete de U\$ 900 que Adenir tinha comprado quando chegou aos EUA estava com o motor pifado. Não valia a pena consertar, já que um motor novo sairia por menos de U\$ 1000. Mas um conhecido lhe disse que um cara ali das redondezas entendia muito de carros. Ela foi até a oficina, o reparo do motor saiu por U\$ 500 e Peter, que estava divorciado de Josefina, a ex-mulher, há mais de dez anos, se encantou pela brasileira, que penava para achar trabalho. Peter precisava de alguém para fazer faxinas em sua casa solitária e repleta de entulhos e um vaso embrulhado com as cinzas da mãe. Começaram a sair, a jantar e quase se juntaram. Peter, cético, acreditava que Adenir pensava em dinheiro e posses. Nunca perdoou o fato de Josefina ter abocanhado U\$500 mil com o divórcio. Só que a mãe da Di estava muito doente no Brasil e ela regressou. Antes, a promessa: se voltasse aos EUA, se casariam.

Na segunda volta ao hemisfério norte, alguns meses depois, entrou por Chicago. Peter, louco de saudades e com medo de perdê-la, dirigiu mais de 800 km para buscá-la. No dia 15 de novembro de 2006, se uniram em uma igreja centenária de pedra no centro de Pleasantville. Continuam juntos até hoje. Adenir trabalha como faxineira e chega a ganhar U\$100 por faxina. Em um dia, chega a fazer três delas, que duram de duas a três horas. Mas tem dois patrões que requerem muito seus serviços; os Franklins, um casal octagenário de judeus ingleses com apartamento em White Plains e uma ilha nas Antilhas, no Caribe, residindo lá a maior parte do ano. Quando estão nos EUA, Adenir é a titular na arrumação do apartamento.

Peter Miller não tem filhos. Passaporte, tampouco. Suas únicas incursões ao exterior foram ao Canadá, quando era jovem e cruzava a fronteira para caçar animais selvagens, como ursos, na companhia de amigos. Possui uma rotina programada e meticulosa. Antes das oito da manhã, já está de pé. Café da manhã rápido e

ida para a oficina, que fica a 20 minutos de carro de sua residência. Ao meio-dia, volta, prepara seu almoço, sempre uma salada com azeitonas, cogumelos, tomate, repolho, e uma carne desfiada fria. Tempera tudo com molhos que ele mesmo prepara.

Come invariavelmente em frente à TV, em sua cadeira favorita e em uma saleta conjunta à sala de estar que é seu refúgio. Lá, depois das 17, horário em que retorna da oficina, dedica boas horas a programas policiais. Um de seus favoritos se chama *Cops*, que lembra os policiais shows de Marcelo Rezende e José Luis Datena na TV brasileira, mas muito mais truculento. Uma das diversões preferidas de Peter é imitar, de maneira jocosa, o sotaque dos negros, que, em sua maioria falam um inglês bastante anasalado. Aos domingos, gosta de convidar amigos para jantar. Bob e Linn são seus favoritos e para quem ele se diverte ao desfilar seu vasto repertório de piadas sobre negros e seus sotaques

As noites de Peter também são dedicadas às contas. Em sua saleta particular, há uma mesinha, repleta de papéis, uma luminária e uma calculadora. Lá, ele analisa as contas da oficina e emite fatura aos clientes. Na TV, gosta de assistir ainda a jogos de hóquei e futebol americano. 11 da noite é horário sagrado nos Millers. É a hora de se recolhe aos aposentos, e levar toda a casa para o sono. Na casa de Peter Miller, todos se recolhem quando ele vai descansar. Sem televisão, internet ou barulheira. Peter tem o sono muito leve, e costuma se levantar pelo menos duas vezes por noite para ir ao banheiro. Totalmente nu, como gosta de dormir.

Nos cinco dias que passei por lá, o esquema metódico de Peter não se alterou. As visitas que entrem no ritmo da casa.

Primeiras impressões

In New York/ Em Nova Iorque
Concrete jungle where dreams are made of/ Selva de concreto onde se
fazem os sonhos.

There is nothing you can do/ Não há nada que você possa fazer.
Now you are in New York/ Agora que você está em Nova Iorque.
These streets will make you feel brand new/ Estas ruas farão você se
sentir novo em folha.

Big lights will inspire you/ Grandes luzes vão inspirar você.
Let's hear it for New York, New York, New York/ Vamos ouvir isso de
Nova Iorque.
(Jay-Z e Alicia Keys, Empire State of Mind, 2010)

Todo grande império que se preze se orgulha de fazer de um grande centro seu cartão de visitas. Foi assim com o império persa, que tinha a capital Susa como símbolo. Depois, o império romano e sua Roma encantada. Ao longo dos séculos, apareceram os britânicos e a cosmopolita Londres. O império francês e a Paris das luzes. No caso norte-americano, a capital Washington D.C figura em segundo plano em relação a Nova Iorque, o majestoso cartão postal do império ianque.

Cravada na Ilha de Manhattan e dividida em cinco distritos (Bronx, Brooklyn, Manhattan, Queens e State Island), N. Y encanta pela grandeza. É uma cidade cosmopolita, reúne gente do mundo inteiro, e por ser uma metrópole, é um lugar onde as coisas “passam despercebidas”, como escreve o jornalista Gay Talese em *Fama e Anonimato*. Segundo Talese, “Nova Iorque é uma cidade para excêntricos e uma central de pequenas curiosidades”. Na medida em que uma cidade se enche de arranha-céus, fica difícil contemplar o que está no alto. Para os nova-iorquinos, N.Y, fora dos guias turísticos, não é nenhuma beleza. Talese, em suas andanças por lá, constata: “É uma cidade de trabalho duro, de carros demais, gente demais”.

Imaginem então que *Fama e Anonimato* foi publicado nos anos 60, enquanto N.Y estava em intenso processo habitacional. Segundo dados do censo de 2000, vivem, só na cidade de Nova Iorque, mais de oito milhões de pessoas. Juntando-se a região metropolitana

na, 18 milhões de habitantes, de todo canto e nação.

Ainda no Brasil, decidi que iria mais cedo aos EUA só para sentir Nova Iorque em clima natalino. Na Quinta Avenida, uma das artérias principais, milhares de pessoas caminhavam de uma loja a outra atrás de promoções e dos últimos presentes. No Central Park, com as árvores secas do inverno, esquilos passeiam tranquilos em busca de nozes e pessoas patinam no rink montado bem no meio do gigantesco parque. Na região do Rockefeller Center, a tradicional árvore natalina iluminada, além de inúmeras luzes e enfeites de Natal que se espalham pelo centro. Um espetáculo para os turistas.

Nova Iorque é considerada uma cidade global por ter bolsa de valores, além de ser a sede das Nações Unidas. Em seus domínios, se encontram ainda a Broadway, a Times Square, museus, como o de História Natural e o do Sexo, a Estátua da Liberdade, a Chinatown, as pontes do Brooklyn e George Washington, a Wall Street, além de outras atrações que se escondem na selva de concreto da América do Norte.

As nações imperiais possuem ar magnânimo e imponente, mas isso não as impede de apresentar surpresas muito agradáveis quando se fala em ajuda ao próximo, como, por exemplo, as lojas *Goodwill*, uma espécie de brechó solidário, que orgulhosamente exhibe a frase: “Quando você compra nas lojas *Goodwill*, está patrocinando treinamento de emprego e programas de inserção a pessoas com deficiências e outras desvantagens”. Segundo a assessoria da loja, existem mais de 2.300 lojas da rede espelhadas pelos EUA e Canadá.

Além do bazar, é possível fazer doações em dinheiro, que é revertido em cursos preparatórios aos funcionários. A maioria deles, pessoas com deficiências físicas e mentais. Para a *Goodwill* (boa vontade), todos merecem uma chance. Para esse grupo de pessoas, com pouco espaço no mercado de trabalho, é uma grande oportunidade. E nas lojas se encontra de tudo. Roupas para adultos e crianças, móveis, utensílios para casa, além de uma infinidade de bugigangas. Tudo em nome de uma “boa ação” dentro do império do capital e do consumo desenfreado.

Travessias

Em White Plains, uma cidade mediana de 500 mil habitantes, o ônibus não chegava. Fazia um frio de arreentar a medula. O vento chacoalhando as árvores nuas, galhos feito mãos finas e negras. O primeiro destino era Chicago, terra natal de Barack Obama e onde Al Capone se tornou célebre pelo tráfico de álcool durante a Lei Seca, em plena crise de 1929. Com o atraso do ônibus, quebrado na rodovia Albany-White Plains, seria impossível fazer todas as baldeações até Illinois. Dali, não havia ônibus direto até Chigaco. A passagem até lá custou U\$ 95.

Ao meu lado, um homem gordo, com a pele do rosto arroxeadada pelo excesso de peso. Uma garota morena e um rapaz de óculos e rosto triangular faziam companhia a ele. Algumas senhoras negras de mãos brancas devidos às rachaduras do frio, uma funcionária mexicana da *Greyhound* e algumas máquinas de refrigerantes. Salgadinhos e doces completavam o cenário da sala de espera. Certa hora o homem gordo me disse que estava indo a Nova Iorque levar os amigos à estação de ônibus e que havia um lugar disponível no carro. No começo, dei uma de São Tomé, estranhando tamanha oferta. Mas, entre esperar o ônibus, que levaria mais pelo menos 1h30 para chegar e possivelmente, perder a baldeação em N.Y, resolvi arriscar. E fomos.

Ao longo do caminho, Oscar se apresentou, assim como Débora e Wagner, ambos peruanos. Oscar vive aqui há 15 anos e trabalha com transportes. Os outros dois latinos são mais dois universitários indo para Pittsburgh, Pensilvânia. Provavelmente para trabalhar alegres fritando batatas e hamburgers no *Mac Donald's*. No rádio, um programa de humor em espanhol divertia Oscar enquanto ele cruzava a rodovia repleta de carros com sua camionete branca. Da janela, era possível avistar o Bronx, um bairro barra pesada dos negros e a ponte George Washington, uma das conexões entre Nova Iorque e Nova Jersey. Cortando o tráfego, o possante entrou pela oitava avenida, próxima a Times Square.

Jogando as malas com fúria, corremos até o ônibus. Eram dez da manhã e o motorista, um senhor calvo e moreno, estava impaciente. Aos berros do condutor, só restava ocupar um acento e sair voando. Aqui, os motoristas de ônibus não prezam muito pela educação. Dentro do ônibus, assumem o papel de líder incontestado.

Com um microfone, dão as boas vindas aos passageiros, informam o itinerário e explicam as regras de “boa convivência” dentro do veículo, tudo de acordo com as regras da empresa. Não fumar, não consumir bebidas alcoólicas e se for usar aparelhos eletrônicos, tais quais *Ipods*, *MP3s* e celulares, fazer da maneira mais discreta. Afinal, alega o motorista, ninguém está interessado na sua música ou na sua conversa. Aliás, conversar alto também não é bem visto pelo condutor da embarcação e, vez ou outra, ele se pega chamando a atenção dos que ousam violar as regras.

O itinerário do ônibus era: White Plains- Nova Iorque (Nova Iorque), Newark -Allentown (Nova Jersey), Harrisburgh -Pittsburgh (Pensilvânia), Cleveland (Ohio) e Chicago (Illinois), o ponto final.

Apesar de se encontrar boa comida nos EUA, o gosto popular pende para as frituras. Em Harrisburgh, uma das paradas, o almoço foi bastões de queijo frito com coca cola. Produtos orgânicos são caros, alimentar-se com saúde é trabalhoso. O americano médio é adepto das *junk food*, que, em bom português, é comida de merda mesmo. O prazer supremo para muitos é a combinação de um hambúrguer bem gorduroso, batatas-fritas, ketchup e um refrigerante. De preferência, o maior que houver.

No bar em que almocei, o ambiente fedia a gordura. Alguns homens bebiam despreocupadamente em um balcão antigo, ou em mesas já bastante gastas. A garçonete, de meia idade, era muito simpática. Como tinha que trocar de ônibus em Harrisburgh, carreguei mala e mochila bar adentro. Ao sair, com certa dificuldade, um senhor me ajudou, abrindo a porta. O homem, um senhor de rosto muito vermelho, ficou intrigado com o forasteiro que por ali passava e me perguntou para onde eu estava indo. “Pittsburgh”, disse a ele. “Pittsburgh? Por quê?” retrucou o homem, como se eu estivesse me encaminhando para algum inferno.

A noite demorou a passar. Ainda era madrugada quando Chicago apareceu sob neblina e chuva. O que fazer debaixo da chuva às cinco da manhã? Esperar na estação até que amanheça.

20 horas de viagem em um banco duro de ônibus deixa qualquer um com a espinha gelada. Sentados em alguns bancos da estação, vários homens de chapéus pretos, macacão e camisas azuis. Mulheres de roupas sóbrias, saias, camisas e um gorro cheio de babados escondendo os cabelos. Crianças igualmente vestidas em tons negros. Assim são os *amishis*, colônias de camponeses espalhados em sua maioria pelo norte e centro do país. Um dos pre-

ceitos *amish* é que os homens cultivem barba e cabelos longos. A sociedade *amish* é quase isolada da “civilização”, tendo costumes e regras próprias. Conservadorismo é a palavra do dia para os senhores do campo que se orgulham da distância segura dos “malfícios” da sociedade moderna. Aos rapazes que completam 18 anos, lhe é dado o “privilégio” de viver um ano fora da colônia. Após o período, a decisão de voltar para a família ou cair no mundo. Criados sob os preceitos de que o mundo fora do seio familiar é perverso e diabólico, a maioria dos jovens retorna à colônia para constituir família e continuar o trabalho com a terra. Na estação de ônibus, alguns *amishis* se concentram em comer alguns lanches e tangerinas. A cara é de poucos amigos. Espalhadas pelo chão, pessoas exaustas tentam descansar enquanto esperam a chamada da próxima viagem. Os olhos vão ficando turvos. O cansaço bate. Sono, muito sono.

Naquela manhã eu não vi Chicago. Na verdade, eu a vi, mas de um ângulo pouco agradável. É comum se sentir seguro em países de primeiro mundo. Casas sem grades, com jardins bonitos à mostra. O esquecimento da paranoia de ser sequestrado ou morto por uma bala perdida. Mas as coisas não são bem assim. Ao acordar, queria ir ao banheiro e guardar as malas no guarda-volume. Mas, ao por a mão no bolso interno do casaco, cadê a carteira?

Revira daqui, mexe de lá. E nada.

**A PRIMEIRA
DAS VIRADAS**





de 9 a 12 de dezembro

Ebate o desespero, até a constatação: puta merda, me roubaram! Nada melhor do que começar uma viagem sem um tostão no bolso. Junto com a carteira foram vários documentos, cartões de crédito, anotações e pedaços de papéis com lembranças, além do resto do dinheiro. A sensação de segurança ruiu. Era como estar no meio do fogo cruzado em um país afundado em violência. Observar o olho do furacão muito de perto e em Chicago, terra célebre em gângsters e gangues de rua. No meio da crise, a cidade de quase dez milhões de habitantes sentiu o gosto da derrota ao constatar a falta de capital e cada dia mais pessoas perdendo casas, virando sem teto ou *homeless*.

Do estado de Illinois, da capital Chicago, surgiu a grande esperança na reestruturação estadunidense: Barack Obama. Embora nascido no Havaí, o atual presidente considera Illinois sua base política, tendo sido eleito senador pelo estado na gestão 2005-2008. A estação da *Greyhound* amanheceu abarrotada de negros, *amishis* e mexicanos. Agoniado, fui procurar um policial e reportar o acontecido. Conversa vai, conversa vem e recebi a instrução de ligar para a base policial mais próxima e obter um protocolo. Por sorte, estava com alguns cartões telefônicos internacionais no bolso e con-

seguir ligar para o Brasil e pedir que bloqueassem os dois cartões de crédito. Também não me restou alternativa do que ligar para a Adenir e pedir um empréstimo de 500 dólares.

Não havia como pegar o dinheiro na estação, pois a *Western Union* de lá não estava funcionando. A casa de câmbio mais próxima era a cinco quadras dali. Na falta de um carro ou de uma alma caridosa na metrópole, era arrastar as malas debaixo de uma chuva fina e irritante. Tinha ganhado um chapéu estilo militar russo da Adenir para proteger as orelhas em dias de frio intenso. Mas debaixo daquela chuva maldita, o chapéu de pelos mais parecia um gato morto e ensopado na minha cabeça. O empréstimo era a sobriedade até chegar a Truckee e receber o primeiro pagamento. Tirando a água do chapéu e das luvas, comecei a relembrar a entrevista que me deu o emprego em *Donner Ski Ranch*.

No saguão do hotel Majestic, um prédio imponente na orla de Floripa, jovens de terno e gravata, camisas bem passadas, banho tomado. Até parecia uma convenção de negócios ou algo do tipo. Mas eram apenas universitários esperando a entrevista com os talvez futuros empregadores nas terras de Sam, o homem de barba branca e olhar firme dizendo *I want you to the american arm* (eu quero você para o exército americano). A convocação em si naquela ocasião era para uma legião de jovens latino-americanos para tomarem lugar nas cozinhas, teleféricos e lojas de equipamentos em diversas estações de esqui e hotéis. Era mais um início de temporada no Hemisfério Norte de neve e cada americano dentro do hotel buscava mão-de-obra barata para a guerra atrás de clientes para esquiar ou fazer snowboard.

Podia-se sentir no ar a apreensão, gotas de nervosismo nos rostos ao ouvir seus nomes para a entrevista. A minha estava marcada para as 13h30, e ainda era de manhã. Para gastar um tempo, uma boa caminhada. Ao contrário da beca impecável de alguns, eu estava fedendo e com o cabelo oleoso. 16 horas dentro um ônibus. Não há desodorante e barba feita que aguentem. O jeito era rumar até a rodoviária e tomar um banho. O tempo ruim insistia. Três voltas na figueira centenária, um dos pontos turísticos da cidade. Reza a lenda que os que dão as voltas ao redor da árvore costumam se casar ou ter desejos realizados. Um pouco de superstição nunca fez mal a ninguém. De volta ao hotel, de camisa e calça jeans, o momento do encontro. Sentados em uma mesa, dois homens e uma mulher de sorriso simpático me aguardavam. Janet e Marshall Tuttle, proprietários de Donner, e Lincoln Kauffman, o gerente geral.

Todos de meia idade.

Conversa vai, conversa vem e, após meia hora, o contrato amarelo brilhou em minhas mãos. Antes da assinatura, alguns lembretes de Janet e Lincoln: você vai para um lugar muito frio, talvez trabalhar do lado de fora e os olhos azuis e a face germânica de Kauffman advertiram que eu teria dias miseráveis e outros muito bons dentro do rancho.

Mas como não se pode assustar a presa logo de cara, um “morde e assopra” pode ser válido. Carolina H., que trabalhou na cozinha, relembra que disseram a ela que *Donner Ski Ranch* era como uma família, da qual os novos empregados fariam parte. Consta até no folder da empresa: *Donner Ski Ranch é a última estação de esqui gerenciada de maneira familiar na área do lago Tahoe*. Com um clima tão família assim, era difícil que as coisas pudessem dar errado. A ansiedade também era muito grande para pensar em tanta coisa. Sai do salão admirando o papel dourado. Antes, uma foto sorridente para o fotógrafo da Intercultural. Propaganda é a alma do negócio.

Para a temporada 2008/2009, que vai do começo de dezembro até princípios de maio, foram contratados cerca de 80 latinos do Brasil e Argentina. Lugares como Taubaté e Volta Redonda, La Plata e Paraná. O contrato previa trabalhar de 15 de dezembro a 15 de março, mais ou menos o período das férias de verão no Brasil. E já distante da América do Sul, Chicago continuava sob uma camada fina de neblina. A carteira já tinha ido pro brejo. As ligações para reclamar do furto com a polícia local tinham sido em vão. E locomover-se até a delegacia mais próxima para passar o dia inteiro sendo interrogado por tiras não era bom negócio. Era o tempo de andar por Chicago e checar se tinha valido a pena a parada tão cheia de turbulências.

Esticando as canelas

E como valeu o passeio pela cidade. Assim como as avenidas de Nova Iorque, Chicago é repleta de ruas muito largas. Arranha-céus muito altos dão o tom ao centro. Na biblioteca pública o acesso à internet é livre. É possível usar o computador por uma hora na maioria das bibliotecas norte-americanas. A leitura também é muito estimulada para os cidadãos. Herança dos tempos da Guerra do Vietnã, na qual o poderoso exército ianque descobriu que os vietnamitas liam muito e que os livros por lá custavam cerca de um dólar. O resultado por subestimar o pequeno país asiático foi uma retirada vergonhosa das tropas norte-americanas no governo Ford, em 1975.

Chicago foi moradia de Al Capone. Durante a crise de 1929 e no início do *New Deal*, o consumo de bebidas foi banido pelo governo com a Lei Seca. O homem baixinho e de descendência italiana fez fortunas contrabandeando álcool. Em Chicago não se encontra muito sobre a vida de Al Capone, mas ele continua sendo uma das figuras emblemáticas da cidade, assim como o lago Michigan. O inverno já tinha mostrado as caras e o lago estava coberto por neblina e um vento cortante. No começo da noite começou a nevar.

Comi um sanduíche no *Subway* e fui a uma loja de departamento atrás de uma calça jeans, pois tinha levado só duas e a que eu estava no corpo era muito fina, já dava sinais de que estava rasgando. Com o dinheiro contado, investi sete dólares em uma calça da *Old Navy*, uma marca do tipo Renner ou C&A, lojas desse estilo populares no Brasil.

Era mais de uma da manhã quando o ônibus saiu da rodoviária com destino a Salt Lake City, em Utah. Mais ou menos um dia e meio de viagem, passando por Saint Louis, Missouri, Kansas City, no Kansas, e outras cidades menores para escala.

Dentro do ônibus é possível ter uma experiência transcendental pelas caras que formam a América dos subúrbios. Além dos assentos duros e pouco reclináveis, não existe sistema de números. Antes do embarque, uma fila de malas e sacolas vai se formando. É assim que se marca o território de chegada de cada passageiro. A *Greyhound* oferece por módico cinco doletas a oportunidade de comprar uma cadeira numerada. Também só é permitido um volume por pessoa no bagageiro. Cada volume extra custa cinco

dólares. É possível comprar dois tipos de passagem: a *refundable*, que possibilita, em caso de desistência de até três horas antes de embarcar, a devolução do dinheiro. Já a *non-refundable* não resarcia um centavo em caso de desistência, mas tem a vantagem de ter um preço mais barato.

Alguns bancos à frente em que eu estou sentado está uma senhora obesa, com roupas de elástico baratas. Ocupa dois bancos, assim como a filha, que está sentada ao lado. Nos rostos delas escorre um suor de desespero pelo excesso de gordura, e pela falta de ar que impregna o ônibus. Compõem ainda o cenário seis lésbicas, alguns mexicanos e americanos pobres de botas mal polidas e olhar pouco amigável.

Mas os três casais gays chamam atenção pelos cabelos curtos e jeito expansivo. A cada parada, acendem um cigarro e riem no meio do clima praticamente desértico do Kansas. Eu era o único brasileiro do rebanho. Em um posto de gasolina, uma das meninas, com um piercing no canto da boca, vem puxar papo. Olha com certa admiração minha calça, com um leve rasgo no joelho.

- *Are you in the family?* pergunta algo como se eu pertencesse a uma certa família.

Sem entender, pergunto o significado da frase e ela me explica que, para a comunidade gay estadunidense, um homem que veste uma calça mais justa pertence à "família". Era quase noite, preferi ficar na minha e não esticar a conversa. Era o terceiro dia perambulando dentro de um ônibus e o desgaste físico e mental me fez mais calado. Na noite anterior, tive um assento livre do meu lado. Quando me esticava, um senhor com cara de poucos amigos ao lado me xingava: *senta direito aí, caralho*. Algumas horas depois, e Salt Lake City começa a surgir no horizonte empoeirado da manhã.

A calma mórmon

Um homem chamado John Smith, filho de um pobre lavrador da Nova Inglaterra, tinha afirmado em 1827 ter-se comunicado com o anjo Moroni. Em decorrência desse contato e de outras revelações, Smith fundou o mormonismo e passou a defender a poligamia. Em 1844, uma multidão furiosa arrombou a cadeia de Illinois, onde ele estava detido e matou-o. Smith foi substituído como o profeta da seita por um antigo pintor de paredes e vidraceiro, Brigham Young, que levou os mórmons para o Oeste, até Utah, onde a religião floresceu e permitiu-lhe sustentar 27 esposas.

(Gay Talese, *A Mulher do Próximo*, 262)

A cidade de Salt Lake tem um pouco mais de 200 mil habitantes. Apesar de ser a capital de Utah, a calmaria de cidade do interior impera. A maioria da população segue a religião mórmon, seguidores da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. E, por conta disso, os mórmons ditam enorme influência no estado, onde bebidas alcoólicas quase não existem, a não ser em Park City, uma das estações de esqui mais badaladas do país, um bastião da resistência que permite cervejas com mais de cinco por cento de álcool. Pelo centro da capital se encontram todos os escritórios da cidade e o principal templo mórmon, um complexo imponente com direito a museu, jardins com fontes e capelas.

Missionários do mundo inteiro são recrutados para trabalhar na cidade. Me acompanham na visita pelo complexo religioso a irmã Da Costa, brasileira de Rondônia, além de uma missionária da China e outra das Ilhas Salomão. A irmã Wang vai explicando a religião para os visitantes. Dos princípios, com o profeta Joseph Smith e a criação do Livro dos Mórmons, até as investidas dos religiosos em banir de Utah produtos com cafeína, como a poderosa *Coca-Cola*. Para os que seguem a conduta mórmon, a alimentação é controlada, além de outros dogmas bastante originais. Por exemplo, a conversão pós-morte à religião por meio de um “batismo” entre o mundo terreno e o dos espíritos.

Exceto o quartel general de igrejas, escritórios e monumentos mórmons, Salt Lake é pouco interessante. Basta um dia de caminhada e já se tem a impressão de ter se visto tudo o que é turístico. É possível visitar o Capitólio e as instalações dos Jogos Olímpicos de

Inverno, realizados por lá em 2002. Como o dinheiro estava quase no fim e a viagem até Truckee ainda levaria mais um dia, o negócio era apelar para uma comida mais em conta, de barraquinha. Tacos de queijo e legumes com um café para tapear o estômago.

Último trecho da epopeia: mais uma noite super confortável de ônibus até Reno, em Nevada, terra absoluta dos cassinos.

Aparência de mendigo, com o corpo todo sujo, o cabelo ensebado e carregando uma mala e uma mochila feito andarilho. Ainda na rodoviária, um pseudobanho na torneira na esperança de limpar-se um pouco dos dias sem conforto algum. E a noite seguiu mais tranquila com os cabelos perfumados de xampu anti-caspa. Chegando a Reno, lá pelo nascer do dia, não havia tempo para esperas. Antes de seguir para Truckee, faltava dar entrada no *Social Security Card*, o documento que valida a permissão para trabalhar nos Estados Unidos, tanto para americanos quanto estrangeiros. E *Donner Ski Ranch* exigia aos futuros trabalhadores ao menos um recibo do escritório para validar a contratação.

Nove da manhã. Fazia um friozinho e Reno, uma pequena Las Vegas, sofria da insônia dos cassinos que nunca dormem. Em uma cidade que vive do entretenimento e da jogatina, o sono se esconde discretamente entre caça-níqueis e mesas de pôquer. A fila para obter o cartão de trabalho começava a ficar grande e as caras latinas iam aparecendo. Todas com mochilas de empresas de intercâmbio. Nos escritórios do *Social* não se permite entrar com malas, assim que um aglomerado de bagagens foi deixado porta fora.

Dentro do escritório, muita calma pelos vários guichês se dividindo na tarefa de emitir aos cartões de trabalho e lidar com o intenso fluxo de americanos que buscam ajuda do governo. Um senhor negro do sul da Califórnia esperava resolver o problema de pensão após um acidente de trabalho que quebrou sua perna. De chinelos, seus pés mostravam as rachaduras brancas que o inverno proporciona. Duas mexicanas esperavam receber um cheque de seguro desemprego e assim por diante.

Ao meu lado estava Carolina H., a primeira brasileira que eu conheci e também estava indo trabalhar em *Donner*. Uma sulista de Blumenau de lindo sorriso. Lá também estavam Hugo Lopes e Débora Leão, um casal carioca que viveria comigo na pensão dos Mac Cauley's e depois na casa dos brasileiros. Número do cartão 616-73-3777. Oficialmente no sistema de trabalhadores nos EUA, Carol e eu partimos rumo ao *Walmart*. Ao contrário da pompa que se adotou no Brasil com as lojas de departamento internacionais,

o *Walmart* de lá é basicamente frequentado por pobres e por ter preços imbatíveis. Com 100 dólares para fazer uma compra que durasse para o mês, ali era o lugar certo. Abarrotados de sacolas de comida e suprimentos, fomos arrastando o fardo pelo estacionamento até o ponto de ônibus. Vida de imigrante sem lenço nem documento é foda.

Às 15:30 de uma sexta-feira pouco ensolarada, já com indícios de neve, tomei o último ônibus da via sacra pessoal. Mais U\$ 13,50 gasto com passagens. Era a hora de conhecer Truckee e o Summit, a região onde os próximos três meses seriam vitais para mergulhar no interior do império, repleto de vilas, homens de natureza rude do frio e paisagens deslumbrantes.

**ALICIO NO PAÍS
DA PUTARIA**

**DONNER
SKI
RANCH**

OPEN

**DONNER
SKI
RANCH**

12 a 22 de dezembro

Na história de Lewis Carroll, a pequena Alice adormece em um bosque e vive uma fantasia com direito a um coelho falante, um exército de cartas de baralho e uma rainha autoritária. Três meses de trabalho em uma estação de esqui também proporcionam experiências bizarras.

Na fábula da vida real, negão Obama venceu as eleições presidenciais contra os branquelos John McCain, um veterano de 72 anos da guerra do Vietnã, que mal consegue levantar os braços, e Sarah Palin, a bisonha governadora do Alaska, de penteado esdrúxulo e declarações pra lá de infelizes ao longo da campanha. Entre elas, a de que entendia muito de política externa pelo fato de o Alaska estar próximo à Rússia. Na Califórnia, o governador do estado mais rico da nação é um austríaco ex-fisciculturista e astro do cinema. É o exterminador do futuro, Arnold Schwarzenegger, quem rege o *Golden State*.

Los Angeles, San Francisco, Sacramento, San José, Santa Barbara, Chico e uma infinidade de outros nomes em espanhol mostram que o México está muito vivo dentro da Califórnia, que atrás do Texas e Alaska, é o terceiro maior estado do país, o mais rico e de grande densidade populacional, com grande concentração de *tica-*

nos. Assim como na Flórida, a Califórnia escancara o clima latino nos EUA.

Um exemplo dessa força latina é que a maioria das placas e indicações estão em inglês e espanhol. Durante a era Bush (2000-2008), iniciou-se a construção de mais um muro da vergonha, que pretende dificultar ainda mais o ingresso de mexicanos pelo sul dos EUA. Como toda ex-colônia, os habitantes das terras colonizadas se sentem no direito de buscar uma vida melhor nas ex-metrópoles. Argelinos e senegaleses povoam os centros e periferias de Paris e Marselha. Angolanos e moçambicanos expõem uma das várias caras da África pelas ruas de Lisboa e do Porto. Indianos e paquistaneses na sombria e moderna Londres.

Mas voltemos ao palco principal da loucura, a pequena Truckee, com seus 14 mil habitantes, incrustada nas montanhas de Nevada e Califórnia. É impressionante que a maioria das grandes estações de esqui norte americanas se encontrem em tal fim de mundo. Na estação de ônibus e trem, bem no centro minúsculo da cidade, Débora, Hugo e eu ainda não tínhamos lugar definido para morar. Carol tinha alugado uma casa com outros brasileiros e era a única a salvo. Eram por volta da cinco da tarde, e o sol já se dissipava frente ao impiedoso inverno. Um vento cortante se alojava entre os telhados das lojas e nos rostos que se escondem nos cafés. Ligação para um táxi.

Um furgão pára em frente ao terminal. Deixamos Carol em sua nova casa e seguimos montanha acima, em direção ao *Ski Inn*, uma pensão incrustada no topo da montanha. O motorista, por oportunismo ou ignorância, desconhece o endereço. Cortando as montanhas, ainda sem neve, chegamos a Donner, onde o gerente geral Lincoln explica ao motorista o local procurado. A uns três quilômetros dali, estava a casa de madeira, praticamente isolada, a não ser a estação de *Sugar Bowl* e de um vizinho na frente. Pagamos os 40 dólares da corrida e começamos a descarregar a bagagem. Dentro da casa, movimentação intensa. Kari Mac Kauley, a dona da pensão, fazia uma festa no rancho para comemorar o aniversário de 50 anos.

Na sala de estar, afundados de costas em um sofá antigo, estão Ciro e Raoni, que me indicou a moradia. Ambos brasileiros e futuros trabalhadores da estação de esqui. A decoração, como Ciro de-

nominou, não tinha “o cu a ver com a calça”. No teto, a carcaça de um urso. Uma mesa de bilhar. Uma lareira de pedra. Uma saleta com televisão, aparelhos de som e DVDs, uma mesinha de centro de madeira rústica e dois sofás antigos. Ainda na ampla sala, dois banheiros, um piano cujas teclas careciam de mais cuidados, um baú de brinquedos e uma bancada cheia de livros e revistas abaixo de uma imensa janela com uma visão fantástica das montanhas do Summit.

O objeto mais curioso do cômodo é uma cadeira de abdominais. Kari a comprou porque estava em promoção, mesmo não sendo adepta de nenhuma atividade física. No *hall* de entrada da casa também se encontram carcaças de outros aparelhos de ginástica, um microondas e uma série de entulhos baratos aos quais os americanos se afeiçoam, e que pelo preço baixo, acabam comprando e depois não sabem o que fazer com eles. Assim, milhares de aparelhos são jogados fora todos os dias, aumentando o imenso lixão norte-americano do descartável. Na casa-pensão, ao descer as escadas para a sala, uma máquina de refrigerante quebrada repousa ao lado da porta de vidro.

A casa que abriga o *Ski Inn*, construída na década de 1940, foi primeiramente uma base do exército na Califórnia. Após 28 anos sem sediar os Jogos de Inverno, os Estados Unidos, em 1960, receberam as Olimpíadas de Inverno na estação de *Squaw Valley, CA*, vencida pela ainda potência URSS. Por sua localização próxima à estação e pela quantidade de quartos grandes e dois galpões no subsolo, a casa militar se transformou em hospedaria para atletas da competição que reuniu 655 participantes de trinta países. Os Mac Kauleys a compraram no fim dos anos 70, após o casamento deles, no México. Kieth e Kari Mac Kauley são ambos californianos, republicanos com simpatia pelo democrata Barack Obama. Têm dois filhos e uma neta, Lola Bell, que passa os sábados por lá. Desde os anos 90, com o intuito de melhorar a renda familiar, passaram a alugar os quartos aos que trabalhavam durante o inverno nas estações de esqui. Há duas categorias de preços: para uma cama no porão, pagam-se 400 dólares mensais, enquanto um quarto privado no terceiro andar sai por 600 dólares. A cozinha é comunitária, havendo contíguo um pequeno refeitório com quatro mesas longas, armários e um freezer para armazenar comida. Na parede, um quadro imenso com a bandeira dos Jogos de 1960, peças de esqui e uma placa escrita Truckee.

Como dispunha apenas de um pouco mais de 100 dólares para

me virar até o primeiro pagamento, pedi a Kari um prazo de um mês para acertar o primeiro aluguel. Aquela mulher loira, de olhos muito azulados, gordinha e risonha, concordou. Sexta-feira gelada, indício de neve. Chegamos um pouco antes de Keith e a esposa estarem de partida. A festa era no bar de *Donner*. Nos convidaram para ir. Havia comida e bebida à vontade, além da chance de olhar pela primeira vez o rancho. Deby e Hugo conseguiram por 600 dólares mensais privacidade. No andar dos quartos, um corredor semi-circular cheio de quartos minúsculos, dois banheiros coletivos, e a área dos Mac Kauley: um quarto, um escritório e um banheiro, religiosamente trancados.

A mim, restou juntar a mala e a mochila e descer os cerca de vinte degraus de escadas até o porão, onde havia dois galpões imensos. Antes, alojamento militar, e, durante os Jogos de Inverno, alojamento dos atletas. Hoje, a cópia fiel de uma cela de presídio, em maior escala e com um pouco mais de requinte. Entre os dois “quartos” fica a lavanderia comunitária, com máquina de lavar e secadora. Ambas um serviço à parte. Para lavar, um dólar. Para secar, 50 cents. E o sabão e o amaciante, claro, por conta do interessado. No quarto à esquerda, geralmente se hospedam os inquilinos (americanos e brasileiros) que ficam menos tempo. No da direita, gente que se encontra por ali há mais tempo ou que já estão na segunda ou terceira temporada ali. São quase moradores fixos no *Ski Inn*.

Os dois galpões possuem diferenças gritantes. Apesar de cada um conter seis beliches, de madeira maciça pintada de azul, alguns armários e instantes, igualmente azuis, e um banheiro, com duas privadas e dois chuveiros, o galpão “estrangeiro” é um pouco mais organizado, se comparado ao “americano”, mas também não chega a ser nenhum palácio de Buckinham. O quarto vizinho ao nosso parecia um Carandiru em miniatura, pois havia vários lençóis fazendo as divisórias entre beliches. E atrás dos panos, iam se revelando pôsteres de mulheres peladas, televisores, videogames, cinzeiros e todo tipo de parafernália que um jovem enfeita o seu quarto. Na área externa da casa, existe ainda um deck onde é permitido fumar, e o estacionamento, onde Kieth, ao retornar do trabalho, estaciona de ré, mesmo com uma neve infernal, seu trator gigantesco.

Antes de sairmos para o aniversário de Kari, chegaram ao *Ski Inn* cinco cariocas, vindos de Reno. Sandra, amiga de longa data da aniversariante e moradora da pensão, estava muito feliz e havia

preparado uma torta para a festa. Dentro do carro, nos ofereceu uísque, para tomar em estilo cowboy, virando a dose direto da garrafa. Em *Donner*, e principalmente no bar, havia bastante gente. A maioria, de meia idade, com latas de cerveja e algo para beliscar. No cardápio da festa, salgadinhos industrializados, queijos, tortas, e algumas comidas mexicanas, como o guacamole. Por lá se encontrava também grande parte dos trabalhadores da estação, já que morar no topo da montanha não é para qualquer um e, sendo a comunidade pequena, todo mundo se conhece.

Subi as escadas até os escritórios para cumprimentar Lincoln, que me recebeu cordialmente e perguntou se eu estava preparado para trabalhar. Jannet, a dona do lugar, também estava curiosa para saber o que tínhamos achado de *Donner*. Para mim, naquele momento, o mais importante era encher a pança e economizar uma refeição do estoque comprado no *Walmart*. E a festa acabou servindo para comer mesmo, pois Ciro, Raoni e eu não conhecíamos ninguém e o clima estava mais para os tiosões, bebendo litros de cerveja e ouvindo um som anos 70/80, tipo Direstraits em *Walk of Life*. Resolvemos voltar para casa a pé, já que ainda não havia neve na estrada e para nos habituarmos aquele caminho que seria companheiro inseparável nos próximos três meses.

Aquecendo as turbinas

Sete da manhã. Sábado. Todo mundo de pé. 13 de dezembro. O primeiro contato com o novo emprego, e com o alerta de que as posições não seriam fixas, que éramos poucos trabalhadores e, em certas ocasiões, poderíamos fazer algo diferente do que constava no contrato. Apesar de um trabalhar na cozinha e outro no estacionamento, éramos todos *resort workers*, funcionários de *Donner Ski Ranch*. Assim, deveríamos ser treinados para tudo. No meu contrato, havia três opções de emprego: operador de teleférico e aluguel de equipamentos; cozinha e serviços gerais.

Diego Custódio e Anna Bellizzi, subgerentes da estação, nos receberam às oito horas para o treinamento. Estava prevista a assinatura de um termo de compromisso como funcionário do local, um termo de responsabilidade, entre outras papeladas e da entrega de nossa documentação completa (passaporte, entrada no *Social Se-*

curity), para sacramentar a contratação. Para nos receber carinhosamente, havia chocolate quente e rolinhos de canela. Carolina A., uma carioca da Tijuca, amou o doce e queria saber a receita daquela maravilha que vinha da cozinha do renomado *chef* Max Fox. É claro que os bolinhos eram mais um produto industrializado, uma das iguarias pré-congeladas que compõem o *menu* de Donner.

Após a palestra de boas vindas sobre o regulamento interno, a assinatura do contrato em definitivo e as funções de cada um definidas, fomos separados em grupos, para que cada um passasse por treinamento específico. Minha primeira função seria o trabalho no *Rentals*, destinado ao aluguel de equipamentos de esqui e snowboard. Um representante da Head, empresa que fornece os equipamentos para Donner, nos ensinou desde como recepcionar os clientes até ajustar o snowboard ou os esquis de acordo com o peso e a altura de cada pessoa.

Marshall, apesar de dono do local, é um homem que não foge ao trabalho braçal. Mesmo com um temperatura abaixo de zero, veste sempre jeans e um moletom. Ele mesmo se encarregou de nos mostrar o funcionamento do teleférico seis, usado por iniciantes. Primeiro, assistimos a um vídeo muito antigo sobre a vida de operador de teleférico, seus deveres e como proceder em casos de pane no equipamento, como preencher o diário de bordo e os primeiros socorros em caso de acidente. Depois, fizemos uma prova para checar nossos conhecimentos de *lift operator*. Tudo ali parecia muito antiquado à primeira vista. A sala de vídeo era improvisada em um dos refeitórios dos clientes, a fita parecia feita nos anos 80 e isso trazia uma sensação de insegurança para quem ia trabalhar em uma função tão importante para a estação.

A maioria das pessoas ainda não tinha roupas para neve, mas, mesmo assim, foram até o lado de fora aprender o funcionamento da geringonça. Meu jeans e botas ficaram ensopados após alguns minutos de caminhada na neve. Débora olhava tudo com espanto. Duda Klingefus, de Florianópolis, não queria participar do treinamento, alegando problemas com altura. Marina Vieira, carioca de Niterói, com frio na espinha ao se lembrar do episódio: “Eu me lembro do primeiro dia de treinamento. Fui de calça jeans, sem nada embaixo, tênis e meia, tipo eu ir pra Friburgo, um lugar de frio aqui no Rio. Eu fui com luvinha de lã, totalmente sem noção. Nada daquelas luvas de neve. E foi o treinamento de *lift* lá fora. Eu congelava. Fui chorando de frio, subindo o teleférico. Aí eu morri, sofri, chorei”. Hugo, também carioca e habituado ao calor, se im-

pressionou com a simplicidade de Marshall, que apesar de dono da estação, era um cara que carregava lenha, que trabalhava junto com os funcionários, até cavando neve.

Voltamos para casa exaustos. Era como se o trator de Kieth tivesse passado impiedoso nas costas de cada um. Na entrada de casa, os cinco cariocas, estarecidos, esperavam um taxi. Um deles dizia, em tom de protesto: “aqui não tem condições de viver, meu irmão. Isso é uma merda”. Me senti chamado de mendigo. Mas depois fui descobrir que o carioca mais exaltado, Thiago, era diabético e precisava de um frigobar para acomodar insulina. O taxi chegou e foi desaparecendo noite adentro direção Reno, onde eles se instalaram no hotel cassino *Circus Circus*. Caro leitor, você ainda ouvirá muito sobre esses cariocas.

Em um sábado à noite, você pensa em sair, tomar cerveja com os amigos, cair na noite. Mas, no topo da montanha, blindado do mundo, o que restava era a televisão e a mesa de bilhar.

A única internet disponível na casa era a do computador do escritório. Não havia o menor sinal de que eles instalariam wireless ali. Só havia duas formas de conexão no meio daquela neve toda: usar os três computadores na sala dos funcionários de *Donner* após o expediente, e a biblioteca de Truckee. No primeiro caso, a conexão ainda era *dial-up*, internet discada. Um simples email poderia levar uma hora para ser enviado. Preencher a matrícula do semestre na faculdade, uma via crucis. Na biblioteca, só se podia usar uma hora de internet por dia.

Morando na pensão, uma gama de gentes vindas de muitas regiões da Califórnia e de Nevada, todas vivendo ali em função da temporada de inverno. No galpão gringo, morávamos Ciro, Raoni e eu. Ciro ainda esperava a chegada de Chris, amigo dele, filho de americanos radicados no Brasil, que costuma passar as férias nos EUA.

No galpão dos americanos, moravam, em sua maioria, jovens que passam a temporada ali para trabalhar nas estações de esqui da região e pela possibilidade de fazer esqui ou *snow* de graça, já que os funcionários não pagam entrada. Lá no “Carandiru” se

encontravam Eric, o supervisor do estacionamento de Donner e alguns jovens, que passariam a temporada trabalhando em *Sugar Bowl*, como Lucas, descendente de orientais, uma dupla de amigos inseparáveis, da qual só me lembro o nome do Ethan, um loirinho meio rebelde e pouco inclinado a estrangeiros na pensão, entre outros.

Em nosso galpão viriam a nos fazer companhia Nate, um californiano muito simpático, Tom, um senhor veterano da Guerra do Vietnam; Todd, um roqueiro das antigas, tratorista em *Sugar*, e Mario, um baixinho careca, olhos verdes, óculos e barba por fazer. Veio para compor a equipe da equipe de segurança de *Donner*, responsável pelo resgate dos acidentados na montanha e pelos primeiros socorros.

À deriva

Do dia 13 a 18 de dezembro, uma notícia ruim deixou todos apreensivos: não havia neve. Céu cinza e apático. Às vezes o sol se aventurava a dar as caras por alguns instantes. Com a falta de neve, não havia previsão para que a estação abrisse. Jannet, sorrindo com de habitual, pedia que nós rezássemos por neve: *pray for snow, please*, como um mantra, um chamado aos deuses do inverno para que branqueassem aquelas montanhas da noite para o dia. Mas a neve não aparecia. Assim, não havia trabalho, clientes, nada. Em *Sugar Bowl*, a estação da frente, poderosa, dispunha de máquina artificial de neve. Para eles, ainda era viável abrir a estação. Para nós, mesmo com as tentativas de Kieth e dos outros tratoristas em dar uniformidade às pistas, uma infinidade de buracos de terra ainda apareciam sob a neve fina.

Nessa primeira semana de incertezas, alguns trabalhadores resolveram viajar, conhecer São Francisco ou a belíssima região do Lake Tahoe, composta de uma cadeia de montanhas e do lago, além de cidadezinhas muito acolhedoras, como Kings Beach e Tahoe Vista. Outros foram às compras em Reno, com opções de cassinos, restaurantes, shopping e cinemas. Alguns ainda se aventuraram por Truckee. Aos moradores brasileiros do *Ski Inn* restou a diversão caseira. Eu estava com a grana contada, como a maioria dos outros.

Ciro havia comprado um narguilé e fumávamos quase todas as

noites, do lado de fora, geralmente acompanhados de cervejas e da companhia dos americanos que entre cigarros de tabaco, fumavam maconha, seja em forma de cigarro ou dentro de cachimbos. Até Kari, a dona da casa, era adepta da erva. Impossível esquecer aquela doce figura, ao lado do Eric, um dos poucos moradores fixos, compartilhando um cachimbo na entrada da casa ou no *deck*. Ou de Kari, com Honey, a cachorra dos Mc Kauleys, andando lá fora e rindo com um cigarro na boca. Ou Eric, mesmo debaixo de nevasca, com um cigarro e um livro na mão, quase meditando.

Outra de nossas diversões favoritas era assistir aos DVDs que ficavam na sala. Quase todos filmes eram de terror barato, de sangue de groselha. “Clássicos” como *A Casa de Cera* e *As Montanhas têm Olhos*. E, é claro, os inúmeros torneios de bilhar que organizamos e partidas intermináveis, tentando matar o tempo. Um clima de férias se instalou. Sem hora para dormir ou acordar. E tanto sossego escondia a apreensão de não se ter notícias de quando começaríamos a trabalhar. Quase todos os dias dessa semana ociosa, eu caminhava cerca de 15 minutos até *Donner*, atrás de alguma definição.

Apesar de já estar nevando timidamente, as pistas não estavam calçadas o suficiente de neve para a prática de esportes. Mas eis que, na noite de quarta-feira (dia 17), a natureza parece ter ouvido as preces e os apelos. Uma nevasca tomou conta do ambiente. Euforia. No sábado, *Donner Ski Ranch* abriria oficialmente a estação 2008/2009 ao público. Todos os 80 novos funcionários estavam convocados para ligar os botões dos teleféricos, arrumar a cozinha, fritar hamburgers e batatas, limpar as botas, os esquis e os snowboards. E ficar a postos.

O mundo dos *Smurfs*

Finalmente chegou o primeiro dia de trabalho sério. 19 de dezembro. Mesmo com a quantidade limitada de neve, o Natal e o Ano Novo estavam próximos e os novos funcionários deveriam estar aptos a lidar com a forte demanda dos feriados. Naquele lugar, eu deixei três meses da vida, um monte de suor gelado, latas de cerveja e pontas de cigarros de maconha pelo caminho.

A primeira choupana de madeira construída na área que viria a ser *Donner Ski Ranch* é de 1937. Durante os anos 1930, o esqui ganhou muita projeção no lazer e esporte norte-americanos. Na região de Tahoe, repleta de montanhas geladas e belos lagos, além da proximidade com a costa, surgiu a região ideal para que se instalasse uma cadeia de estações de esqui. *Sugar Bowl*, a vizinha poderosa de *Donner*, é de 1939, e chegou, no início da estação, a ter Walt Disney como um dos principais acionistas. *Squal Walley*, a principal e maior estação dali, é também desse período.

Com um folder simples, mas bem explicativo, *Donner* se apresenta aos clientes e interessados: “ Em *Donner Ski Ranch*, localizada na histórica rota 40, você encontrará uma atmosfera relaxante e segura, com uma estrutura de seis teleféricos e mais de 500 acres de extensão, com terrenos para todas as habilidades. *Donner* é o último esqui resort operado de maneira familiar na região do Tahoe. Nós o convidamos para fazer parte da família *Donner Ski Ranch* e aproveitar a atmosfera divertida e familiar”.

O ingresso mais caro para um adulto usufruir a montanha custava U\$ 40 nos feriados e fins de semana. O mais barato, cinco dólares, para uma criança, ao longo da semana. Fora o trunfo dos valores muito em conta, e considerando que os EUA, em 2009, estavam em plena crise econômica, os donos do local ainda oferecem no folder as dez razões para se abrir a carteira e passar um dia agradável sob esquis ou snowboards.

1. Seis teleféricos em mais de 500 acres
2. Vistas maravilhosas
3. Terrenos para todos os níveis
4. Ótima planagem das pistas
5. Administração familiar
6. Uma fabulosa escola de esqui
7. Funcionários amigáveis
8. Estacionamento grátis
9. Sem filas para esquiar
10. OS TIQUETS MAIS BARATOS

Com tantos benefícios, só falta mesmo pegar o carro e ir correndo pra lá. Mas um funcionário, mesmo que de *Work and Travel*, não é turista, apesar de muitos enxergarem sob essa ótica. Num intercâmbio a trabalho, a primeira coisa a pôr na cabeça é que você não passa de um funcionário da empresa, sujeito às normas e regulamentos, às têmperas do chefe, suas birras e simpatias. Para os funcionários de Donner, o uniforme consistia em uma blusa de mangas longas azul escuro e um boné, ambos com o nome da empresa, ou de um casaco de neve igualmente azul, para quem fosse trabalhar do lado de fora. Uma calça preta de neve era obrigatória no figurino da maioria dos setores, exceto na cozinha e nas cabines dos tíquetes.

Por muitas vezes, me senti um dos *Smurfs*, tira de quadrinhos da década de 50, muito popular nos anos 1980, sob o formato de desenho para televisão. E o delírio não é tão distante assim. Donner se orgulha de sua organização familiar. Os *Smurfs* vivem da mesma maneira. Com aqueles uniformes azuis, os funcionários da estação seriam reconhecidos a quilômetros de distância. Papai *Smurf*, para nós, só poderia ser o Marshall, o velhinho bondoso e sorridente. Havia meninas muito bonitas lá, dignas da personagem *Smurfette*. E Gargamel, o vilão da história, cairia feito luva para Lincoln. No desenho, o feiticeiro, sempre de preto, arquiteta planos mirabolantes para capturar os homenzinhos azuis. Em Donner, o gerente geral, que tem uma queda por roupas escuras, faria as vezes dos grandes olhos vigilantes de Papai *Smurf*. Se Gargamel dispunha de caldeirões e da companhia de seu gato Cruel, Lincoln Kauffman tinha, além do poder da gerência, sua moto de neve (*snowmobil*). Além de seu cachorro, que não era tão cruel assim.

Primeira marcha

Brinca-se que a primeira vez é inesquecível. Para um sul-americano, pouco habituado à neve, trabalhar em uma estação de esqui, abaixo de zero grau, deve ser algo marcante. Dos 80 latinos, uma meia dúzia apenas tinha presenciado uma paisagem cujo branco gelo impera. Havia ainda o atrativo de se estar nos Estados Uni-

dos, lugar que para muitos projeta a imagem de um país pra lá de moderno, impecável. Mas qual é a surpresa ao se por os pés em *Donner*? Cadê a TV de plasma 42 polegadas no refeitório? E os computadores da *Apple*? A primeira impressão costuma ficar gravada, e muitos dos trabalhadores da temporada 2008/2009 ainda se lembram do primeiro contato.

Para Carol H., a primeira impressão foi boa, apesar de a cozinha não ter agradado de princípio pela sujeira e desorganização. Juliana, que trabalhou todo o período na cozinha, já esperava encontrar um lugar mais simples, só que se espantou com a falta de organização da empresa, ainda mais por ela ter cursado Administração de Empresas.

“Eu pensava que ia pros EUA, para uma estação de esqui, e ia ter o exemplo do que era a administração norte-americana, que a gente aprende na faculdade de Administração. Ai você chega lá (em *Donner*), e é a maior bagunça, totalmente amador. Era atravessar a rua, olhar *Sugar Bowl* e ver que o negócio lá era diferente. Cara, a vida ali era uma merda”.

(Bernardo Tavares, natural do Rio de Janeiro. Trabalhou como operador de teleférico)

“É obvio que lá dentro você fica indignado com as coisas. Querendo ou não, todo mundo que trabalhava ali do Brasil e Argentina era de classe média pra alta, e vai lá e convive com gente de renda menor, e acha que só porque está nos Estados Unidos precisa ter uma TV de plasma gigantesca no refeitório. Mas no lugar da TV, um relógio velho. O aspirador de pó parecia um robô soltando fumaça. Um dia, a Anna (sub-gerente) me pediu para limpar o refeitório com uma menina da cozinha. E ela achando o cúmulo limpar mesa, achando que foi lá atender clientes. Disse pra ela: minha filha, tu quer atender cliente, procura um escritório. Tu veio pra fazer trabalho braçal. Se não sabia disso, *so sorry*.”

(Larissa Moraes, natural de Criciúma. Trabalhou na venda de tíquetes)

“A primeira vez que vi *Donner*, pensei: um lixo”

(Bruno Menegatti, natural de Camboriú. Trabalhou como operador de teleférico)

“Era uma casinha pequena de madeira, com uns enfeites de Natal. Pensei: pô, isso aqui que é *Donner*? Aí me lembrei da Jannet dizendo que lá era um lugar pequeno, mas muito louco, insano”.
(Rodrigo Velasco, natural do Rio de Janeiro. Trabalhou no aluguel de equipamentos)

Não tenho muito a dizer de uma primeira impressão. Na primeira semana por ali, na qual ninguém trabalhou, pude ver que o lugar era muito simples mesmo, mas ninguém da administração havia prometido um Éden tecnológico. A estação se resumia ao *Annex*, um predinho de madeira com alguns apartamentos coletivos. Ali, os funcionários estrangeiros podiam alugar para viver durante a temporada.

Na parte central do terreno, o casarão, também de madeira, dividido em três andares, fora o estacionamento. No subsolo, funcionava o escritório de venda de tíquetes (três cabines internas e a “caverna”, uma sala que dava para a rua), além da sala dos equipamentos para aluguel. Havia ali dois banheiros, armários para se guardar os pertences, a salinha da escola de esqui e um salão repleto de entulhos, aparelhos quebrados, vassouras e baldes. No segundo andar, a cozinha, o refeitório para clientes e o bar, circulados pelo *deck*, que, nos dias de sol, ficava repleto de gente comendo, rindo, bebendo cerveja e fumando. O terceiro andar contava também com refeitório e uma sala interna, que na teoria era destinada aos funcionários. Mas lá servia mais de depósito de tralhas do que tudo. Havia ainda os escritórios da gerência, a sala dos computadores (três) e o relógio do ponto. Antes do início e do fim do expediente, todo mundo precisava bater o ponto com a digital para computar o período trabalhado.

De resto, se espalhavam pelos 500 acres os teleféricos, as pistas e o *magic carpet*, uma espécie de escada rolante pequena, na qual as crianças podiam brincar, e os que estavam aprendendo a arte do esqui/snowboard podiam ensaiar os primeiros passos. Nas dependências da estação, em um chalé, viviam Lincoln e seu cachorro. Do outro lado da estrada, um estacionamento extra para os dias de movimento intenso, um *container* que guardava madeira para a lareira central e as placas e cones do estacionamento, e um outro predinho, na qual Max Fox, o gerente da cozinha, passava seus dias solitários.

Comecei trabalhando no aluguel dos equipamentos. Ali no *Rentals* não deu nem para respirar, pois fiquei por ali dos dias 19 a 23 de dezembro. Mas isso se explica daqui a pouco. Antes, o funcionamento do local. Às oito da manhã era o horário em que quase todos os departamentos da estação começavam a funcionar, exceto o estacionamento. Às 7h30, Eric, o supervisor, chegava sempre cordial e sorridente, mesmo que em sua boca restassem apenas dois dentes guerreiros, que insistiam em não abandonar seu dono por sua péssima saúde bucal. A Eric e ao funcionário que o ajudaria no estacionamento cabiam as tarefas de ir até o *container* e dispor as placas e os cones, responsáveis por organizar o terreno em linhas paralelas para os carros estacionarem. Cada um estaciona o próprio veículo. O funcionário apenas orienta o posicionamento. Não é manobrista.

Na cozinha, a primeira hora do expediente era dedicada à limpeza dos quatro banheiros disponíveis aos clientes e a organização de tudo que vai ser oferecido para o café da manhã e almoço. Cada funcionário tinha uma função mais específica, mas não raramente fazíamos de tudo um pouco ali. Nos equipamentos, era necessário checar se estava tudo em ordem, se as botas de esqui/snowboard estavam com os pares certos, assim como os esquis e os tacos de apoio, chamados de *poles*. Do lado de fora, na rua, os *lifts* cavavam neve para construir as pranchas de embarque e desembarque dos teleféricos, colocar as placas de sinalização e de orientações, além de checar se as máquinas estavam funcionando e se havia clima bom para liberar os teleféricos para o público.

Havia, na parte da frente da montanha, dois teleféricos mais voltados a iniciantes (o seis e o quatro), e o maior da estação, o número um, que levava até a parte de trás da montanha, onde se encontravam ainda os teleféricos dois, três e cinco, usados mais por pessoas com certa vivência em esportes de inverno.

Após todo esse procedimento, *Donner Ski Ranch* estava pronto para abrir-se ao público, sempre às nove da manhã até as quatro da tarde. Na teoria, parece simples tocar o funcionamento da estação, ainda mais com o sistema de gestão norte-americano, tão propalado pela eficiência e o slogan de que tempo é dinheiro. Mas na prática, aquele rancho que se orgulha do pilar da família iria, camada a camada, revelando-se uma verdadeira espelunca.

A SEMANA DO DÓLAR





Os primeiros dias de trabalho foram bastante intensos, especialmente por conta da semana dos *Holydays*, o Natal e o Ano Novo. Papai Noel estava chegando, e apesar dos prenúncios de que a temporada não seria tão boa, por causa da crise econômica, Marshall, Jannet e Lincoln esperavam lucrar o suficiente para não passar no vermelho. Até a virada para 2009, era grande a expectativa de clientes em bom número. Um dia de pico para *Donner* é quando a estação recebe entre 1.500 a 2.000 pessoas. Nos três meses em que estive por lá, isso aconteceu de se contar nos dedos de uma mão.

Comecei na primeira opção do contrato, como funcionário no aluguel de equipamentos, supervisionado por Link, o marido de Anna, e Rowe, um amigo dele. Link era o mais calmo da dupla. Fala pausado, cordial. Usa sempre um moletom com capuz, um boné e um jeans. Careca. Olhos verdes. Boca pequena e dentes bem tortos. Já Rowe era o oposto. Tipo loirão, cabelos compridos, ar desleixado, repleto de tatuagens. Olhos também verdes. Brinca-lhão. Durante os intervalos, ia sempre à cozinha, cortava uma maçã em quatro pedaços e voltava comendo.

A maioria dos funcionários ali não teve problemas com eles. Para

Hugo e Débora, a relação com eles era muito boa. Para mim não fez muita diferença. Foram quatro curtos dias perguntando pelo número dos calçados (*what's your shoes size?*), ajudando a apertar as botas, convivendo com o odor dos pés, regulando esquis e pranchas de snowboard e preenchendo formulários para a devolução do equipamento ao fim da jornada.

Cada cliente que levava os equipamentos recebia um formulário com a descrição completa do que fora alugado. Uma segunda via ficava em um arquivo. No momento da devolução, o cliente precisava entregar o papel para checar se estava tudo em ordem. Se um pé do esqui ou a bota estivesse quebrada, aí era a gerência quem se encarregava do abacaxi. E não eram raros os casos de gente que “perdia” equipamentos montanha adentro e obrigava os *ski patrollers*, a equipe de segurança, a ir resgatar as peças.

Uma tarde dessas, meu expediente acabou antes das 16hrs. Resolvi calçar as botas e os esquis e me divertir na montanha. No início da temporada, os funcionários podiam pegar equipamentos emprestados, desde que não estivessem em horário de trabalho e a estação não estivesse cheia. Eu já tinha esquiado algumas vezes na Argentina e no Chile, além do período em que morei na Alemanha, em intercâmbio, entre 2005 e 2006.

Se a lógica de que andar de bicicleta não se esquece, me lembraria de uns movimentos e da dinâmica dos esquis. Aquele contraste maravilhoso do sol a pino refletindo na brancura da neve. As pessoas contentes, agasalhadas até o dedo mindinho. Crianças e adultos se esborrachando em tombos. Uma sensação gostosa de liberdade, sentindo o vento cortante no rosto. No pé da montanha, alguns instrutores ensinavam os marinheiros de primeira viagem a parar em pé naquele monte de geringonças. Não deve ter nada melhor do que passar o dia trabalhando na escola de esqui. Seria também uma boa oportunidade de praticar inglês de uma forma mais solta do que as perguntas programadas no aluguel dos equipamentos.

Resolvi arriscar e ver se não havia uma vaga para ser professor de esqui. No fim do dia, fui procurar Dana, a instrutora chefe. No bar, sentada no balcão, estava a figura loira, cabelo tijelinha, na casa dos 50 anos. Tomava uma cerveja. Rosto fechado, meio sapatão, o que depois acabei descobrindo ser mesmo. Antes de me sentar ao seu lado, perguntou se eu era maior de 21. Nos EUA, em geral, os abaixo dessa idade não podem frequentar bares, consu-

mir ou comprar bebidas alcoólicas. Em *Donner*, os funcionários carregavam nos crachás, além da foto e do nome, a denominação de maior ou menor de 21 anos.

Olhando o meu crachá, Dana me ofereceu uma cerveja de um dólar e se mostrou simpática com a minha sugestão, apesar de num primeiro momento não deixar claro que preferia os argentinos e os chilenos para o emprego. Só me disse que iria conversar com o Link e pedir para que eu ficasse um dia na escola de experiência. Parecia muito boa aquela oportunidade. Sair do mau cheiro das botas no fim do dia para aquelas tardes ensolaradas na neve.

No dia seguinte, trabalhei de manhã no aluguel dos equipamentos e, depois do almoço, Dana mandou me chamar para fazer um treinamento. O instrutor Paul esperava. Paul era um senhor de olhos muito claros, um bigodão saliente, jeito amigo. Disse sempre adorar os brasileiros e que o churrasco, que ele dizia em português “espeto com carne”, era um de seus pratos favoritos. Junto comigo estavam Guadalupe, uma argentina muito loira, e Ana Paula, uma curitibana que buscava alguma posição de trabalho. A missão do dia, e os americanos têm gosto por essa expressão, era ensinar a algumas crianças os primeiros passos sob esquis. Cada um ficou responsável por uma e Paul coordenaria a atividade. Antes, nos passou instruções: ter calma e paciência com os alunos. E os dois movimentos mais básicos do esporte; a *pizza* e a *paralela*.

A *pizza* é o quando as pontas dos esquis quase se tocam, formando o desenho de uma fatia da comida italiana. Já na *paralela*, os esquis se movimentam lado a lado. Em ambos movimentos, os joelhos ajudam na impulsão quando flexionados, além de oferecerem mais equilíbrio ao corpo e evitar lesões. Com um sorriso nos lábios encobertos pelo bigode, Paul comandava a dança quase cantando: agora a *pizza*, *pizza*, *pizza*. Virou *paralela*. Joelhos flexionados para virar na *pizza*. Vamos lá gente, bom trabalho.

Cuidei de um menininho gordo, moreno de óculos. O nome me fugiu da memória. Mas me lembro muito bem que ele estava muito apreensivo, com medo de cair. O pai, lá no pé da montanha, o incentiva. Para dar mais segurança, estendia os meus bastões para que ele segurasse e assim virar o corpo nas duas posições. Paul estava gostando desses cuidados e da paciência que eu demonstrava. Após uns 20 minutos de alguns tombos e derrapadas, o menino

passou a se divertir com os esquis e ensaiar algumas descidas. Nós dois íamos até o pé da montanha e voltávamos no teleférico para iniciantes. Uma hora de aula. Agora, restava ao menino sair com seus pais para um dia agradável de passeio nas pistas menores da montanha.

Dana elogiou os três aprendizes de instrutor e disse que nos chamaria caso precisasse de mais gente. Só Guadalupe permaneceu no cargo. Ana ficou sem trabalho em Donner, até ir ao escritório, chorando, e se transferir para trabalhar de camareira em um dos hotéis chalés de Marshall e Jannet. Link, talvez por não ter gostado da minha atitude de trocar de posição, não me quis de volta no aluguel de equipamentos. Passei a vagar por ali, atrás de trabalho. A partir daquele momento, saía o Elcio para entrar o Alício, a dor de cabeça de *Donner Ski Ranch*.

O Homem Hambúguer

O hambúguer é uma rodela de carne marrom e suada, com 98 milímetros de diâmetro, no mínimo, e de 125 a 145 gramas de peso. Atirado na chapa, pula como uma ficha de plástico. Congelado, estala como uma moeda ao bater num vidro. Depois de frito, tem, no máximo, dez minutos de “vida”; porém na maioria das vezes fica muito tempo nos balcões. Se o deixam degelar, começa a cheirar mal. Por isso é que, ainda congelado, jogam-no imediatamente na chapa. Depois, é recoberto com os conhecidos condimentos e ingredientes, colocado entre duas fatias de pão e embalado em isopor.

(Günter Wallraff, Cabeça de Turco, pág 38)

De maneira solene, Lincoln se referia ao chefe de cozinha Max Fox. “Esse é o nosso cozinheiro. Pode-se notar pelo tamanho dele”. Fora essa apresentação, Lincoln, que era amigo de longa data de Max, tinha uma infinidade de outros apelidos e tratamentos ao amigo, como tanque, gordo preguiçoso e tiranossauro rex. Só que Max Fox, antes de sua empreitada em *Donner*, fora bem mais magro e melancólico do que aparentava. Nasceu em Oakland, cidade vizinha a São Francisco, filho de uma família com boas condições financeiras. Nos anos 1970 e 1980, chegou a ser campeão californiano e americano de skate, e, segundo ele, muito cobiçado pelas

mulheres. Mas, sob as rodas do skate e do deslumbre, vieram os problemas com as drogas e o alcoolismo. Foi expulso de casa e virou vagamundo.

Antes de ir parar em Donner, passou, sem sucesso, por algumas estações de esquis vizinhas. Em *Sugar Bowl*, dez vezes mais organizada e gerenciada do que o rancho, trabalhou uma temporada como operador de teleférico. Foi demitido por justa causa depois de ter oferecido goles de álcool aos clientes, completamente chapado. Durante esse período, morou no *Ski Inn*. Kieth, o dono da pensão em que eu morei, lembrava com gosto o dia em que o expulsou de sua casa e de como aquele “saco de bosta inútil”, como ele o definia rindo, não lhe descia mais pela garganta.

Chegando uma madrugada do trabalho de construir as pistas de esqui, Kieth se deparou com uma cena bizarra. Na sala da pensão, com a TV ligada, Max se masturbava. Para Kieth, que se orgulha de ser o xerife da boa ordem e costumes da casa, era demais. Pegou Max pelo colarinho, lhe aplicou uma surra, juntou suas coisas no quarto, e com Max no pacote, jogou tudo porta fora, aos berros de *vaza da minha casa e nunca mais ponha os pés aqui*. Nunca uma punheta custou tão caro.

Para fechar a temporada perfeita de Max Fox, ele ainda foi preso, junto com Phillip, um dos moradores da pensão, em Reno, Nevada. Acusação: consumo de cocaína, maconha e álcool no carro e arruaça e discussão com o policial em via pública. Mesmo trabalhando, o cozinheiro de *Donner* estava sob custódia e pagando uma fiança para evitar uma nova prisão pela noite animada nos cassinos de Reno.

O Max versão 2008/2009 já não se exibia mais no skate, morria de pavor de subir em um teleférico e passava seus dias entre um trago e outro de tequila, cerveja e vodka, além de se sentir o monarca absoluto da cozinha. E era lá que eu passei a trabalhar, do dia 24 de dezembro até o início de fevereiro, sujeito, assim como os outros funcionários, as chuvas e trovoadas do *gordo*.

Na terça-feira, dia 23 de dezembro, fui até a cozinha e me apresentei ao meu novo chefe, o terceiro em uma semana. Max apenas disse que eu começaria no dia seguinte e para chegar às oito da manhã. Véspera de Natal, a estação começou a encher já nas primeiras horas do dia. A mim, coube trabalhar com todo vigor na limpeza do chão da cozinha e dos banheiros. No horário do almoço, o ritmo da cozinha é alucinante: a chapa não pára de chiar e receber hamburgers, as gavetas de óleo fritando batatas-fritas, medalhões de

responsável pela chapa, achava graça de tudo aquilo, mas não queria se meter em confusão, já que ainda era visto com muito bons olhos pelo cozinheiro. Kieth, sem papas na língua, continuava seus insultos, enquanto Kari, no *deck* da pensão, fumava um cigarro e dividia com Eric um outro de maconha, às vezes fumada no cachimbo.

Ciro, que havia comprado um narguileh em Reno, fazia nossas noites mais alegres. Como a casa era de madeira e fumaça era proibida lá dentro, montávamos o fumo árabe, e mesmo com neve e um frio do caralho, permanecíamos do lado de fora, entre tragos e goles de cerveja, interagindo com os americanos. Honey, a cachorra, andava de um lado pro outro, indo se embrenhar na neve, voltando toda contente, molhada e carinhosa.

Na véspera do Natal, fizemos uma ceia entre os brasileiros do *Ski Inn*. Mariana e Florência, da Argentina, participaram também. Salada, arroz bem papa e frango, *Coca-Cola* de acompanhamento. A maioria dos outros habitantes da pensão tinha voltado para a casa dos pais ou não viam a menor graça em celebrar o nascimento do menino Jesus. Enquanto criança, meu encanto eram os presentes. Que Papai Noel se explodisse desde que trouxesse um montão de lembrancinhas. Já adulto, passei a não achar graça no dia 25 de dezembro, tirando a reunião familiar. Nos EUA, a popularidade do bom velhinho, mesmo em tempos de crise, é alta. Apesar do clima natalino e de todos estarem cozinhando juntos e arrumando a mesa, não estava bem. Talvez aquela saudade de casa batendo. Olhar em volta e aquele mundo de neve continuar estranho, hostil.

Jantamos em uma das mesas do refeitório, sem decoração. Dias antes, tínhamos ajudado Kari a montar a árvore de Natal, um dos poucos itens que lembravam a festa em casa. Daquela noite, especial foi à presença do Eric, que ceou com a gente. Um homem muito sozinho, de coração enorme, que chorava baixinho ao telefone, na escada para os quartos de baixo, quando falava com sua mãe já muito idosa e doente.

A diversão da noite ficou por conta do desafio entre Chris, Ciro e Mops, que resolveram correr de cuecas na neve. Os três branquelos voltando do lado de fora com a pele toda avermelhada

de arranhões. Impagável. Terminada a ceia e a corrida maluca, fui para o quarto. Muita dor de cabeça. Vontade de não ver ninguém. Não ajudei a lavar a louça e isso deixou os outros muito bravos. Só expliquei minha ausência no dia seguinte.

Gorjeta maldita

Nos EUA, um hábito cultural muito comum é o das *tips*. Para nós, brasileiros, à famosa gorjeta, convertida em bares e restaurantes nos dez por cento do serviço. Para um norte-americano, classe baixa, média ou alta, é deselegante não deixar uma contribuição, por menor que seja. Em temporadas anteriores, muitos trabalhadores do *Work and Travel* se encantaram com a fartura das gorjetas. Em hotéis, estações de esqui e cassinos, um camareiro chegava a receber, por dia, até U\$ 60 só em trocados. Não foram poucas as histórias que ouvi de que gente em *Donner* pagava o aluguel com isso. Mas eram tempos difíceis, de vacas bem magras.

Na estação, o único setor que poderia lucrar com as *tips* era a cozinha. Ao lado dos caixas do bar e da cantina, um pote onde se depositavam notas de um dólar, cinco, dez, além de moedas. A caixinha do bar ficava com as duas americanas que trabalhavam lá, e, claro, com o Max. A nós, cerca de dez trabalhadores/cozinheiros/faxineiros, restava dividir o lucro da semana. No bar, elas chegavam fácil a uns 40 dólares diários. Para nós, quarenta doletas era a soma de dois a três dias de gorjetas. Ao final da semana, um mar de moedas e algumas notas se aglomeravam dentro do pote.

Naquela última semana de dezembro, resolvemos dividir a grana no domingo, dia em que eu estava trabalhando. No horário de almoço, de meia hora, os funcionários deveriam bater o ponto e, após a pausa, bater mais uma vez, pois aquele tempo não era remunerado. Max me pediu para ir almoçar lá pelas 11 da manhã, pois aquele dia seria cheio e era melhor que a maioria fizesse a pausa antes do caos da fila clamando por hambúrgueres, pratos de *chilli* e batatas-fritas. Dei baixa no ponto, comi rapidamente e fui até a sala do computador, onde algumas meninas contavam o dinheiro e o separarem em envelopes com os nomes dos funcionários da cozinha. Antes, malandramente, pus meu dedo no sensor antes dos trintas minutos obrigatórios do almoço. E fiquei lá na

cadeira, relaxação, pensando que era a pessoa mais esperta do globo. Me fodi.

Minutos depois, Anna entra na sala, nos vê contando o dinheiro e me pergunta se eu não estava em horário de trabalho. “Sim Anna, mas agora estou em horário de almoço”, respondi tranquilo. Nem cinco minutos depois, a sub-gerente voltou com uma bronca. Ingenuidade pensar que ninguém controlava o relógio do ponto. A ânsia de receber as primeiras gorjetas me custou um *clock-out*. Fui mandado para casa depois de uma hora e meia de trabalho como castigo pela má-criação. Max, que já não ia com a minha cara desde o princípio, deve ter adorado. A partir dali, eu comecei a metamorfose de menino educado e com inglês fluente da entrevista em Florianópolis para ovelha negra daquele inferno cada vez mais gelado. Os olhos azuis e cruéis de Lincoln Kauffman ficariam mais atentos ainda à minha presença e ao que eu fizesse.

Fucking brazilians

Fiquei dois dias de folga, talvez para meditar sobre a cagada que havia feito. Na véspera do Ano Novo, me chamaram para trabalhar nos teleféricos. Era dia *busy* na estação, e todo mundo precisava trabalhar. Era a minha quarta função em menos de dez dias. Aos poucos, fui me tornando um espécie de *Severnino*, o cara quebra-galho, que faz de tudo um pouco. O frio estava pegando, mas os funcionários tinham acesso irrestrito às máquinas de refrigerantes e de chocolate quente, além de uma lareira para se aquecer e passar um bom tempo conversando antes e depois do expediente. Todo mundo fazia planos de onde passar a virada do ano. A opção regional era a cidade de Tahoe City, às margens do lago Tahoe, cheia de cassinos e festas que os locais contavam ser muito boas no réveillon.

A casa dos brasileiros, onde Carol H. morava, ia em peso pra lá. No *Ski Inn*, a gente não sabia o que fazer. O Natal já havia sido caseiro e nós queríamos festa, mas para chegar até Tahoe City era preciso alugar um carro. O único de folga na ocasião era eu e minha carteira de motorista tinha ido pro espaço no roubo em Chicago. Na pensão, moravam conosco Florência e Mariana, duas argentinas. As duas tinham alguns amigos morando em Kings Beach,

outra cidadezinha na beira do lago. E nos convidaram a passar as festividades junto com eles.

Aceitamos. Hugo, ainda reticente, perguntava se haveria música e a tal festa mesmo. E as duas argentinas, loucas para rever os amigos, repetiam sempre “*si, si, mucha musica, comida y bebida*”. No começo da noite, chamamos um taxi, que custou U\$ 115 e nos mandamos. Só que, chegando lá, o gato virou lebre. Não havia festa, a casa não tinha móveis e uma dúzia de argentinos se aglomerava em volta do balcão da cozinha. A festança se resumia a um computador com duas caixinhas de som tocando *Reggaeton*, um grupo muito popular do México, febre nos outros países de língua espanhola na América Latina e em partes dos EUA. Prepararam a ceia: um peixe assado com outras coisas. Havia salgadinhos de aperitivo e uma quantidade considerável de bebida, entre cerveja, tequila e vodca. Ciro levou o narguileh. Começamos a brincar de sueca, um jogo de cartas onde quem perde vira um copo. Aquilo ia dar merda.

A cada trago de *José Cuervo*, íamos nos soltando na comemoração argentina. Hugo estava injuriado com aquilo tudo. Débora, mesmo se divertindo, fazia o papel de namorada e tentava convencê-lo a curtir, mesmo com sua insistência em querer ir embora. Eu, já ficando chapado, fui com Hugo até o mercadinho mais próximo para arrumar alguns copos de plástico. Tomando um vento desgraçado na cara, apenas dizia a ele para relaxar e que aquele seria um Ano Novo diferente do que estávamos acostumados. Ele, na beira de alguma praia do Rio de Janeiro. Eu, talvez em férias com minha família no litoral paulista ou na casa dos avós. Hugo só resmungando um *filhas da puta, nos enganaram. Para elas, foi perfeito nos chamar. Dividir o táxi, pagar menos e ainda ficar com os amigos*.

Deu meia-noite, fomos para a rua e nos abraçamos. Raoni, depois de muita cachaça, se espatifou no meio da rua e lascou um dos dentes. Impagável era a cara dele, exibindo o sorriso quebrado, como um troféu de guerra. Nossa intenção era procurar uma festa com outros estrangeiros. A esmo, no frio, caminhávamos. Achamos uma casa de uns peruanos. Só que ao entrar, uma das meninas, furiosa, nos expulsou, dizendo que não nos conhecia e que não éramos convidados. Mesmo com tanta gentileza, acabamos entrando na festa não sei como e por despeito Ciro, Chris e eu roubamos uma garrafa cheia de vodca da geladeira e continuamos na peregrinação. Fomos parar em um apartamento, repleto de gente

estranha e bebida.

Lá pelas três da manhã, vencidos pelo álcool, voltamos à casa dos argentinos. Nos espatifamos no chão daquela casa vazia entre alguns cobertores improvisados de colchão e blusas de frio. Descansamos a carcaça porque não havia tempo para dormir. O primeiro ônibus para Truckee saía às 6h15 e a maioria estava na escala de trabalho do dia primeiro. O sol nem havia despontado no lago e já estávamos à espera do carro, que tardava em chegar. Débora queria chamar um taxi, com medo de perder a hora. Só que a grana era curta e não havia remédio senão ir de coletivo. Dentro do mercadinho, só pedia que o frio desse uma amenizada enquanto folheava umas revistas e as capas dos jornais saudando 2009.

O busão chegou e nos esprememos entre trabalhadores de outras estações de esqui. Éramos a imagem da derrota. Um baçoço da noite anterior. Raoni, com o dente frontal lascado. Ciro, olheiras enormes. Eu, com cara de drogado e morto de sono. Pelo menos Florência e Mariana pareciam mais contentes. No meio do caminho, ouvi errado que deveríamos trocar de ônibus. Saímos dos assentos, fomos para o outro carro, e ao descobrir o engano, o resto do grupo quase me esfola vivo. Fizemos o resto da viagem em pé, com todo mundo olhando puto pra mim. Um passageiro ainda fez a graça de vomitar e paramos quase meia hora na estrada para a condutora limpar o veículo. Chegamos a Truckee quase em cima da hora e fomos de taxi até Donner. A sorte era que eu tinha pedido para começar no serviço às nove horas. Ao telefone, o resto conversava com Anna para explicar o atraso.

Rotina. Voltei para a limpeza dos banheiros, encarando aquilo como um exercício de humildade. Deixar privadas e o resto brilhando, para que a pessoa se sinta em casa fazendo o número um ou dois. Ser um artista exigente, zeloso de sua obra prima. Hoje, quando entro no banheiro de um shopping ou de um mercado e vejo alguém limpando a área, o reverencio em silêncio, entendendo seu papel importantíssimo. Lá na estação, não foram poucas as vezes em que Max, que devia ter um banheiro imundo no muquiço em que vivia, esperava ansioso para que eu limpasse o banheiro para usá-lo como um reizinho obeso, sentado em um trono de fantasia.

No dia primeiro de janeiro era folga dele. Mas como não tinha nada pra fazer, resolveu ir até o trabalho e ficar lá dando ordens. E

lá ficou, mas com um semblante amedrontador. Suas pupilas muito vermelhas e dilatadas. O rosto acabado. Os lábios ainda mais inchados e muito vermelhos. Vestígios de uma combinação forte de drogas e álcool. O cheiro denunciava. Max não era chegado a um banho e usava as mesmas roupas várias vezes. Sempre de jeans, que vira e mexe exibiam seu cofrinho, ou como brincávamos o caixa forte do Banco Central. Um boné, para esconder a careca. Moletom e tênis bem largos, estilo skatista. Na teoria, era obrigado a se vestir com o uniforme padrão, mas defendia que aquele era seu uniforme de trabalho. Lincoln, conivente com o amigo, fazia vista grossa.

Outra tarefa que eu fazia quase diariamente era lavar a montanha de louça que se acumulava durante o dia. De manhã, após limpar os banheiros, era hora de cuidar da louça. O bar ficava aberto até umas oito da noite e a cozinha recebia alguns pedidos dos que ficavam um tempo por lá bebericando. E após o período do almoço, que ia das 11 até próximo da 1h30, podendo se estender em dias de grande fluxo. Havia três pias bem fundas na cozinha. Um espaço para escorrer a louça e duas caixinhas com mangueiras, de onde saía o sabão e um desengordurante de panelas e objetos de metal. Cada pia deveria receber água em diferentes temperaturas. Na primeira, água quente. Na segunda, água morna. E na terceira, quase fria. Eu usava duas luvas de borracha amarela e um Bombril para arear. A instrução de Max era para deixar a louça na água e quase não esfregar, na lei do mínimo esforço mesmo. Na cabeça dele, a gordura ia embora com um simples enxágue. Idiota.

Eu não dava muita bola e esfregava bem para tirar a sujeira, que estava incrustada. Por mais que limpasse, a presença do *gordo* infestava o ambiente com sua falta de organização. A cada esfregada no chão, surgiam dois nacos de sujeira com a cara daquele infeliz. No corredor que abrigava a despensa de alimentos e produtos de limpeza, junto com os *freezers*, havia um espaço ao lado das bombas que transportavam refrigerante para as máquinas que ele chamava de escritório. Uma mesa lotada de bugigangas, uma calculadora e papéis fora de ordem. Roupas no chão. Certa vez, arrumando o espaço, Carol H. encontrou em um capacete uma trouxinha de maconha. Aquela zona ficava a menos de dois metros da estante que guardava os pães e a três da cozinha. E para o tempero especial do *chef*, enquanto nós deveríamos usar luvas para cozinhar e limpar, a gracinha do Max tinha as mãos livres, mexendo ora na comida ora em seu ânus.

Meu nome, para um estrangeiro, é estranho de se pronunciar. Na Alemanha, virou Elzio, com o z bem pronunciado. Para Max, Elcio devia ser coisa de outro mundo. Nos seus berros, surgiu o Alício, depois adotado por Lincoln e a maioria.

Fiz a pausa do almoço e retornei. Havia muita louça. Luvas na mão e vamos lá. Um tempo depois, Max sai do bar, quase sua segunda pátria e me encara.

- Alício, de novo?

- De novo o quê, Max?

- Você está tomando mais de trinta minutos no almoço de novo!

- Claro que não Max.

E a discussão seguiu, só que a máxima da corda arrebentar do lado mais fraco é certa. Max, fora do expediente, cheirado, fumado e bêbado igual a uma vaca, me aplicou insultos que nunca tinha experimentado. Me chamou de sul-americano de merda, comparou Rio de Janeiro e São Paulo com Tijuana, cidade na fronteira do México com os EUA, ponto de imigrantes querendo cruzar a fronteira, e disse que para ele era tudo a mesma coisa, além dos *“fucking brazilians”*, os “brasileiros de merda”, um de seus xingamentos favoritos. Saiu gritando mais palavrões enquanto eu me segurei na pia. A garganta travando. Carol Abreu veio e me abraçou. Continuei trabalhando, com vontade de pegar um prato e espatifar na cara daquele escroto. Mal voltei às louças e ele me mandou embora: que eu me escafedesse dali. Podia não ser o funcionário modelo ou dos sonhos para Lincoln e Cia, mas aquela ofensa eu não iria aceitar.

De volta pra casa, desabafei com os outros brasileiros. Desci as escadas, me escondi na cama e chorei, até a última lágrima se converter em raiva. Subi até a sala, contei o ocorrido para Kieth e Kari. Não foi difícil contar com o apoio do casal, já que Max era *persona non grata* ali. Kieth prometeu tomar minhas dores e conversar com Lincoln para que ele tomasse alguma providência afim de que outro acesso xenóforo do cozinheiro afetasse alguém. Para amenizar o incidente, fui desenhar um pouco, e nos muitos esboços, saiu uma caricatura do Max, repleto de moscas em volta e parecendo um sapo inchado. Infelizmente, o papel ficou pendurado em uma das portas do *Ski Inn*. Kieth amava a caricatura se divertia com ela.

Redenção

No dia seguinte, informei Lincoln da discussão. Levei uma bronca também, pois não estava parando em setor algum e ele queria que eu me focasse mais, que aquilo não era férias. Mas o que o seu amigo Max, *the large*, tinha feito era inaceitável. E voltou a me advertir de que eu precisava me envolver mais com *Donner*, senão dançaria. Nunca soube do teor da conversa entre os dois, mas a bronca deve ter sido violenta. O gordo virou uma seda comigo. Passou a me tratar cordialmente, armazenando seu desagrado com a minha presença para si.

Durante aquela primeira semana do novo ano, consegui trabalhar cinco dias da semana, tendo dois de folga e quase 40 horas semanais, que constavam no contrato. Foi a última semana cheia para mim. Depois, caí num limbo sem volta. Dois, três, quatro dias de folga. Mas precisa reverter aquela má impressão, aquela imagem de que o Alício era o *trouble man*, o garoto que só trazia encrenca e confusão.

Já tinha percebido que a corda estava se enrolando devagar no pescoço. Na outra semana, durante a folga do meu supervisor, Anna assumiu a cozinha. Para ela, aquele cargo era um prazer, já que ela adorava umas batatinhas fritas. Os funcionários também. E sem o Max no pedaço, a cozinha era ainda mais livre e caótica. Segundo o regulamento da estação, os trabalhadores tinham desconto de 50% nos produtos da cozinha e da lojinha, que vendia acessórios como óculos para neve, luvas e camisetas e moletons estampados com *Donner Ski Ranch* e os dois hotéis-chalés de Marshall e Jannet, os *Cottages*.

Difícilmente um funcionário da cozinha pagava para comer. Além de petiscarmos quase o dia inteiro nas costas do Max, que também comia e bebia à vontade, e só detestava que comêssemos em frente dos clientes, havíamos desenvolvido um mecanismo estítilo máfia de atravessar os pratos pelo corredor da despensa. Eu levava comida feita em casa. Macarrão, lasanha. Só que não resistia a tanta fritura e a cafeína da *Pepsi*, já que lá não se vendia *Coca-Cola*. Para aumentar a folga, havia dias em que chegávamos a manter, atrás das máquinas de fritura, potinhos de ketchup para ir molhando nas batatas, nos medalhões de cebola e aí por diante.

Anna, sempre com uma vozinha infantil, pede uma porção de batatas. Para ela, capricho redobrado. Já fora obesa, emagreceu, só que continuou bem fofa. Cabelos longos e marrons, olhos verdes e uma boca saliente emolduram a face rechonchuda. Fala sempre no diminutivo. Para alguns, doçura. Para outros, eu incluso, parecia que nos tratava como crianças imbecis. Mas a sub-gerente, que estava na empresa há muitos anos, me dá um conselho: Que eu me redimisse, mostrasse serviço.

E, como a vida é irônica, acabei salvando minha pele com uma coisa que, alguns anos antes, eu seria reprovado na certa: o senso de organização. Antes do intercâmbio para a Alemanha, não sabia nem arrumar uma mala, sequer um quarto. Voltei extremamente germânico, disciplinado. Aquela cozinha estava um verdadeiro lixo. Alimentos misturados com produtos de limpeza, pratos empoeirados e com restos de comida escondidos nos cantos da cozinha. Vestígios de sacos de *chips* e doces que Max comia e tentava esconder nas prateleiras. Muitas vezes, os panos para limpar mesas e banheiros eram os mesmos, além de ficarem sujos por semanas, já que Marshall os levava, junto com os aventais, para serem lavados em um de seus hotéis. Max tinha pavor das palavras limpeza e arrumação.

Comecei a organizar o espaço discretamente. Uma pilha de pratos alinhados ali. Os temperos no mesmo lugar. Panela com panela. Talheres juntos. Produtos de limpeza para um lado e condimentos para o outro. Max, estarrecido, nunca tinha visto sua cozinha tão arrumada. Continuava não gostando de mim. Nem eu dele. Mas de funcionário indesejado virei uma espécie de cérebro organizacional daquilo tudo. Aos poucos, me interei de como tudo funcionava, desde o controle do estoque ao recebimento das entregas. Às sextas, quando chegava mercadoria, podia ter até dois funcionários me ajudando a distribuir os alimentos. Um dia ou outro ainda figurei no balcão de atendimento, tomando pedidos e auxiliando na chapa e na fritura. Só que eu era o cara dos bastidores alimentícios e, logo, logo, pivô de uma crise internacional.

Uma cuspidinha pra você

Max Fox era um homem carente, com poucos amigos. Era visita certa no *Annex*, o alojamento dos funcionários, mesmo que muitas vezes chegasse lá bêbado e arrumasse confusão. Preguiçoso que só ele, levava sua roupa para lavar na máquina do alojamento, pois não tinha uma em casa. E, de todos ali, as argentinas eram as mais amavelmente interesseiras naquela figura redonda. Era *Max queridinho pra cá, Maxzinho pra lá*. Só que o reflexo de tanto amor começou a aparecer, principalmente no estoque da cozinha.

Algumas argentinas, *muy amigas*, não estavam pagando pela comida. E ainda faziam pedidos astronômicos, como um *cheeseburger* com fritas, porções e a *Caeser's Salad*, uma salada de folhas verdes, tiras de frango grelhado e mini torradas (*croutons*). Um prato que custava cerca de nove dólares. O truque para não passar pelo caixa era fazer o pedido, ir até a máquina de refrigerantes encher o copo, e, ao receber o pedido, fingindo ir pagar, se misturar na fila enquanto a comida era passada por debaixo da catraca, onde alguém já esperava. Max devia saber do esquema, só que estava *muy enamorado* das amiguinhas. Assim, comeram por dias a fio na faixa. Nós, da cozinha, jamais recusaríamos ajuda a um funcionário quando era possível contrabandear os pratos ou até mesmo fazer porções com mais fartura. O problema era que a malícia argentina extrapolou. Marshall, ao conferir o caixa e o estoque, notou que a conta não batia.

Na manhã seguinte, Max reúne o grupo, cara de puto, e passa a ordem: ninguém entrega a comida para as argentinas antes do pagamento. Os brasileiros até que gostaram daquilo. Até em uma salada se escondia a rivalidade Brasil x Argentina. Chegou a hora do almoço. E lá chegaram as bonecas, fazendo seus pedidos. Era o aniversário de Eugenia, uma instrutora de esqui. Até conseguiram levar a comida dela sem o controle. Um minuto depois, Max vai até a mesa delas, e com a delicadeza habitual, desanca a menina com um sermão em público. A partir do ocorrido, cada vez que elas pediam alguma coisa, era constrangedor. Eugênia, sua comida está pronta. Guadalupe, o hambúrguer tá saindo.

Dentre todas as argentinas, uma se destacava. Natália, uma portenha linda, tipo minhon, olhos azuis e cabelos negros. Uma pintura. O que tinha de bonitinha tinha de ordinária também. E aos

que acreditam na lenda de que em um restaurante ou em um bar os cozinheiros podem cuspir na comida dos clientes ou fazer algo pior, cuidado, pois a saliva às vezes escorre da boca mesmo. Seja por acidente ou sacanagem pura.

O cozinheiro-chefe praguejando, mesmo que da boca pra fora, contra as argentinas, dizendo que um dia alguém aprontaria algo contra elas, mesmo que fosse uma cuspada na comida. Fui pegando raiva daquele ambiente, das tentativas de esperteza das *muchachas* e por desejar que o privilégio da comida grátis se restringisse apenas aos cozinheiros, sobrou para Natália. Certa ocasião, ao pedir uma *Caeser's salad*, fiz questão de prepará-la e adicionar uma pitada extra de carinho. Duas cusparadas se infiltraram nas folhas de alface, já bem temperadas por um molho gorduroso de mostarda. Rindo, comentei com um ou dois funcionários que estavam ali do lado. Acharam graça. Natália comeu tranquila, sem suspeitas.

Só que as traquinagens atingiram uma pessoa que eu não queria. Cheio de folgas, trabalhando apenas três dias por semana às vezes, queria algumas horas a mais. A chefia do rancho não fazia menção de mandar funcionários embora, já que deveria informar à Intercultural dos motivos para a dispensa e isso poderia geral mal-estar com a companhia de intercâmbio. A solução mais prática foi aplicar muitos dias *offs* para os trabalhadores por quem eles não tinham muita simpatia. Eu era um dos cabeças da lista. Mesmo não faltando ao trabalho e organizando bem a cozinha, Max recheava meu *Schedule* (escala de trabalho) com folgas.

Carol H. era uma das favoritas dele no grupo e, certa vez, Anna perguntou quem gostaria de ir pra casa mais cedo, já que meia dúzia terminaria o expediente. Hoje, menos brava, Carol se lembra do ocorrido em nossa conversa em Blumenau. “A Anna tinha te mandado pra casa. Eu tava lá fritando com o Pedro e disse: ah que saco, tô cansada. E falei para o Pedro, para ele, que se eu fosse mais cedo pra casa não ia ficar tão triste. Aí a Anna foi lá falar com você e você falou que eu queria ir embora. Eu fiquei puta, muito puta”. Carol soltou cobras e lagartos contra mim. O Alício, de inimigo número um dos chefes de *Donner*, começou a ser visto com desconfiança por muitos funcionários. A sorte é que a palavra *redenção* voltaria em breve para me salvar.

Na farra

A casa dos brasileiros se localizava na beira do lago *Donner*, aos pés da montanha. Lá, morei por quase um mês entre fevereiro e março. E nesse casarão de madeira aconteciam muitas festas, com brasileiros, norte-americanos e argentinos. Como não tínhamos carro próprio e o último ônibus para Truckee passava no topo da montanha às 17hrs, ou se tentava arrumar uma carona ou chamar um taxi. Cada vez que ligávamos para o *amarelinho*, uma ida e volta da pensão até a casa brasileira saía em torno de U\$ 80, dividido entre seis ou sete pessoas.

Nós, habitantes da parte alta da montanha, éramos simpáticos à ideia de uma festinha na pensão. O problema era convencer Kie-th, que tinha péssimas lembranças das festas em sua residência. Segundo ele, na última vez que tinham feito uma reuniãozinha, chutou porta fora dois indivíduos muito drogados e querendo confusão. Mas nós tínhamos um trunfo: no dia 12 de janeiro era o aniversário de Débora, e o xerife do *Ski Inn* a adorava, como um pai a uma filha. Olhou para aqueles olhinhos escuros e doces da morena carioca e concordou que fizéssemos uma festa no domingo, após o jantar que a administração de *Donner* oferecia para os funcionários. Uma regra apenas: não convidar, de maneira alguma, norte-americanos. Apenas os moradores da casa e trabalhadores da estação poderiam ir.

Os administradores da estação de esqui tinham como política da empresa oferecer um jantar mensal, preparado pelos funcionários da cozinha, para todos os que trabalhavam lá. Uma maneira de reafirmar o senso familiar de *Donner*. Um domingo por mês, uma janta caprichada para depois uma sessão de duas horas de esqui noturno, com cerveja no cardápio. Troquei os dois bastões de esqui por duas latas de cerveja como forma de me equilibrar nas manobras e ganhei mais um apelido, o *Cachaça*. Na pista central da estação, eu e minhas latas de cerveja descendo suave.

A festa do *Ski Inn* começou umas 21h30, já que as festas e baladas nos EUA geralmente começam e terminam cedo. Raiar o dia festando é uma raridade por lá. Cada um levou o que fosse beber.

Tudo corria tão bem que Kieth nem se importou com a presença do Max na festa. Apenas pedia a Ciro que colocasse mais carvão no narguileh. A merda só aconteceu quando fui mostrar nossas instalações lá em baixo para umas meninas. No quarto dos gringos, Mario, meu vizinho de beliche, resolveu causar um tumulto ao passar a mão na bunda da Carol H., que deu um empurrão nele. O cara já muito bêbado fez que gostou, deixando Carol ainda mais puta com a situação.

Aí a festa quase foi pro brejo. Kieth resolveu exercer a autoridade e meteu umas bicas e socos no Mário, o expulsando de casa. De resto, correu tudo bem.

Velas sem bolo

16 de janeiro é geralmente uma data festiva para mim. Aniversário. Comemoramos alguns dias antes, com a primeira festa no *Ski Inn*, junto com o aniversário da Débora. Só que a perda da carteira na estação em Chicago ainda mostrava seus efeitos. Estava sem nenhum cartão de crédito e me virava com o salário na estação de esqui. Dava para fazer o mercado e pagar o aluguel, sem muitas estripulias.

Mesmo com a grana curta, aceitei o convite do Felipe e da Letícia, um casal paulista que trabalhava comigo na cozinha e tinha até me convidado para morar na casa deles em Truckee, para uma excursão a Folson e Vacaville, duas cidades californianas cuja atração principal eram os *Outlets*, uma rede de lojas na qual se podem comprar roupas e acessórios de marca por uma pechincha, já que saíram de circulação ou não fazem parte da coleção nova.

Observei Letícia e Felipe devorarem as ofertas, enquanto eu comprei duas imitações de óculos *Dolce & Gabbana* a U\$ 20. O resto dos U\$ 50 que tinha levado virou gasolina, aluguel do carro e um lanche. À noite, no *Ski Inn*, tomei uma taça de vinho e comi macarrão acompanhado de um bolo invisível com as velas quase no fim.

Debi & Lóide

A vida semi-coletiva na pensão trouxe um problema: tinha gente pegando comida e a situação estava deixando o pessoal cabreiro. Como a comida era comprada individualmente, mas armazenada na mesma geladeira ou em armários divididos, às vezes se eclipsava em salgadinho ou uma bolacha. Na geladeira, o leite ou o suco de laranja iam ficando mais vazios sem o proprietário consumir.

Morando em república no Brasil, onde os itens básicos eram repartidos entre todos e nunca foi problema pegar alimentos individuais, aquilo era uma babaquice para mim. Paciência. Os EUA e a vida moderna ensinam que ser individualista não é tão mal quanto parece. E entre os brasileiros do *Ski Inn*, Ciro era o que encarava melhor o espírito do cara que abomina dividir.

O que tava deixando a coisa preta era que pairava a suspeita de que existia um larápio dentro de casa. Todd, o tratorista de *Sugar Bowl*, que dividia o quarto comigo e os meninos, certa vez deu pela falta de 300 verdinhas. Uma caixa inteira de peixe congelado da Debby tinha virado pó no freezer. Um começou a olhar torto para o outro. Começou um jogo de detetive. Tudo bem pedir comida emprestada entre os brasileiros. Mas sustentar um gringo folgado era demais.

Ciro, talvez inspirado em uma cena do filme *Debi & Lóide*, na qual Lóide coloca laxante na bebida do amigo para que ele não saia com a garota por quem está afim, resolveu fazer o mesmo para enquadrar o ladrão de comida. Sempre que jogávamos Sueca, a bebida preferida era um licor alemão de nome *Jägermeister*. Em uma garrafa pela metade, Ciro despejou um pote de laxante, tomando o cuidado de fazer um risco de caneta para controlar o volume do líquido. A marca foi feita com a garrafa de cabeça pra baixo para não levantar suspeitas.

Dois dias de armadilha depois, um dos banheiros da sala amancheu entupido de bosta e papel higiênico. Jerett, um loiro com ar maloqueiro, e Phillip, que era a cara do Gonzo do desenho *Muppet Babies*, eram os principais suspeitos. Mas ninguém conseguia provar nada. A garrafa secou.

O xerifão Kieth se encheu de neguinho roubando dentro da sua delegacia. Um de seus hábitos e de Kari era pregar mensagens pela

casa com as normas de funcionamento da pensão. E elas ficaram bem diretas após os incidentes com a comida. *Atenção. Se eu pegar o punk ass (marginal) que está roubando aqui, esfolo vivo.* Em algumas noites, quando chegava mamado, Kieth soltava um *fuck you* para quem encontrasse.

Phillip e Jerett voltaram um dia do mercado com meia dúzia de sacolas recheadas de pão, ovos, salsichas e besteiras. Segundo eles, a compra duraria 15 dias, mas qualquer um com bom senso perceberia que aquilo não era para sequeer uma semana. Kieth, furioso, ajeitou seu distintivo e juntou os dois pelo colarinho. Jerett, que era metido a machão, virou uma mocinha diante daquele rinoceronte alcoolizado. Jurava que não tinha nada a ver com os roubos. Phillip, em curto circuito após ver Kieth esmurrar suas compras, quebrou um ovo na cabeça, dizendo: *fui eu, fui eu. Mas não foi por mal.* Por mais que a imagem fosse cômica, deu pena do Phillip, que sempre me tratou muito bem.

Mesmo com tanta confusão, nunca descobrimos quem realmente comia de graça sem ser convidado. Phillip, que antes ria de tudo feito idiota, se calou. Uns dias antes das acusações de Kieth, tinha levado uma surra de pontapés e socos do xerife por ter brincado perto dele com uma faca e perguntado o que faria se a enfiasse nele. O dono do *Ski Inn*, filho de mineiro e criado próximo a uma mina, era traumatizado com facas. Arrancou o objeto das mãos do Phillip, quebrou em duas partes, deu meia dúzia de chutes e socos no cara e o mandou à merda.

SKI INN



Companheiro narguileh até abaixo de zero



Cama do Mário no período natalino

Meu quarto e do Raoni



Happy Hour



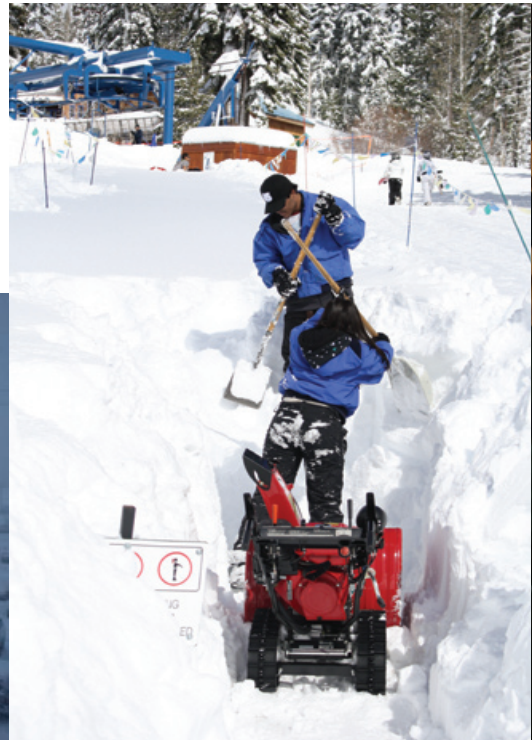
Jogando Bier-Pong. A regra número um é que todo mundo beba muito



DONNER SKI RANCH



Cavação de neve

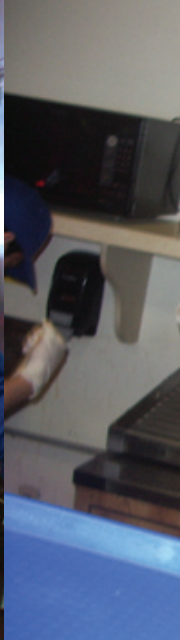




Parte da frente da montanha

Bar da estação





Ciro e a solidão das panelas

Cozinheiro Alício e Cia.



BRIGADERONHA



Cannabis sativa

Eric, o vizinho mexicano,
exibindo o material



Trabalhando duro
na produção da pasta
de manteiga

Voilà, a comida está na mesa.





Carnaval

Casa dos brasileiros





1.



2.



5.

Anna .1

O gordo e a sucessora .2
Marina

Eric .3

Shaun .4

Marshall .5



4. 3.





1. Gordo e Diogo

2. Matt

3. Philip

4. Negão Obama

5. Barraca de rua em Nova Iorque



VIVA LAS VEGAS





SHERIFF



NEVADA
E31159
NEVADA STATE

POLICE INTERCEPTOR

26, 27 e 28 de janeiro

Estávamos em um lugar perto de Barstow, à beira do deserto, quando as drogas começaram a fazer efeito. Lembro que falei algo como “estou meio tonto, é melhor você dirigir. E de repente fomos cercados por um rugido terrível, e o céu se encheu de algo que pareciam morcegos imensos, descendo, guinchando e mergulhando ao redor do carro, que avançava até Las Vegas a uns 160 por hora, com a capota abaixada(...)Las Vegas estava logo à frente. Já dava para ver o contorno dos hotéis e dos prédios da *Strip* tomando o céu em meio às ondas de calor do deserto.

(Hunther Thompson, Medo e Delírio em Las Vegas, págs 9 e 29)

Elvis Presley se casou com Priscila Presley em uma capelinha na cidade encantada dos cassinos em 1957. Quase 50 anos depois, Britney Spears, após uma noitada frenética em Vegas, resolveu se unir com um amigo de infância. O casamento se desfez horas depois, causando frisson na mídia. *O que acontece em Vegas fica em Vegas*. Esse é o slogan não oficial da cidade que talvez represente melhor os ideais do Sonho Americano. Incrustada no meio do deserto, Las Vegas desafia o comum e os limites da fantasia. Ali, o Egito é na fronteira de Veneza com Nova Iorque. Milhares de luzes piscam noite adentro. Máquinas caça-níqueis e mesas de pôquer sem fim. Um delírio da arquitetura.

De Truckee, são cerca de 1000 quilômetros em uma linha reta que atravessa o estado de Nevada. Há semanas que o pessoal do *Ski Inn* conversava sobre a possibilidade de fazer uma viagem em grupo. Las Vegas, São Francisco e Los Angeles acenaram como destinos. Optamos pelo primeiro. E ainda convidamos algumas meninas da casa dos brasileiros para se juntarem à aventura. Alugamos dois carros. Cinco pessoas em cada um. No domingo do dia 25 de janeiro, o pessoal de *Donner* organizou mais um jantar

especial com direito a esqui e snowboard à noite e muita cerveja, já querendo dar algum alívio antes do péssimo fevereiro que estava batendo na porta. De lá, pegamos os carros e seguimos numa longa jornada noite adentro.

O pessoal do *Ski Inn* na viagem eram Ciro, Chris, Raoni, Hugo, Débora e eu. Da outra casa, foram Larrisa, Laís, Marina e Felipe, mais conhecido por nós como Timão, aquele mesmo do desenho Rei Leão. Baixinho, risonho e falante. Fiz nossas reservas no hotel cassino *Stratosphere*, que ostenta a torre mais alta da cidade. Lá em cima, além da visão fantástica, existe um parque de diversões com brinquedos que rodopiam e desabam em queda livre. Uma diária em apartamento simples, com duas camas *king size*, custou U\$ 36. Dividindo em duas pessoas, sai barato. Em quatro então.

Na reserva, dois quartos e duas noites. Mas como em Vegas quase tudo é permitido, ninguém da gerência soube que ficamos em oito pessoas. Para cada um, dormir naqueles colchões macios e espaçosos custou U\$18 no total. Os donos dos hotéis cassinos não se preocupam tanto em faturar em hospedagem e alimentação. O que essas duas áreas geram de renda é dinheiro de pinga perto da máquina de dólares do jogo e do entretenimento. Seja ele para adulto ou familiar.

Os carros que alugamos eram modelos que no Brasil seriam carros de luxo. O caminho era longo, mais de oito horas de viagem. Às dez da noite, paramos no *Safeway*, um hipermercado na qual fazíamos as compras semanais e mensais. Nos enchemos de energéticos de meio litro, salgadinhos e chocolate. Débora foi guiando um carro, com Hugo de co-piloto. Timão foi conduzindo o outro, comigo ao lado e um mapa. E a cada vez que nos perdíamos, eu, como um candidato, prometia: gente, vamos chegar a Vegas. Relaxem.

Dentro da noite, o estado de Nevada foi revelando o deserto que o cobre quase por inteiro. O vento rápido e gelado. A escuridão no meio do nada. Cidades sem vida, parecendo fantasmas. Ao longo da rodovia, luzes de cassinos nos guiavam. Estão por toda parte as casas de jogos, até dentro de postos de gasolina. Há cem anos, Nevada era literalmente deserto. Hoje, o deserto mais rico e iluminado que se pode imaginar.

Naquela calma, Chris, que havia assumido o volante, ace-

lerou um pouco mais. Em uma cidadezinha de ninguém, erramos a rua para virar, e ao fazer o famoso balãozinho no Brasil, surge um carro de polícia. Mas de onde? Do Além? E o mais louco foi o policial saber exatamente a nossa velocidade. 37 milhas, o que dá uns 80 quilômetros por hora. Dentro daquela cidade, a velocidade máxima era de 30 milhas. Chris, filho de americanos residentes no Brasil, tentou dar uma amenizada. Mostrou o passaporte norte-americano, mas não escapamos do puxão de orelhas e que tomássemos cuidado no resto do caminho. Estávamos marcados pela polícia de Nevada.

Continuei tomando energéticos até umas cinco da manhã, pensando em Hunther Thompson, de como o repórter gonzo fez uma viagem parecida com a nossa, só que nos anos 1970 e com o carro estufado de drogas. *Medo e Delírio em Las Vegas* foi um dos livros que me inspiraram a ir à cidade-cassino de carro, curtindo a brisa. Exceto a figura policial nos abordando, a jornada foi tão tranquila que cheguei a cochilar já próximo a Vegas. Perto das oito da manhã, o primeiro concreto anunciava Las Vegas à nossa frente. Seguimos para o nosso hotel, enquanto Hugo e Débora, que se encontraria com Marlene, sua mãe e Alessandra, sua irmã, no MGM, outro hotel-cassino, famoso por exibir um leão dentro de um quadrado de vidro. Detalhe: os turistas tinham a visão do bichano de baixo pra cima, já que ele ficava acima da cabeça deles. A família da Debby se hospedou lá.

Já no saguão do *Stratosphere*, que recepciona seus hóspedes com um imenso cassino luminoso e espelhado, fui sozinho ao *check-in*, peguei os cartões dos quartos, e na surdina, subimos um a um para ninguém desconfiar da multiplicação de pessoas nos apartamentos. Assim, ficaram os caras do *Ski Inn* em um quarto e as meninas e o Timão no outro. Ducha rápida, café da manhã em um *Mac Donald's* e bate perna.

Antes das histórias nos três dias de Vegas, um rápido panorama da cidade, que parece a capital do estado, mas não é. Carson City é a capital, igualmente entulhada de cassinos e jogatina até a boca.

O delírio

Até 1905, o território de Las Vegas era mais um pedaço desértico, com apenas uma estrada de ferro que desembocava em Los Angeles. A cidade foi surgindo de um aglomerado de acampamentos dos que trabalhavam na ferrovia. Para alguém cético, uma terra de ninguém, sem futuro. Mas não para o Sonho Americano de riqueza.

Década a década, o que era uma miragem foi ganhando contorno. Enquanto os EUA penavam na crise de 1929, Las Vegas florescia, com a participação maciça de clãs da máfia, que enxergavam ali um oásis de liberdades para o consumo de álcool e do jogo. Em 1931, impulsionada pela construção da represa de *Hoover Dam*, a maior do país à época e com a liberação do jogo em Nevada, nasceu a *Freemont Street*, a primeira rua dedicada exclusivamente aos cassinos.

O primeiro grande cassino, o *Flamingo*, apareceu em 1946, assim como os primeiros hotéis de luxo, bufês e restaurantes. Na década seguinte, a economia do jogo chegou aos U\$ 100 milhões anuais. Artistas como Frank Sinatra e Elvis Presley se encantaram pela cidade e se tornaram *habitués* assíduos. Pelos idos de 1960, as máquinas caça-níqueis representavam 59% da economia local, somada ao *Black Jack*, com 18%. Até Howard Hugges, um milionário californiano excêntrico, que investia de aviões a hotéis, depositou grana no desenvolvimento de Vegas.

Mas é a partir dos anos 1980 e 1990 que Las Vegas ganhou os ares imponentes de hoje. Gigantescos hotéis cassinos temáticos foram inaugurados, um atrás do outro. *Mirage*, *Bellagio*, *Venetian*, *Paris Las Vegas*, *Luxor*, *Mandalay Bay* e muitos outros mais. Em 2007, mais de 39 milhões de turistas passaram por lá, deixando cerca de U\$ 8,2 bilhões. Hoje, a Disneylândia para adultos tem por volta de 1,6 milhões de habitantes, realiza anualmente 120 mil casamentos e oferece como atrativos a prostituição e o fumo dentro de cassinos e restaurantes legalizados. José Serra e sua Lei Anti-fumo se dariam mal naquelas bandas.

E mesmo no furacão de uma crise imobiliária doméstica nos EUA, Las Vegas se manteve aquecida. Em 2009, eram 170 mil leitos. Para 2010, estava prevista a inauguração do complexo *Echelon*, que, sozinho, tem cinco mil novos quartos. Por lá, as pessoas

continuavam jogando feito loucas madrugada e dia afora, indo aos inúmeros shows e espetáculos do *Cirque Du Soleil*, que mantém seis turnês fixas em alguns hotéis- cassino. As lojas de luxo, as baladas e as casas de prostituição continuam cheias. Dinheiro não é o problema.

Munido de tantas informações, só me restava desbravar a selva de concreto alucinante. No primeiro dia, ainda estourados da viagem, demos umas voltas de carro pela *Strip*, a avenida central e passamos a tarde em um *Outlet*, uma das melhores invenções do império estadunidense. Um *Outlet* é como um *Shopping Center*. A diferença está no preço. Enquanto se paga um absurdo em uma roupa de marca no Brasil, lá o preço despenca. Dentro daquelas galerias, com lojas da *Dolce & Gabbana*, *Calvin Klein*, *Puma* e *Adidas*, o paraíso repleto de tentações consumistas. As roupas e acessórios de estações passadas chegam a ter 80% de desconto. Cheguei a pagar U\$ 20 dólares em um tênis da *Puma*. U\$ 10 em camisas *Tommy Hilfiger*.

E com o novo cartão de crédito nas mãos, fui às compras. As meninas que estavam conosco na excursão, perplexas e malucas com tanta variedade. Tanto que usaram o segundo dia na cidade para seguir comprando, de ombros para os cassinos e outras opções de turismo.

À noite, já de roupa nova e perfumados, caímos na balada. Laís, Larissa, Marina e Timão foram a um show de um *rapper* do momento. Nós, os moradores do *Ski Inn*, resolvemos badalar no *Planet Hollywood*, uma das inúmeras boates da avenida principal. E como Las Vegas é um mundo à parte, criou seus próprios códigos de etiqueta nas festas. A mais curiosa delas é que os homens só podem entrar nas boates com sapatos sociais. Do contrário, ficam na saudade, mofando do lado de fora. O restante da roupa não precisa seguir o estilo social. Pode-se ir festar de camiseta, jeans e os indefectíveis sapatos. Pode-se até misturar um chapéu estilo máfia.

Naquela noite, o problema não se resumia nas molduras para os pés. Raoni era menor de 21. Sem chance de entrar. Só que nos EUA, mesmo com jeito sério, rola um *jeitinho*. Um dos seguranças da casa, que devia estar habituado à nossa situação, se aproxima e faz

a proposta: a entrada oficial custava U\$20. Com mais cinco dólares por cabeça, uma porta mágica nos fundos se abria. Molhamos a mão do segurança e ele fingiu que usávamos elegantes sapatos. Já na pista, era engraçado ver caras vestidos meio *hip-hop* ou *rapper*: bonés, correntes enormes de prata e até calças mais largas. Só que todos de mocim ou verniz.

Dentro da festa, uma cerveja custava U\$ 10. A dose mais barata, U\$15. Tomei uma cerveja com dor no coração. Las Vegas *by night* se reserva para quem está disposto a torrar muita grana. E provavelmente não se arrependerá do investimento. Sem muito dinheiro, curtimos a música e o ambiente. Voltamos tarde pro hotel. De manhã, enquanto o pessoal se esborrachava de cansaço nas camas, meu senso desbravador transportou o corpo para a rua. Era idiotece viajar 1000 quilômetros para ficar no hotel.

Primeiro, caminhei um tempo e parei em uma farmácia para comprar água, um salgadinho e protetor solar. Segui até a *Freemont Street*, hoje um ponto mais histórico do que atrativo para o jogo. A rua continua infestada de cassinos nos dois lados, mas recebeu um ar mais tecnológico do que era há 80 anos. Cobrindo toda sua extensão, de um quilômetro, um telão monstruoso fazendo as vezes de teto. Nele, que é o maior do mundo a céu aberto, acontecem exibições de shows à noite, com clipes do Queen, do Elvis. Aquilo tudo fica ainda mais sugestivo com a infinidade de luzes se acendendo e apagando, o girar das roletas e a música alta.

E Las Vegas se resume a dois pontos. A antiga rua da jogatina e a avenida incandescente dos amantes das cartas, das noitadas e dias a fio apostando e da impressão de que o sonho no deserto é real. Fora esses dois lugares, a cidade é um emaranhado de conjuntos habitacionais, onde a mulher que trabalhou o dia inteiro no bufê ainda cozinha para o marido ou aplaca sua solidão. Onde o crupiê, o guardião das mesas de Poker e das roletas, descansa. Lugares em que a maquiagem eufórica da cidade alucinada desmanchou. Las Vegas não permite a realidade, o lógico, o sensato. A vida cotidiana precisa se esconder nas camadas mais profundas da pele. Na epiderme, só há espaço para o luxo, o glamour e o vício do jogo, que no começo parece invisível, mas se revela aos poucos, camada por camada. Até o ponto de o cara vender a alma para o diabo em troca de mais fichas de apostas.

Nas ruas de Vegas, dificilmente se encontra uma cabine para se comprar um jornal. Aos invés de notícias, panfletos e revistas grátis com moças oferecendo companhia, casas de *swing*, puteiros e ga-

rotas de todos tipos, incluindo travestis. Em plena *Strip*, que pode sugerir um *strip-tease*, homens, na maioria imigrantes mexicanos e latinos, vestem camisetas verde-limão e laranja berrante com os dizeres: *garotas quentes direto pra você*. E junto com a frase, um número de telefone. Fora as camisetas, esses homens distribuem panfletos e cartões de visitas da garota. Os taxistas, que tiram uma comissão por fora, convidam os passageiros, em especial homens sozinhos, a ir a esta ou aquela zona.

Com a prostituição legal, é proibido dar carona no estado de Nevada. Se uma menininha bonita levantar a saia na rodovia e o motorista oferecer abrigo, é preso. A prostituição em Nevada é como o consumo de maconha em Amsterdã. Controlado e restrito a lugares internos.

No bar com Hunter Thompson

Um dos programas favoritos dos turistas que visitam Las Vegas é alugar uma limusine e rodar pela avenida central, sentindo-se um magnata. Por U\$ 40, essa fantasia se materializou para a gente. Durante sessenta minutos, nossas vidinhas se passariam nos estofados de couro de um carrão. Todo mundo ficou excitado com a ideia. Combinamos com o chofer que nos apanhasse às 22h30. Para a ocasião especial, garrafas de *Smirnoff* e *Red Bull*.

E por falta de uma, alugamos duas limusines, com seis pessoas em cada. Débora levaria a mãe e a irmã no passeio. Antes, fomos até o topo do nosso hotel no parque de diversões. Depois, os que não ficaram enjoados com tantos rodopios e quedas livres foram jantar e tomar banho. Os meninos ficaram prontos antes. Desce-mos até o saguão e avistamos as limusines, uma prata e uma preta. Começamos a beber para esperar as meninas, já 10 minutos atrasadas. Pensando que fosse um casamento ou uma festa no Brasil, Larissa, Laís e Marina aparecem às 22h50, após ligações e cobranças para que tivessem pressa. O relógio do motorista era britânico e muitos brasileiros desconhecem ou ignoram a pontualidade da terra da rainha.

Quando os carros chegaram ao *MGM* para apanhar a família da Débora, Hugo bufava. Ficou puto com a demora. Para ele, aquilo era uma sacanagem e tomou Larissa de culpada pelo atraso. Mas a confusão foi abafada pela turma do deixa pra lá, vamos ser felizes.

O que eu mais queria era andar de limusine e beber pra caralho.

Depois da volta, paramos no *MGM* e seguimos para o cassino do lugar. Continuei bebendo e descobri um jeito para conseguir mais álcool. Em alguns cassinos, para induzir ainda mais ao jogo, garçonetes servem *drinks* por conta da casa aos apostadores. Marina e eu, com um dólar, apostávamos centavos nas maquininhas, a fim de um copo de uísque ou *marguerita*. E quando tínhamos um ou dois centavos na conta, tapávamos o visor do caça-níquel para que a garçonete não visse nossa falência e parasse de nos servir. Eu fingia ser um texano milionário de chapéu estilo *cowboy*, acompanhado da esposa loira e peituda.

Timão, Marina e eu resolvemos ir caminhando de volta para o hotel. O resto achou aquilo ideia de maluco e foi de táxi. Nada me agrada mais do que caminhar em uma cidade desconhecida de madrugada. Em Vegas, era melhor ainda, já que a atmosfera do lugar é como no deserto, só que invertida. Durante o dia, é uma cidade sem graça e com um sol impiedoso. À noite, é tão quente e calorosa quanto o próprio astro-rei. Na rota, fomos entrando nos cassinos para explorá-los. Cada um é único, apesar de depois do terceiro, ficar a impressão de tudo ali em volta se resume a um monte de máquinas e gente viciada em jogar. A viagem dentro de cada cassino é para os olhos. Palavras não refletem tal delírio.

Depois de muito andar, chegamos ao *Flamingo*. No bar, estavam Chris e Raoni. Bebemos cerveja. Ali, naquele cassino, viajei no tempo. Anos atrás, naquele mesmo balcão, estavam Hunther Thompson e seu advogado samoano, pirados de mescalina, éter e muita cachaça. O repórter Thompson deveria cobrir a *Mint-400*, tradicional corrida no deserto do Mojave. Só não foi tradicional sua cobertura. Hunther Thompson é considerado pai do jornalismo gonzo. Ele se inclui em suas reportagens, se fode com elas, descreve suas paranoias e os porres gigantes que toma.

Entre um copo e outro, conversei com Thompson dentro da minha cabeça encharcada de álcool e maconha. Tudo estava mais colorido no salão. O carpete com desenhos ficou mais psicodélico. No quarto, os lençóis se mexiam sem ninguém dentro. Estava sozinho. O resto tinha ido comer no *Mac Donald's* dentro do hotel. Os lençóis continuavam em movimento. Peguei um livro e comecei a ler. Adoro fazer isso quando estou chapado. Meus colegas de

quarto acharam estranho.

Dormimos lá pelas três da madrugada. Las Vegas viraria apenas uma lembrança horas depois.

O medo

O atraso na volta com as limusines gerou um estresse. Na manhã do dia 28 de janeiro, a volta de mais 1000 quilômetros serpenteando o deserto até as montanhas geladas de Truckee. Hugo prometeu que deixaria pra trás Larissa ou qualquer um que se atrasasse na saída. Ele não tinha essa autoridade, mas era um cara que impunha respeito. E ninguém queria arrumar confusão por café pequeno. Eu, que já tinha incorporado um diplomata dentro do grupo, pedi a Larissa que não se atrasasse. Um reclama daqui, que era um absurdo alguém tentando mandar no pessoal. Outro reclama de lá, e os do deixa disso se juntam para findar o debate.

Café da manhã no *Mac Donald's* do *Stratosphere*. Dentro dos hotéis cassino, cria-se um verdadeiro ecossistema de restaurantes, redes de *fast-food*, lojas de roupa e acessórios. Até cinemas se encontram. Tudo para que o cliente tenha à disposição uma infra-estrutura impecável e não tenha vontade em migrar para outro cassino. Já passada das 9h30 quando paramos em um posto de gasolina, enchemos o tanque metemos o pé na estrada.

No retorno, eu não era mais o co-piloto. Chris começou dirigindo e Ciro, muito amigo dele, quis ficar no banco ao lado. Fui no banco de trás, junto com Larissa e Raoni. Hugo, Débora e o resto seguiram no outro carro. Paramos uma vez para fotos no deserto, com placas indicando Las Vegas. O sol era intenso, mas aprazível. Ventava bastante. Nenhuma alma viva a milhas de distância. Nas placas de velocidade, a indicação: 75 milhas/hora. Convertido em km/hora, 160. Mas o carro era potente, eu dormi igual pedra e alguns começaram a pilha de acelerar mais que o permitido. Naquele fim de mundo, até as botas de Judas não se perderiam.

A brisa corria frenética nos rostos. Sensação de liberdade. Música estourando os tímpanos. Parecia Hunther Thompson e seu escudeiro gordo, o Sancho Pancha da ilha da Samoa, cruzando o deserto chapadões. A única diferença era que 40 anos atrás, quando eles fizeram a viagem e surgiu o livro *Medo e Delírio em Las Vegas*, o aparato policial estadunidense não era tão bem desenvolvido e

onipresente. No meio daquelas montanhas laranja desbotado, olhos muito vivos. Depois de uma curva a quase 200 km/hora (90 milhas), a sirene tocou. Envolto em poeira, um carro de polícia atrás de nós pedia para encostarmos.

Cena de filme. Da viatura, sai um policial de chapéu, dois dentes na boca, um bigode meio ruivo e óculos *Ray-ban*. Um pastor alemão no banco de trás com cara de ser amigo apenas do tira. A primeira regra é que ninguém sai do carro. Nos EUA, quando um policial aborda um motorista, ele aguarda dentro do veículo o homem da lei pedir os documentos e ver se está tudo ok. Meio acordado, reparo em um detalhe que piora o ambiente: uma estrela dourada na camisa caqui do policial. Só podia ser o xerife.

Mais uma vez, Chris apresentou o passaporte norte-americano na tentativa de aliviar a barra. Sem chance. O homem, na casa dos 40 anos, foi curto e grosso: seguir até a cidade mais próxima. Lá, pagar a fiança por excesso de velocidade ou cana. A cereja do bolo. Uma noite na cadeia para a viagem ter *grand finale*. No banco de trás, só olhava para Ciro e o xingava em pensamento. Merda pura. Depois de semana com filmes de terror durante a noite, eis que um se desenha em nossa frente. Larissa e eu nos entreolhávamos com a ideia de que o tira iria comer nosso rabo e vender nossos órgãos para uma máfia imaginária do deserto. Raoni não dizia uma palavra. Chris virou o carro e seguiu até Goldfish, uma vila a trinta minutos de onde estávamos. Provavelmente uma cidade formada durante a febre do garimpo no Oeste, em meados do século XIX. Hoje, um vilarejo fantasma, repleto de construções decadentes e uma delegacia em um casarão aterrorizante de tijolos à mostra.

Lá dentro, o veredito. A fiança para seguirmos era de U\$390. Pagamento em dinheiro vivo. Nem sinal de um caixa eletrônico junto com uma boa ganstança em Las Vegas. Quase ninguém tinha mais dinheiro à disposição. Por sorte, tinha cem verdinhas em caso de emergência. O pessoal foi juntando os trocados, enquanto Chris, na sala da juíza, era autuado e assinava alguns papéis. Saiu no corredor onde aguardávamos e disse que fariam um desconto de U\$ 70. Incrível era que uma juíza trabalhasse naquela espelunca, que devia receber ocorrências muito raramente. De volta à sala do júri, o brasileiro-americano ouviu um sermão da juíza, uma senhora loira e muito distinta, que, risonha, nos aconselhou a pegar leve

no restante do trajeto e respeitássemos às leis estaduais. Aquela quantia deve ter sido uma benção para os cofres da cidadezinha às moscas.

O resto da viagem foi de contas. Calcular o prejuízo inesperado e pelo *Nextel*, um celular via rádio, combinar que a multa seria dividida entre os gastos gerais. O outro carro não foi pego por estar um pouco à frente do nosso. Também estavam acima da velocidade permitida. Estacionamos em outro *Mac Donald's* e eu de saco cheio de comer batatas fritas, saladas murchas de alface e tortas de maçã por um dólar. Meu estômago de vegetariano já tinha virado um experimento *Super Size me*, aquele documentário em que diretor resolve se alimentar ao longo de um mês com a comida da rede de *fast-food* do palhaço Ronald.

Era noite, por volta das 22hrs, quando Truckee apareceu. Deixamos o pessoal da casa dos brasileiros e fomos descansar na pensão. Cabeça cheia da jogatina maluca, viaturas policiais na cola e o focinho do pastor alemão fungando no cangote. Morremos nas camas. O ponto bom ficou por conta da amizade com Larissa, Lais e Marina. Timão, assim como seus quatro amigos cariocas, tinha sido demitido de *Sugar Bowl*, que estava cortando despesas. Saiam da casa brasileira no lago em poucos dias.

Cavando neve

31 de janeiro

“Enquanto eu cavava neve, o Lincoln passava rindo”.
(Ana Paula Bittencourt. Trabalhou nos teleféricos)

“Um dia nós cavamos até a “morte”. Aí o Shaun (supervisor)
Veio e disse que a nevasca não ia parar e era pra ir embora”.
(Laís Soratto. Trabalhou nos teleféricos)

“Trabalhando aqui nessa merda, chatão. Essa neve doendo no
olho, pra ganhar uma miséria e os caras te tratarem mal.
Mas no final das contas, valeu a pena. Amadureci”.
(Bernardo Tavares. Trabalhou nos teleféricos)

Um remédio ótimo para curar a ressaca da viagem fantástica a Las Vegas foi cavar neve, um hábito de sobrevivência para os moradores de regiões abaixo de zero grau. Ao cair, sob a forma de flocos, parece encantadora. Traz esperanças aos que precisam dela para seus empregos. Mas todo aquele branco monótono é traiçoeiro. Se deixar, a neve se aglomera, entope as escadas das casas, causa avalanches. Para as estações de esqui, ela é fundamental apenas nas pistas. Nas estradas, é preciso sempre que um caminhão retire o excesso para que os veículos possam trafegar. Durante dias de nevasca, é comum que se fechem as rodovias a fim de se evitar acidentes. Os motoristas têm que carregar correntes nas rodas traseiras dos carros para diminuir o atrito e as derrapadas. Nas regiões geladas dos EUA, não ter um par de correntes gera multa e até prisão.

Quando faltava trabalho, os funcionários mais dispostos ganhavam algumas horas de salário para cavar neve. Função desgastante. A maioria que se aventura com as pás e os carrinhos de neve eram homens. Em duas ocasiões, vi meninas ao nosso lado na empreitada, com os braços doloridos e de língua de fora. Naquele 31 de janeiro, Max ordenou que eu fosse, junto com outros funcionários do aluguel de equipamentos, tirar a neve que embranquecia o deck. Era neve pra caralho.

A primeira coisa a se fazer é quebrar as camadas mais duras com

uma pá. Depois, recolher os escombros com o carrinho e despejar nos cantos do lado de fora do *deck*. E, por fim, espalhar sal grosso para que o sol e o vento derretam o que sobrou. O sal grosso deixa o chão menos escorregadio. Tanto trabalho me rendeu naquele dia 2hrs15 de serviço e quase U\$20 no pagamento, que era feito quinzenalmente.

Em uma dessas cavações, fiquei praticamente sozinho para dar conta daquela área enorme. Havia uma escada lateral na frente do casarão para entrada dos funcionários e clientes do bar. Oito lances de madeira. Tinha limpado seis deles, jogado sal. Do bar, com um copo de cerveja, Max apenas observava o capacho suar feito um porco. Saiu de seu templo alcoólico e me disse que meu tempo havia acabado e que eu fosse bater o ponto. Ainda argumentei que faltava um pedaço da escada inacabado e que em uns quinze minutos deixaria tudo pronto. Fui ignorado.

À noite, já me aquecendo na lareira de casa, a notícia. Max, certamente com umas a mais na cabeça, levou um tombo na escada e quebrou o braço. Kieth adorou aquilo. Mesmo desproposital, subiu um ar de vingança. O Alício se tornou ainda mais perigoso. Principalmente para os braços de um cozinheiro gordo e bonachão.

Um remédio ótimo para curar a ressaca da viagem fantástica a Las Vegas foi cavar neve, um hábito de sobrevivência para os moradores de regiões abaixo de zero grau. Ao cair, sob a forma de flocos, parece encantadora. Traz esperanças aos que precisam dela para seus empregos. Mas todo aquele branco monótono é traiçoeiro. Se deixar, a neve se aglomera, entope as escadas das casas, causa avalanches. Para as estações de esqui, ela é fundamental apenas nas pistas. Nas estradas, é preciso sempre que um caminhão retire o excesso para que os veículos possam trafegar. Durante dias de nevasca, é comum que se fechem as rodovias a fim de se evitar acidentes. Os motoristas têm que carregar correntes nas rodas traseiras dos carros para diminuir o atrito e as derrapadas. Nas regiões geladas dos EUA, não ter um par de correntes gera multa e até prisão.

Quando faltava trabalho, os funcionários mais dispostos ganhavam algumas horas de salário para cavar neve. Função desgastante. A maioria que se aventura com as pás e os carrinhos de neve eram homens. Em duas ocasiões, vi meninas ao nosso lado na em-

preitada, com os braços doloridos e de língua de fora. Naquele 31 de janeiro, Max ordenou que eu fosse, junto com outros funcionários do aluguel de equipamentos, tirar a neve que embranquecia o *deck*. Era neve pra caralho.

A primeira coisa a se fazer é quebrar as camadas mais duras com uma pá. Depois, recolher os escombros com o carrinho e despejar nos cantos do lado de fora do *deck*. E, por fim, espalhar sal grosso para que o sol e o vento derretam o que sobrou. O sal grosso deixa o chão menos escorregadio. Tanto trabalho me rendeu naquele dia 2hrs15 de serviço e quase U\$20 no pagamento, que era feito quinzenalmente.

Em uma dessas cavações, fiquei praticamente sozinho para dar conta daquela área enorme. Havia uma escada lateral na frente do casarão para entrada dos funcionários e clientes do bar. Oito lances de madeira. Tinha limpado seis deles, jogado sal. Do bar, com um copo de cerveja, Max apenas observava o capacho suar feito um porco. Saiu de seu templo alcoólico e me disse que meu tempo havia acabado e que eu fosse bater o ponto. Ainda argumentei que faltava um pedaço da escada inacabado e que em uns quinze minutos deixaria tudo pronto. Fui ignorado.

À noite, já me aquecendo na lareira de casa, a notícia. Max, certamente com umas a mais na cabeça, levou um tombo na escada e quebrou o braço. Kieth adorou aquilo. Mesmo desproposital, subiu um ar de vingança. O Alício se tornou ainda mais perigoso. Principalmente para os braços de um cozinheiro gordo e bonachão.

O MATADOURO



fevereiro de 2009

Eles (chefes de *Donner*) tratavam a gente igual a qualquer mexicano, *cucaracha*. Eles não falavam nenhuma vez em tom brando antes de gritar. Já começavam gritando: faz isso daí, porra! Aperta esse botão. Bombeia, bombeia. Você não podia ter um diálogo tranquilo com eles.
(Bernardo Tavares. Trabalhou nos teleféricos)

Chato era arrumar coisas pra fazer pra você não ser mandado embora. Cara, porquê eu ia ficar inventando coisas pra fazer se não tinha? Algumas pessoas não estavam reclamando porque não estavam trabalhando, e sim porque tinha gente trabalhando mais do que elas. Eu e o Hugo éramos alvo disso.
(Débora Leão. Trabalhou no aluguel de equipamentos)

Max continuou com o braço engessado, nos presenteando com mais uma cena desagradável. O gesso incomodava e o *gordo* coçava o braço o dia inteiro. Conforme a atadura ficou mais solta, cavucava o machucado com os garfos e as facas usados para servir pratos quentes no café da manhã. Acumulei mais uma função na cozinha: observar o momento sublime do cozinheiro se coçar para ver qual talher tinha utilizado e evitar que se misturasse aos outros. Algum cliente poderia se infectar com tantas bactérias vindas daquele homem imundo e sem noção.

Já estava há quase um mês fixo na cozinha, mesmo com as turbulências. Só que já estava de saco cheio da convivência com Max, que não percebia a carga de estresse desnecessário que passava a seus comandados. Carol A., que também andava na corda bamba na relação com ele, dizia estarrecida: *gente, a comida é uma coisa que se faz com amor. Você precisa passar uma pitada de carinho para quem vai comer. Cozinhar estressado passa uma vibração ruim para os alimentos.*

Fevereiro entrou no calendário. Ainda longe da data final do contrato, a vencer no dia 15 de março. Mas passada a euforia das

festas de fim de ano e um ou outro dia bom de clientes em janeiro, *Donner* estava mal das pernas, assim como as outras estações de esqui à volta. Só que as outras estações optaram pela dispensa de funcionários e trabalhar com carga reduzida. Um problema para Marshall, Jannet e Lincoln, que tinham que administrar o rancho cada vez mais vazio e com 80 funcionários estrangeiros procurando o quê fazer.

A estratégia para não causar uma dispensa em massa, que poderia pegar mal com o escritório da Intercultural, foi instalar um matadouro psicológico. Semana a semana, a lista de escala de trabalho vinha farta de folgas. Poucos funcionários eram intocáveis, a ponto de continuarem trabalhando cinco dias da semana. A maioria deveria se contentar a três ou quatro dias na labuta. Não havia também a opção de um segundo emprego, já que ninguém estava contratando em Truckee. A recessão econômica era fato. Supermercados, lojas e *fast-foods* operando com pouca gente. Os funcionários de *Donner* viraram uma boiada pronta para o abate.

Aquilo virou *Big Brother*, prova de resistência. Cada dia trabalhando menos, escassez de neve e um ambiente pouco festivo. Max ainda mais irritadiço, chegando ao cúmulo de bater boca com clientes na boca do caixa por reclamações de um hambúrguer frio ou na demora de entrega dos pratos. O clima ficou muito pesado. Para não ser mandado descansar mais cedo, o jeito era arrumar coisas para se fazer, mesmo que elas não existissem. Se um prato estava limpo, era de bom tom fiscalizar se não se esconderia nas bordas uma sujeira. O chão estava sempre imundo, mesmo com dez vassouradas e aspiradas de pó. Os equipamentos sempre precisavam de cuidados extras. Encerar uma prancha de snowboard duas, três vezes. Desarrumar e organizar as botas por número.

Mesmo nos EUA, que se orgulham de uma cultura pragmática e de resultados imediatos, o *jeitinho brasileiro* deu as caras. Até alguns supervisores mais tranquilos, como o Link, aconselhava seus funcionários a enrolar, a desenvolver a arte do *embromation*. Enquanto se estivesse procurando o que fazer ou achando chifre em cabeça de cavalo, Anna ou Lincoln demorariam um tempo a mais para dar o ultimato de bater o ponto e vazar dali.

Cercado de um ambiente de supervisores alcoólatras, drogados e com passagens pela polícia, comecei a me perguntar se não estava me tornando alcoólatra e dependente químico. Uma cerveja antes do almoço ou do jantar é muito bom para ficar pensando melhor. Mas eu passei a comprar, semanalmente, um fardo de 30 latas que não resistia a dez dias. Toda noite, após me estrepar na neve ou na gordura da cozinha, fumava maconha com os outros meninos da pensão. Éramos como uma sociedade da erva. Do lado de fora da casa, em uma rodinha, passando ou o cigarro ou o cachimbo. Fumar e beber até as pernas bambearem e a mente ficar *relax* era rotina.

A festa do Mickey

Durante minhas rondas pela despensa para checar o que estava faltando e organizar as prateleiras, um fato me chamou a atenção. Fora os restos de pacotes de salgadinhos e doces abertos por Max e por mim, já que tinha virado parceiro no esquema do *gordo*, algo não parecia natural. Os sacos de pão amanheciam com furinhos na parte de baixo. Alguns até já acumulavam bolor dos dias em contato com o ar. Duas opções: ou era traça ou alguns ratos estavam se deliciando com os pães. A segunda se confirmou. A cozinha de *Donner Ski Ranch*, que eu passei a chamar de *Donner Espelunca Ranch*, estava infestada de roedores.

Espalhamos ratoeiras para capturar os bichinhos. Cinco ratos caíram na armadilha e, por alguns minutos, ficaram em exibição pública para os funcionários, que começaram imediatamente as piadinhas. Duda, que trabalhava nos tíquetes, foi a mais criativa nas ideias. Por que não pegar os ratinhos, fatiar e servi-los? A festa do Mickey Mouse já estava armada mesmo. E um dos pratos mais pedidos da cozinha, a *quesadilla*, uma massa fina de milho, servida com queijo, carne e legumes, foi rebatizada de *mouse quesadilla*, a tortinha à base de ratos. Lincoln até riu da graça de Duda, mas não estava nem um pouco contente com o ocorrido. A Vigilância Sanitária faria uma inspeção dentro de alguns dias e, se tivesse o mínimo de rigor e bom senso, lacraria aquela cozinha, além de gastar uns bons metros extras de fita para fazer o mesmo com Max.

Tirando os ratos e as baratas, que vi passearem tranquilas mui-

tas vezes, existia o fato de só haver um *container* solitário para dar conta de todo o lixo que se acumulava durante a semana. No sábado e domingo à noite, com o quadrado de ferro estufado de sacos de lixo, mesmo após prensá-los com os pés, tínhamos que estocar os sacos de resíduos do final de semana no chão da cozinha. Colocá-los lá fora, ao Deus dará, era prenúncio de que amanheceriam todos rasgados por guaxinins a procura de alimentos. De manhã, a desgraça. O chão ficava molhado de chorume com um odor insuportável. Antes da limpeza geral e do preparo do cardápio, os funcionários se juntavam em mutirão para tirar o lixo e arrumar a bagunça.

A segunda das viradas

A primeira grande virada durante minha estadia nos EUA foi o roubo da carteira em Chicago. A segunda, quando saí do *Ski Inn* e me mudei para a casa dos brasileiros. Os cinco cariocas que trabalhavam em *Sugar Bowl* e moravam na casa foram demitidos e as vagas estavam disponíveis. O pessoal da casa, que viu o aluguel diminuir ainda mais com os cinco meninos, se interessavam por novos moradores. Restava saber quem?

Depois da viagem a Las Vegas, plantou-se a ideia de que os brasileiros da pensão no topo da montanha seriam os candidatos a ocupar as vagas. Hugo e Débora eram super bem-vindos, assim como Raoni. Já Ciro e eu levantamos todo um debate na casa para que fôssemos aceitos. Contra Ciro, pesava o fato de ele ser visto como egoísta e pouco dado à vida no coletivo. Contra mim, bem, havia uma bíblia de pontos negativos atribuídos: encrenqueiro, sem noção, traíra, fofoqueiro e muito mais.

Pagar U\$400 mensais por uma cama na pensão era salgado. Meus pagamentos quinzenais oscilavam de U\$ 300 a U\$400. So-brava pouco para o mercado, a bebida, as festas. Mudar para a casa dos brasileiros significava, além da mudança de ares, U\$100 de aluguel. O número de clientes na estação era cada vez mais baixo, e ninguém tinha garantias de trabalhar muitas horas. Até mesmo quem morava no topo da montanha, encostado em *Donner*, penou.

Kieth, num primeiro momento, se dispôs a conversar com Lin-

coln se não poderia beneficiar os inquilinos de sua casa. O gerente foi taxativo: esqueçam privilégios aos moradores do *Ski Inn*. Kieth, muito amigo de Lincoln, se omitiu depois da negativa e não teve jogo de cintura algum para manter os brasileiros hospedados na pensão. As argentinas tinham se mudado em janeiro para outra casa brasileira em Truckee. Ainda tentei convencer Kari a nos conceder um desconto no aluguel, sugerindo até trabalhar nos serviços domésticos que ela tanto detestava fazer. Houve até a ideia de pintar os quartos de baixo e o corredor dos quartos de cima como eram em 1960, enquanto a casa era uma das residências oficiais dos Jogos Olímpicos. Ao invés de paredes brancas e monótonas, esquiadores e patinadores no gelo decorariam mais uma vez o espaço. Nada feito. A administração era muito caseira e Kieth vetou um eventual desconto.

Foi a deixa para irmos embora. Hugo, Débora e Raoni se mudariam. Ciro queria permanecer seus últimos dias de Estados Unidos na pensão, mesmo que Chris já estivesse quase de partida para o Brasil. Eu, o garoto problema, esperava por uma reunião entre os moradores da casa dos brasileiros. O *não* à minha ida para lá era quase unânime, salvo Larissa, Lais e Marina, que advogavam a meu favor. Timão chegou a dar uma força e defendeu que eu era muito engraçado e gente boa.

Ana Paula dizia sobre a minha mudança para casa: *como assim cara, não tem nada a ver*. Duda, veemente, não me queria por lá, pois tinha uma imagem negativa de mim, a de que eu não gostava dos chefes do rancho, que brigava e arrumava confusão, o oposto dela. Flávia e Bruno, os locatários no papel do imóvel, também foram pelo *não*. Marina foi uma das únicas a me defender e pôr a cara a tapa. Em sua casa, num condomínio em Niterói, ela se lembra do dia da votação. “É tranquilo o Alício vir pra cá. E a galera ficou no *não*. Aí pensei: cara, fodeu. Se ele fizer merda aqui na casa, vou ser uma das culpadas”.

Débora e Hugo, que tinham crédito com muita gente, me defenderam também. Só que meu histórico de problemas ali não ajudava. Em um fim de tarde de janeiro, desci a montanha para fazer o mercado e acabei perdendo o último ônibus de volta. A mochila, cheia de compras, arrebentou as alças uns 200 metros depois do mercado. Arrastei o fardo na rodovia atrás de uma carona, que

teimava em não aparecer. A mochila foi se enchendo de neve suja, meus braços ficando roxos do esforço. Caminhei mais de um quilômetro até um posto de gasolina e liguei para um táxi. Para chegar até em casa, U\$ 40 que matariam meu orçamento. Gastei U\$ 10 até a casa brasileira e pedi pouso. De manhã, cheio de sacolas de supermercado, subi a montanha de ônibus, mas havia deixado um monte de manchas pretas de neve no carpete da sala. A Flávia detestou.

Mesmo em desvantagem, passei a frequentar a casa uns dias antes da mudança. No fundo, ainda esperava ser aceito. Quando o Diogo foi buscar as malas do pessoal no *Ski Inn*, arrumei as minhas e me auto-convidei para morar na casa. Paguei o restante do aluguel a Kari com um até logo. Ela entendeu a situação e desejou boa sorte na nova morada. Kieth não. Para ele, era traição pura e se despediu friamente de nós.

A casa dos brasileiros tinha uma sala com cozinha e uma mesa de jantar, dois banheiros e dois quartos. Um terceiro, improvisado entre o segundo banheiro e a lavanderia, não tinha porta e dava acesso à garagem. Apelidamos carinhosamente o local de “masmorra”. Ali, junto com Marina, Carol e Ana Paula, fomos Hugo, Débora e eu nos amontoar nos colchões espalhados pelo quarto, ainda decorado com pencas de roupas à mostra no corrimão da escada, no chão, calcinhas, toalhas, cuecas. Nos quartos de cima, o do casal Flávia e Bruno, e um segundo, habitado por Laís, Larissa, Duda e Raoni. Tudo ali era uma zona geral, uma bagunça sem precedentes. Podia-se brincar de esconde-esconde que havia escondedores entre pilhas de roupas limpas e sujas à vontade. Na janela da sala, instalou-se o fumódromo. A cozinha, mesmo pequena e estreita, era o lugar mais frequentado, assim como a mesa de jantar, lugar para jogs, bate-papos e rodadas de cerveja e narguileh.

No olho do furacão gelado e de casa nova, já que acabei sendo aceito, com uma pitada de contragosto, fevereiro estava aí e a maioria dos brasileiros, com saudades de casa e insatisfeitos com o trabalho, se apegavam à ideia de que o segundo mês do ano é de uma ofegante epidemia que se chamava carnaval.

Resolvemos organizar um carnaval brasileiro. A garagem de casa, fria como um defunto, seria o local, já que a sala não comportaria muita gente e o carpete estava detonado com restos de chiclete e furos de cigarro. Limpamos a área, que também servia de depósito dos sacos de lixos e tralhas. Cerca de 30 pessoas apareceram no nosso carnaval. Minha fantasia era de Max, o chefe da cozinha. Até uma tipóia para o braço eu consegui arrumar.

Dançamos Samba, música latina, enchemos a lata de cachaça e maconha. Dormi transtornado, feito uma lagartixa amassada no colchão. Pessoas bêbadas iam e vinham pela “masmorra” e pisavam nos que estavam adormecidos. Chapação.

Roleta Russa

Juliana tinha uma função específica na cozinha. Toda manhã, preparava os lanches dos operadores de teleféricos, os únicos funcionários que recebiam almoço de graça na estação. A refeição se resumia a um lanche com carne, tomate, alface e queijo, um salgadinho, um doce e um refrigerante. A carne usada muitas vezes era a não aproveitada no cardápio da cozinha. Sobra mesmo. E demorou tempo demais para que os ingredientes de qualidade duvidosa comesçassem a se manifestar.

O estômago revirou. Dores de cabeça. Náuseas. Certo dia, Ezequiel, um dos operadores, se queixou de dores muito fortes no estômago. Outro funcionário se queixou das mesmas dores. Um terceiro também. No fim, 18 operadores de teleféricos contraíram infecção alimentar. Comer o lanche de *Donner* virou uma roleta-russa. Não havia a menor ideia de quem a próxima bala atingiria. A carne de peru, uma das mais utilizadas na preparação dos lanches, estava estragada. Esturricada, com as bordas pretas, cheia de nervos. Fora os pães, que podiam conter mordidas de ratos e bolor. Uma loteria do mal.

Na tentativa de se evitar novas infecções, a direção liberou hamburgers no lugar da carne maligna. Por pouco tempo. Minha passagem pela cozinha de Max Fox, que não suportava mais minha cara por ali e não fazia a menor questão de disfarçar isso, estava chegando ao fim. Carol A., outro desafeto declarado do *gordo*, estava prestes a rodar também. Só tive sobrevivida no setor alimentar porque ainda conseguia arrumar a cozinha como poucos. E dentro

de alguns dias a Vigilância Sanitária faria uma inspeção. Max, desesperado, tentava juntar os cacos e transformar seu setor em um lugar mais decente.

Montanha russa

Em meados de fevereiro, recebi a notícia de que seria transferido para os teleféricos. A cozinha tinha funcionários demais e precisavam de mais gente para trabalhar do lado de fora. Na teoria, fui treinado para operar um teleférico. Já na prática...

Meus novos chefes seriam Shaun, o supervisor, e Matt, seu assistente. Shaun, um gordo na casa dos 30 anos, cabelos meio grisalhos, ar de malandro, traficante de drogas, preso por seis anos e meio por tráfico. Matt, um rapaz de uns 20 anos, loiro, olhos azuis, maconheiro nato. Shaun era um cuzão de primeira. Gostava de exercer sua autoridade, gritar com os subalternos. Uma de suas diversões era ir até a parte de trás da montanha, acender um baseado e ficar curtindo a brisa em meio aquela paisagem linda. Ele também revendia a erva para nós, e se orgulhava em ter a melhor maconha da região. Matt era mais compreensivo, conversava com os funcionários de um jeito amigável e, vira e mexe, frequentava as festinhas com a gente.

A vida nos teleféricos era árdua. Às oito da manhã, cavar neve para montar as rampas de embarque e desembarque. Depois, colocar as placas de segurança e as faixas que delimitavam as áreas em volta dos teleféricos, para que nenhum cliente se esborrachasse nos postes de ferro da maquinaria. Por fim, checar as condições do tempo e esperar o sim da chefia para iniciar as operações. Geralmente, os teleféricos da frente da montanha abriam com mais regularidade. Os de trás da montanha dependiam do número de clientes na estação e de boa visibilidade para funcionar.

Como eu já era bastante indesejado por Lincoln & Cia, era escalado com frequência para trabalhar nos teleféricos da parte de trás da montanha, onde a neve se infiltrava nos assentos das máquinas e os deixava encobertos. Fazer a manutenção era necessário, mesmo que se fosse ligá-las uma vez por semana. Lá no fundão, trabalhavam a maioria dos degredados pela chefia. Um exílio de oito horas na qual se cavucavam as pás e as placas de sinalização das

profundezas do inverno antes de tirar a neve e o gelo dos assentos. Além da solidão entre pinheiros, o céu e a neve, já que bem poucos esquiadores se aventuravam por aquelas bandas.

Trabalhar em contato com a neve requer muitos cuidados. Nas botas bem grossas, um par bem forte de meias térmicas e sacos plásticos para impedir que a neve entre e derreta nos pés. Nas mãos, luvas caprichadas. Roupa térmica cai bem, especialmente as calças, além de um moletom, jaquetas e calças apropriadas para o tempo. Mas todo esse aparato vai se mostrando vão após duas ou três horas cavando neve ou permanecendo quase imóvel, ajudando apenas os clientes a embarcar e desembarcar e apertar os botões que fazem os teleféricos irem mais devagar, mais rápido ou parar, em caso de queda. Uma das poucas diversões era colocar fones de ouvido e ouvir música, o que era proibido durante o expediente, ou falar com o outro operador da máquina pelo telefone.

As pernas doem. As mãos trincam dentro das luvas e os dedos vão perdendo a sensibilidade nas pontas. Os pés congelam de tal maneira que a impressão é de que estão gangrenados e vão se desmembrar do corpo a qualquer momento. O ouvido zumba e os olhos, mesmo protegidos por óculos, ardem com o reflexo maligno do sol no grande espelho branco congelante.

Lincoln achava graça no sofrimento do outro. Nada me tirava isso da cabeça. Ao longo da temporada, alguns funcionários, quando iam esqui ou andar de snowboard, acabavam se acidentando. Um quebrou a perna. O outro, a clavícula. Um outro, o braço. No topo da montanha, o chefe Gargamel me pergunta com certo espanto:

- Engraçado Alício. Muita gente se acidentando aqui em *Donner* e você continua aí, intacto.

- É, Lincoln. Para me quebrar é preciso mais do que uns tombos nos esquis.

E não foram apenas os inúmeros tombos que sofri esquiando que testaram minha resistência física e mental. Meu *boss* resolveu colocar mais alguns obstáculos durante minha jornada em *Donner Ski Ranch*. O pior castigo, que não eram os xingamentos de *vaga-*

bundo preguiçoso; é bom você trabalhar mais senão te mando pra casa, foi uma ordem para que eu permanecesse o dia inteiro na base do teleférico mais afastado. Bernardo, que estava trabalhando comigo naquele dia, se lembra do fato enquanto jantávamos em um restaurante granfino na Barra da Tijuca.

*“A gente tava trabalhando lá na base do *lift*, aí o Vitinho (que estava no topo do teleférico) avisou. Na hora de subir pra cabine almoçar, você foi primeiro, comeu e voltou. Aí eu fui e a gente combinou com o Vitinho de falar com o chefe que a gente ia ficar se revezando na cabine porque tava muito frio. Tava nevando pesado aquele dia. Pé congelado, a ponta do dedo que não se sentia. Eu subi e falei que você ia subir daqui a pouco porque tava com frio. O Vitinho ligou para avisar o Lincoln e ele disse: *o Elcio não vai subir. Vai ficar lá na base.* Aí eu fiquei contigo. Puta sacanagem. O cara aqui morrendo de frio e eu podendo subir. Pelo menos um ajuda o outro”.*

Em outra ocasião, Bernardo, que me deu os apelidos de Cachaça e Jimmy Newtron, um famoso desenho infantil, por conta da minha cabeça enorme e do cabelo com topete, foi mais uma vez parceiro em aguentar uma nevasca ao meu lado sem precisar. Só que dessa vez, tive que almoçar na base do teleférico mesmo, sem poder subir ao topo e me esquentar na cabine. O sanduíche tremia junto com as mãos enquanto eu, com a boca trêmula, apenas dizia : *eu não vou embora daqui.*

Quanto mais os filhas da puta me chicoteavam e me desafiavam, mais eu tinha a necessidade em mostrar que não iria desistir, que permaneceria naquela espelunca até o fim do contrato. Se o veado do Lincoln, com sua moto de neve, e o Shaun, se exibindo no snowboard, se achavam *bad boys*, não tinham visto ainda os chifrinhos do capeta.

Muitas vezes, enquanto o Lincoln me levava na garupa do *snow-mobil* até o teleférico que iria trabalhar, senti vontade de matá-lo ali mesmo, quebrar o pescoço daquele ruivo imbecil.

Partido Verde

A maconha é um hábito cultural na Califórnia, um dos estados norte-americanos com maior grau de engajamento na descriminalização da droga. Por aquelas bandas, se permite usar a erva em caráter medicinal e em doses controladas. Em meio ao tédio que a neve imprimia em nossas vidas, fumar um *beck* servia para relaxar a mente, deixar os ossos moles, esquecer que lá fora o vento uivava feroz. Um tele-transporte a dimensões longínquas. Comprar a erva era fácil. A maioria dos supervisores de Donner consumia a droga e a revendia com muita tranquilidade. Shaun era uma das cabeças. Eric, o supervisor do Estacionamento, também fumava e revendia. Max só fumava. Mops, um dos moradores do Ski Inn, exibia orgulhoso uma carteirinha médica que o autorizava a fumar um *oreganozinho* para aplacar sua escoliose.

E nada mais convidativo a um maconheiro do que um super brigadeiro verde. Já tinha experimentado *cookies* à base de maconha preparados pelo Mops e a viagem tinha sido incrível. Alguns se interessaram pela iguaria, compramos U\$ 100 do produto e decidimos montar o *brigaderonha* às vésperas da viagem que algumas pessoas de casa fariam pela costa da Califórnia.

Um de nossos vizinhos se chamava Eric, filho de mexicanos e natural de San Jose. Resolveu trocar a praia pela montanha após se envolver em muitas confusões com drogas e gente barra pesada da cidade. Pediu pra sair antes que o caldo engrossasse para o seu lado. Falando assim, Eric até parece um bandido. Muito pelo contrário. Um homem solitário, carente e muito prestativo. Às vezes, pegava seu carro, uma camionete velha, e nos levava até Reno para fazer compras ou ir ao cinema. Era figura constante na sala de casa. Todo mundo conversando em português e o vizinho lá, dentro de uma viagem interior, só nos observava.

Na receita do *brigaderonha*, o passo número um é misturar a erva com manteiga dentro de uma panela e mexer bem até que se transforme em uma pasta homogênea. Depois, adicionar o chocolate e deixar um tempo na geladeira para o brigadeiro ficar mais

gostoso. Simples.

A cada colherada, os membros daquele “partido verde” ficavam mais leves. Ainda fumamos narguileh e mais uns baseados. Todo mundo doidão. Depois da pajelança, bateu a *munchies*, aquela larica animal que faz com que o cara devore até a porta da geladeira. Levei mais de uma hora para morrer. Deitado no colchão, a brisa violenta soprava enquanto os olhos vermelhos marejavam.

Flanelinha do diabo

O estacionamento era o setor que causava arrepios. Parecia o subemprego do subemprego, já que lavar banheiros cagados ou aturar o chulé de mulheres gordas pondo as botas de esqui não era nenhuma graduação em Cambridge. Éramos todos o bagaço da laranja, uma peça descartável na engrenagem que movia a estação. Mas nenhum dos funcionários ou supervisores tinha sido tão sugado pela vida quanto Eric, o guardião do estacionamento. Olhos fundos, rosto chupado, dois dentes, sempre a mesma roupa, o mesmo gorro na cabeça, os cabelos desgrenhados, botinões surrados. Uma vez por ano, Kari, que era uma espécie de mãe para ele, trocava seu colchão, pois o mau cheiro da falta de banho e de cigarro gerava um perfume demoníaco.

O primeiro auxiliar de Eric tinha sido Rodrigo, um carioca com jeito paternal. Depois o Luis, outro carioca. Até que os dois foram transferidos de função e Daniel, um professor de inglês em Volta Redonda, foi sacado do aluguel de equipamentos e jogado aos carros que procuravam vagas para estacionar. Trabalhar naquela merda era o prêmio das pessoas que estavam com o nome na lista negra. Daniel, um moreno de 1,90m, desengonçado, feio, efeminado, tagarela, fã de Mariah Carrey, não demorou muito a ganhar o desprezo de Lincoln e seus comparsas. Mesmo com tudo contra ele, seguia cantarolando os sucessos de Mariah, e chegou até a fazer um showzinho no bar da estação para os funcionários no fim de um expediente. Uma experiência bizarra. Um cara enorme cantando com voz feminina músicas da artista pop norte-americana. Daniel *American Way*, nome que se dá nas redes sociais, virou para nós a Mariah. Nas conversas entre *walk-talks*, de vez surgia a pergunta: *onde está a Mariah?* De Lincoln a Marshall e entre os funcionários, o apelido pegou.

No fim de fevereiro, desci o último degrau no inferno gelado. Passei a trabalhar no estacionamento. Minhas horas de trabalho diminuíram ainda mais, já que os funcionários do setor começavam a trabalhar às 7hrs30 e iam embora entre uma ou duas da tarde. Houve ainda um acordo de que eu, após o expediente no estacionamento, ajudaria nos teleféricos para completar as oito horas de trabalho diário.

A única coisa mais divertida naquele trabalho era que eu tinha um rádio para me comunicar com os outros setores da estação. Podia ouvir todas as fofocas e as gentilezas do Lincoln com seus subordinados. Eric, que no fim acabou sendo meu melhor supervisor, nunca me enchia o saco. Não bancava o arrogante, conversava de igual para igual e apenas pedia que eu fizesse o serviço numa boa.

Sob a jaqueta azul de *Donner*, era obrigado a usar um colete laranja e carregar na mão uma bandeirinha também laranja para indicar um ponto para o cliente estacionar. Além de flanelinha, Lincoln queria que eu ficasse na beira da estrada agitando a bandeira para chamar a atenção dos motoristas para que eles se interessassem pela espelunca. Nem que eu precisasse mentir e dizer que a estação era a coisa mais linda do mundo. Só que eu era o funcionário menos indicado para aquilo. Parava um carro, o motorista perguntava como era *Donner*, e eu, já de saco cheio de tudo, recomendava que ele fosse esquiar em *Sugar Bowl*, do outro lado da rodovia. A não ser que o cara estivesse com a grana curta ou já frequentasse a estação, dava meia volta no estacionamento e rumava para *Sugar*. Até nós, o proletariado de *Donner Ski Ranch*, quando podíamos pegar os equipamentos de graça, arrumávamos uma carona e íamos nos divertir na estação de esqui vizinha, já que não pagávamos o tíquete.

Lá em *Sugar Bowl*, tão bem estruturado, era difícil não sentir um quê de vergonha por trabalhar naquele rancho xexelento. No lugar da cozinha engordurada e fétida de Max Fox, um restaurante auto nível com atendentes de aventais muito brancos, luvas adequadas para o manuseio da comida e, principalmente, limpeza. Ao invés de teleféricos jurássicos, máquinas super-poderosas com assentos com travas de segurança.

Cada vez mais me convencia de que *Donner Ski Ranch* era o

brinquedo caro do Marshall, um cara que se misturava aos funcionários para trabalhar no que fosse necessário, mas que colocava um monte de pessoas sem competência para tomar conta daquilo. Um lugar de amigos, que não precisavam de muito para se tornar inimigos, principalmente dos funcionários e clientes, que se compunham de grupos de gente com pouca prática de esqui, jovens com pouca grana e muitos estrangeiros, como japoneses e indianos, que enchiam o refeitório de cascas de tangerina e viviam pedindo água quente para o miojo que traziam de casa.

Enquanto *Sugar Bowl* tinha visão e aparência de empresa séria, nosso ranchinho era um caos, sujeito aos humores dos patrões e supervisores, uma gente mal preparada, um monte de Zés da Silva, drogados e prostituídos pelo ambiente rude que os rodeavam. Ninguém ali parecia se importar com a visão que se levaria de *Donner*. Marshall e Jannet, os proprietários, estavam mais a fim de exibir sorrisos do que modificar a administração, que se centralizava no Lincoln.

Quando o número de clientes de janeiro e fevereiro despencou, Marshall iniciou um corte de gastos que ia desde tirar da bancada de temperos os saches de molho até adiar ao máximo levar os panos e aventais para lavar. Um avental de um cozinheiro chegava a ficar tão sujo que, em vez de um restaurante, parecia mais um açougue. Com as mãos ensangüentadas, o funcionário vai atender o cliente e grita: *coxão duro ou mole?*

Nossas sugestões eram o mesmo que nada. Percebendo o grande número de indianos que frequentava o local, sugeri ao Max que incluíssemos uma pizza vegetariana ao cardápio. Nem ligou. Resolvi fazer uma mesmo assim, em um dia que ele estava de folga. Apenas tive o imenso trabalho de retirar a calabresa da massa e incluir mais queijo e rodela de tomate. Vendemos quatro pizzas dessas inteiras em pouco mais de uma hora. Mas, para aquele gordinho de cérebro de ervilha amassada, que se fodessem os hindus e suas vacas sagradas. Segue pizza de calabresa, para combinar melhor com a silueta do *chef*.

Para *Donner Ski Ranch*, os latinos que trabalhavam ali eram um bando de ignorantes, índios. Fingiam esquecer que o cara fritando batatas era um engenheiro mecânico e o flanelinha do estacionamento, um estudante de Administração de Empresas. Sendo flanelinha, recebi a única gorjeta individual da minha temporada. Certo dia, uma família parou no estacionamento e puxou assunto. Solícito com o homem que, com um inglês macarrônico, me contou

que viera da Rússia tentar a vida na América junto com a mulher e o casal de filhos. Voltou no dia seguinte para esquiar, e, ao me ver no refeitório, tirou uma nota de dez dólares e me deu. A gerência de *Donner* subestimou a minha lábia e astúcia, assim como as de muitos outros ali.

TRAPALHADAS





fevereiro de 2009

O cara que te punia era o cara mais errado.
(Carol Huck. Trabalhou na cozinha)

Donner Ski Ranch foi pra mim uma colônia
de férias, com tarefas a fazer e bagunças a parte.
(Larissa Morais. Trabalhou nos tíquetes)

Fiz muita cagada nesses quatro meses nos EUA, principalmente no trabalho. O *Alício*, uma brincadeira de momento, acabou virando o meu disfarce de jornalista. Comprei a reportagem. E o rancho se encarregou de me oferecer um material vasto. Os casos de trapalhadas administrativas eram inacreditáveis. Quando primeiro de março apareceu no calendário, 15 dias nos separavam do fim do contrato. Muita gente quis ir embora antes, para aproveitar alguns dias e viajar a São Francisco, Nova Iorque ou Miami. O contrato previa que, após o fim do período de trabalho, o universitário tinha um mês extra no visto, chamado de *grace period*, para fazer o que quisesse nos EUA. *Donner* seguia às moscas, mas a gerência não queria liberar ninguém antes.

Quem se desligasse antes do fim do contrato corria o risco de ganhar o último pagamento só no Brasil, via cheque internacional. Ezequiel, um dos operadores de teleféricos, regressou antes sem o último cheque e tomou calote. Nunca viu a cor daqueles últimos dólares. Juliana, Aline e Maria Luiza, moradoras do *Annex*, precisaram de um tumulto para receber antes de irem passear em Nova Iorque. Juli se lembra bem do bate-boca. “Eu até poderia ter me sentido parte da família *Donner*, até o dia em que fui embora.

Aquele dia foi uma decepção total. Eles não queriam dar o pagamento. A gente (Maria Luiza, Aline e Juli) teve que brigar com o Lincoln. Ele foi extremamente grosseiro. Foi ao nosso quarto fazer a vistoria de saída, e disse que não ia pagar (o depósito do *Annex* U\$ 180, e o último pagamento). Tiramos todas as coisas do quarto, até as malas, para ele checar tudo. Mas disse que a gente não ia receber o fundo porque tava indo embora antes do término do contrato. Só sei que depois de muita confusão, recebemos o cheque dez minutos antes de irmos embora”.

Titanic

Flávia e Marina, duas vendedoras de tíquetes, eram super fãs da Celine Dion e se preparavam para ir a um concerto dela em São José. Como no escritório era possível ter acesso à internet, mesmo que de forma clandestina, já que os funcionários não podiam utilizar aquela maravilha de net discada durante o trabalho, Flávia resolveu comprar seu ingresso enquanto atendia os clientes. Junto com ele veio de brinde um vírus de computador com o nome da artista canadense. O vírus se espalhou para os outros computadores e, além dos supostos U\$ 10 mil que foram gastos para arrumar a rede, Flávia foi parar na geladeira na escala de trabalho. Se trabalhasse uma vez por semana, estava no lucro.

E as trapalhadas foram aparecendo à medida que eu entrava de cabeça na reportagem. Até o relógio eletrônico do ponto, que controlava as horas trabalhadas, aprontou das suas. Marina, que morava comigo na casa dos brasileiros, acabou recebendo um cheque de valor muito mais alto do que tinha trabalhado em uma quinzena. “A Anna me chamou pra conversar e disse que eles tinham feito um erro. Que quando eu colocava minha digital constava o nome da Fernanda, que também tinha o sobrenome Farias. Eu ganhei as horas dela e ela as minhas. O cheque dela tinha vindo muito baixo e ela estranhou. Aí, no próximo pagamento, o valor a mais que eu tinha recebido veio subtraído. Eu fiquei puta. Pensei: porra, o erro é de vocês. Mas eu não queria arrumar confusão. Eu fui reclamar com o Lincoln, ele me disse que eles iam arrumar as taxas, mas não virou em nada”. Problema da Marina ter sobrenome igual o da outra, pensava o Darth Vader da gerência.

Mas nenhuma dos casos foi tão emblemático quanto o da visita

da Vigilância Sanitária. Ainda quando o Max era meu chefe, rolou um clima tenso por uma inspeção sanitária. É claro que eu torcia para que os fiscais aparecessem, multassem e até fechassem aquele antro de bactérias, comida e gente estragada.

Da primeira vez, o *gordo* salvou seu traseiro e emprego, já que a visita não aconteceu. Da segunda, mais uma salvação, já que o tio Lincoln usou não só seus olhos azuis para dobrar os vigilantes sanitários. Testemunhei a cena, mas não tenho provas. Chegou a mulher da vigilância, loira, bem arrumada, cara profissional. Foi até a cozinha e não gastou cinco minutos lá dentro. Eu sabia da inspeção e, mesmo trabalhando nos teleféricos naquele dia de fevereiro, inventei uma desculpa qualquer para ir até o refeitório. Tomei um esporro do Shaun: que eu ficava enrolando e não queria trabalhar... Mas valeu a pena. Lincoln entregou um envelope branco na mão da mulher e os dois vão para o bar, tomar uma cervejinha.

Nem na maior das ingenuidades eu imaginei um suborno tão mal feito, ainda mais nos EUA, onde a corrupção e a putaria também rolam, só que de maneira bem mais discreta do que no Brasil, por debaixo de muitas e muitas camadas de panos.

Caixa de Pandora

Primeiro de março. O frio e a neve, que deveriam ter sido implacáveis durante todo janeiro e fevereiro, pareciam piores agora. Naquele dia não neveu, mas o vento não deu trégua pra ninguém e os pés tinham a sensação térmica de -20 graus na Sibéria. Coloquei o colete laranja, ajeitei os cones e as placas no estacionamento e só esperei a chegada dos clientes. Antes, enchi um copo de chocolate quente e levei alguns pedaços de madeira até a lareira a pedido do Lincoln, que dizia ser obrigação dos funcionários pegar do depósito ao menos uma tora e deixar junto ao fogo. No começo, a gente jogava as caixas de papelão dos produtos da cozinha na lareira, mas depois, talvez pelo excesso de fumaça extra que o papelão fazia ou frescura ambiental, que não era o forte dali, Marshall e Lincoln proibiram aquilo. Só madeira.

Um domingo modorrento, assim como todos os outros. As horas na estação não passavam. Vontade de ficar em casa coçando o saco. Havia cada vez mais menos funcionários, já que a partir da

segunda quinzena de fevereiro muita gente começou a debandar. As duas primeiras semanas de março seriam a oportunidade de trabalhar bastante e eu decidi ficar. Mais para esperar pela minha mãe, que tinha decidido ir me visitar, do que pela Espelunca *Ranch*. Enquanto eu orientava os carros onde estacionar, fiquei pensando na vida, longe. Dona Giza só chegaria a Nova Iorque no dia 15 e eu precisava resistir ao inferno de gelo o máximo que desse para não ter a surpresa de o meu visto ser cancelado por Lincoln e foder a viagem de duas semanas que eu tinha planejado antes de voltar ao Brasil.

Deu 1h30 no relógio. Fui almoçar e depois podia recolher os apetrechos do estacionamento e ir para casa. Mas a Tati, uma das meninas que trabalhava de *ticket checker*, conferindo nas jaquetas dos clientes se o bilhete de *Donner* era válido, me pediu para ficar no lugar dela enquanto ia ao banheiro. Fiquei na frente do teleférico seis naquele trabalho inútil, absolutamente decorativo, já que ele era feito a olho e o senso de controle era péssimo. *Sugar Bowl* disponibilizava aos seus funcionários dos teleféricos uma maquininha para checar os bilhetes e, a cada ingresso falso que eles apreendiam, ganhavam bônus que podiam chegar a U\$100. Quando eu ou outro funcionário do rancho pegava um espertinho com tíquete de outra estação ou fora da data, era no máximo um *obrigado* ou *bom trabalho*.

Nunca entendi como e nem quem contou, mas a cuspidora da Natália veio à tona, dois meses depois do fato. O que sei é que a portenha veio em minha direção com um arsenal de guerra dentro daquela boca linda. *Hijo de puta, esculpiste em mi salada? Te voy a matar, te enganchar la cara*. Muito sincero, confirmei a história, para a ira dela, que não parava de xingar e me encher de ameaças. Me chamou de falso, uns dez filhos da puta e que iria contar a história naquele mesmo instante para o Lincoln e o Max.

Confusão geral. Lá dentro, Natália se debulhou em lágrimas para os dois, fazendo a mulher de família que tinha sido violentada por um maníaco cuspidor de saladas. Shaun desceu de snowboard até o pé da montanha e me mandou vazar dali. Max queria conversar comigo. Perguntou se aquilo era verdade. Confirmei, para espanto daquela figura grotesca. Beber, fumar, cheirar, traficar e dar vexames no trabalho era aceitável. Cuspir no prato de uma donzela

indefesa, *jamás*.

Lincoln, em seu escritório, mandou me chamar. Com semblante de um professor de creche, olhava torto para mim. Como em uma colônia de férias ou na escolinha da Malhação, deu uma de papai sabe tudo e me aplicou um castigo: Alício, amanhã você não precisa vir trabalhar. Está suspenso da estação por tempo indeterminado, até eu decidir o que fazer com você. Só o que faltou foi me pedir para levar a carta de advertência pra casa e mostrá-la aos meus pais. Um deles ia ter que assinar.

Lá em casa, todo mundo riu com a história. Eu tinha conseguido me superar no meu histórico de confusões dentro de *Donner Ski Ranch*. Só que Zé do Caixão, um dos meus ídolos do cinema, rogou uma praga. Se Alício não trabalha, ninguém vai. Dos dias dois a quatro de março, uma nevasca violenta caiu sobre a região e obrigou a defesa civil a fechar a *Donner Pass Road*, a principal estrada de acesso às estações de esqui. O castigo acabou se estendendo ao restante dos funcionários, que ficaram em casa, apreciando as belezas do tédio e do ócio.

Tiradentes muderno (sic)

As atividades no rancho só voltaram ao normal no dia cinco. Acordei cedo, sem saber o que o horóscopo me reservava para aquele dia. Peguei o ônibus e fui até a estação, onde passei a manhã inteira esperando o Lincoln. Tirei a câmera fotográfica da mochila e fotografei aquele lugar como em uma radiografia. Conversei com um monte de funcionários, que também esperavam curiosos por esse meu encontro com o chefão. Lá pela uma da tarde veio o chamado.

Uma sala antiga, uma mesa com um computador não dos mais novos, montes de papéis e documentos tão à mostra que um espião desconfiaria de uma emboscada. Duas cadeiras. Algumas imagens na parede. Lincoln, Max e eu. Na pauta, o caso Natália, que eu descobri ser filha de um político influente na Argentina e que estava em sua segunda passagem por *Donner*. Lincoln, mais uma vez, me perguntou se eu realmente tinha cuspidido na comida da argentina.

Cuspi.

Veio um sermão breve do *boss*, de que aquilo era inacreditável e inaceitável para a gerência. Eu não estava arrependido do que

tinha feito e ainda argumentei que gostaria de ficar até o fim do contrato.

- Elcio, nós não podemos mais ter você trabalhando em *Donner Ski Ranch*. O que você fez foi muito grave. Aqui nos EUA, um ato xenófobo pode render até cadeia. Mas eu não quero confusão e vou colocar na sua ficha que você trabalhou até o dia 15. Você pode ir e viajar até o fim do seu visto. Faça o que você quiser. Aqui está o seu pagamento final.

Max apenas assistia à cena. Antes de sair, eu desabafei que aquele lugar foi o pior em que havia trabalhado em minha vida. Um lugar que não respeitava as pessoas e que tripudiava sobre elas apenas por um capricho de vaidade. Lincoln perdeu a compostura. Perguntou se eu gostaria que ele chamasse a polícia para resolvermos o assunto. Respondi que não era necessário. Para terminar, ordenou que eu nunca mais pusesse os pés em *Donner Ski Ranch*.

- Sem problemas Lincoln. Fico feliz em nunca mais pisar aqui. E antes de ir embora, *I have just two words for you: fuck you!*

Foda-se Lincoln. As duas últimas palavras do Alício, que no envelope com o cheque voltava a ser Elcio Cassola Padovez. O *gordo*, embasbacado com a minha petulância em mandar o gerente geral à merda. Lincoln ficou ainda mais macho e queria que eu repetisse a frase. Não era preciso. Deixei a sala com Max me escoltando até a saída da estação. Ainda disse a ele que eu não precisava de um guarda-costas e que sabia o caminho da rua, mas ele ignorou. Apertou minha mão e desejou hipocritamente boa sorte. Dentro de alguns dias, estaria de volta à minha vida normal em Bauru, enquanto ele continuaria atolado em seu pântano de merda.

Talvez eu nunca mais sinta a liberdade que tive no ponto de ônibus, gritando *foda-se* àquela espelunca como se eu fosse um animal selvagem, sem freios. Eu me transformei em um Tiradentes moderno, esquartejado para aplacar a ira de uma menininha mimada que ligou para o papai influente exigindo minha cabeça. Mas saí herói. As pessoas que trabalharam comigo diziam: “gente, tá pra nascer outro Alício aqui para encarar o Lincoln, mandar ele se foder”.

Em casa, tive que contar a história um monte de vezes. Junto com Hernán, um argentino que, bebaço em uma festa, arreventou

uma das portas do *Annex*, tinha conseguido a façanha da demissão. Horas depois, batem à porta Bruno Menegatti e Aline Antunes, dois moradores do alojamento de *Donner*. Bruno, que no início da temporada era um dos puxa-sacos da chefia e depois se desiludiu, tinha sido expulso do *Annex*. “Eu pedi pra Anna para sair antes porque minha faculdade tinha voltado. Daí o Lincoln falou que eu não poderia sair antes do fim do meu contrato. Fui ver o contrato e a data estava um ano atrasada. Brinquei com ele sobre isso, ele ficou louco e foi me expulsando do lobby. Daí ele me empurrou, eu mandei ele não me tocar senão quebrava a cara dele. Falou que ia chama a polícia se eu não saísse e um monte de coisa. Eu fui pro *Annex* e ele foi lá e perguntou até que dia e ia ficar. Eu disse que sairia assim que ele me pagasse. Ele disse que me pagaria em cinco dias, e, no outro dia de manhã, Diogo veio e me disse que meu cheque tava pronto que eu tinha que sair do *Annex* naquela hora. Foi daí que a Flávia falou que eu poderia ir ficar na casa de vocês até eu ir pra Nova Iorque. A Aline (namorada) foi comigo, e eles não me pagaram na hora, só um dia antes de eu ir viajar. Quase que não pego o cheque”.

Sem emprego e com mais nada que me prendesse àquele lugar, resolvi arrumar as malas. Direção Nova Iorque. Antes, uma passada em São Francisco. No final de semana, tive que exercitar meu lado Tiradentes. Os diretores do rancho e os mais chegados deles tomaram as dores da Natália. Alguns funcionários deliraram com a cuspida e acharam bem feito. Mesmo com alma de herói, virei bode expiatório para tudo. Brigou com a mulher? Perdeu o emprego? Dê umas porradas no Alício que melhora. Joga pedra, bosta.

Na sexta foi a despedida do *Ciro* do *Ski Inn*. Acabei indo. Aquela pensão tinha sido minha casa por quase dois meses e eu me sentia à vontade ali. Levei uma mochila com uma muda de roupa e avisei para o *Ciro* que ia dormir lá. No caminho, encontrei no ônibus o *Eric*, meu ex-supervisor, e ele comentou que sentiria saudades dos latinos e, meio desconfiado, perguntou se eu tinha cuspidido na comida de mais alguém, no caso, da dele. Um homem nunca cospe no mesmo prato duas vezes.

Dentro da pensão não havia nem clima de festa, apenas de uma reunião de amigos conversando na sala. Ouço passos e a voz de trovão rouco do *Kieth*, chegando com uma das mãos cortadas e

visivelmente alcoolizado. Entre palavras, me encara firme e pergunta: *que porra você tá fazendo aqui?* Nem adiantou explicar que estava ali pela despedida. Ouvi mais uma vez a ladainha humanista de que aquele cuspe era injúria racial, que poderia dar cadeia e que eu era um *motherfucker, punk ass*. Um filho da puta marginal. Talvez aquele fosse o momento de cartase de Kieth, que vinha ensaiando uma maneira de expressar que não ia com a minha cara. Não me deixou ir buscar minha mochila no galpão lá embaixo e ainda levantou a mão para me dar um tapa.

- Nem o meu pai encosta a mão em mim, Kieth.

O xerife recuou o braço, mas quis me acertar com um chute enquanto eu sumia de sua jurisdição. Seu pé acertou a porta de vidro da sala e quase arrebenta um pedaço dela. Kari ainda foi até a porta da casa atrás de mim tentando apaziguar. *Não ligue para ele. Está muito bêbado.* O problema é que a pessoa cachaceira sabe exatamente o que está fazendo. Eu tinha cometido um erro e admitido. Só que aquela malhação do Judas tinha ido longe de mais. Podia ser um vilão atrapalhado, que tramou contra alguns e só de fodeu. Mas passar por bandido e delinquente não dava. E muito menos ouvir sermão e gritos de justiça de um monte de gente que não era um exemplo de equilíbrio e bom senso. Só estava faltando alguém cortar a minha cabeça e pendurar na entrada de Truckee.

Desci boa parte do caminho para casa a pé, muito triste e chorando. Quando passei em frente a *Donner Ski Ranch*, me deu uma vontade louca de furar os pneus do carro do Lincoln, que dormia solitário no estacionamento. Meia hora de caminhada. Um carro parou e José, um dos chefes da cozinha de *Sugar Bowl*, me ofereceu carona. Na minha frente estava o cara que eu tinha procurado algumas vezes para pedir um emprego e que talvez tivesse alterado o rumo dessa história. José era a mistura de um norte-americano com uma peruana e tinha passado boa parte da vida na China. A cozinha que ele administrava na estação vizinha era impecável, limpa e muito organizada. Assim como dentro do veículo, todo arrumado. Agora que ele precisava de gente disposta a ficar mais alguns meses ali trabalhando, o meu prazo de vida nos EUA já estava no fim e eu não fazia a menor questão de prolongá-lo. Em casa, pedi para uma das meninas resgatarem meus pertences do *Ski Inn*. Nem por decreto eu voltaria lá. Com Kieth ou sem Kieth.

Alício bin Laden

Se Osama bin Laden meteu terror nas cabeças norte-americanas em 2001 e continua sendo um dos criminosos mais procurados do século XXI, eu ganhei de prêmio ser incluído no *hall* de vilões de *Donner Ski Ranch*. E para Natália, eu era inesquecível. Tanto que depois de ser expulso na sexta do *Ski Inn*, no sábado tive que aguentar mais uma sessão de insultos e moralismos de botequim. À noite, fariam uma festa na casa dos argentinos que não estavam brigados comigo. Mesmo sabendo da possibilidade de encontrar Natália, o pessoal de casa acabou me convencendo a ir.

A festa estava muito boa, descontraída, até que eu vi aqueles olhos azuis me encarando na porta da entrada. A argentina chegou pronta a estourar dinamites. Primeiro, exigiu que eu saísse imediatamente da casa. Retruquei que só iria embora quando alguém da casa me convidasse a me retirar e que ela não era a dona de nada ali. Quando percebeu que nenhum morador queria encrenca e que eu ficaria bebendo uma cerveja e conversando animadamente no balcão da cozinha, saiu do ar. Puxou o braço de uma amiga, olhou para o relógio e deu o prazo: dois minutos para eu virar pó ou ela iria me quebrar.

Já tinha pagado um preço bem justo pela cuspidinha. Mesmo esculachado por muita gente e defendido por algumas outras, estava tranquilo. Não ia dar ouvidos para uma menina descontrolada querendo fazer justiça a qualquer custo. Os dois minutos correram. Só tive tempo de prender Natália pelo pescoço enquanto ela tentava me arranhar a cara. Mesmo com uma chave de braço na defensiva, ela conseguiu deixar duas unhas fundas perto do meu olho esquerdo. Sangrou um pouco. Mas a histeria da argentina custou a blusa que ela tinha ganhado do namorado. Virei Natália de um jeito que a blusa rasgou no meio. Enquanto eu me limpava no banheiro, ela batia na porta querendo arrancar minha cabeça.

Quando as coisas se acalmaram, as meninas de casa foram me elogiar por não ter entrado na pilha da Natália, que afogou as mágoas da blusa trepando com um carioca no banheiro. Amanheceu. Fiz uma caminhada ao redor do lago com Laís e olhei bem aquilo tudo. Fim de festa.

Mesmo longe de Truckee e de *Donner Ski Ranch*, eu continuava muito popular entre os funcionários e a gerência. Quando uma dos tanques de propano, que geravam a energia e ajudavam a aquecer a estação estourou, e por muito pouco não explodiu, lembraram de mim. Na cabeça de muitos, eu tinha colocado uma túnica branca até os pés, deixado a barba crescer e virado terrorista. Alício bin Laden tentou mandar pelos ares a espelunca. Tiveram que chamar polícia e fechar o rancho por segurança. Como admitir que aquela estação de esqui era uma merda repleta de funcionários incompetentes, é mais fácil pôr mais uma trapalhada na conta do Alício, mesmo que eu já estivesse do outro lado do país, caminhando em Nova Iorque e rindo daquilo tudo.

***CALIFORNIA,
REST IN PEACE***

MONTH

CALIF

2D7X

The Golden

CORNIA

YEAR

K302

State

A porta da garagem se fecha. Bato os pés para tirar o excesso de neve. Truckee ficando para trás. Seis e pouco da manhã. O taxista me ajuda com as malas. A casa dos brasileiros é só uma miragem, uma história boa que eu vivi. No dia anterior, reuni o pessoal da casa e ofereci um jantar típico de domingo, com muito macarrão. Até discurso eu fiz. De indesejado e encrenqueiro, me tornei um dos diplomatas da nossa república nos EUA. Gente que não suportava nem ouvir meu nome, que já sentia um calafrio, me abraçando e dizendo que tinha sido muito bom ter morado comigo.

Da rodoviária de Truckee, que não passava de um casebre com um ponto de informações com estacionamento, rumei para São Francisco, depois de o ônibus ter atrasado mais de uma hora e o frio daquele nove de março não estar para brincadeiras. O busão passou por Sacramento, onde eu havia estado em janeiro com Carol A., depois de termos descolado uma carona com um cara muito louco que fumava e comia maçãs o tempo inteiro dentro de um carro em decomposição. Que alegria ao chegarmos à cidade depois de pensar que aquele maluco nos mataria ou nos abandonaria em qualquer lugar da estrada. Lembrei do Schwarzenegger, um

dos muitos artistas que usaram da fama para se eleger deputado federal, senador, governador ou presidente. Aqui no Brasil, essa moda pegou também. Tiririca e seus 1,3 milhões de votos não me deixam mentir. Muita coisa na cabeça enquanto o ônibus seguia pela estrada.

O negócio agora era digerir três meses em um universo onde a neve é protagonista e vilã, a que gera empregos e conforto material e pune com a depressão, o alcoolismo e os descontroles. O império tinha se mostrado muito mais humano para mim do que imaginara. Por debaixo da maquiagem impecável do Sonho Americano, uma engrenagem de moer gente. Fissura por mais e mais dinheiro. Sem debates sobre como o capitalismo selvagem destrói o mundo e o socialismo é ótimo e mais justo. Acho o socialismo uma bosta. Todo mundo gosta de carteira cheia e já foi muitas vezes filho da puta até com aqueles que mais se ama. Ambição. Individualismo. Se apaixonar pelo espelho.

Minha jornada começou em Nova Iorque, na costa Leste. Cruzei um país continental dentro de ônibus superlotados e desconfortáveis. Na costa Oeste, que já foi palco de uma corrida sanguinária pelo ouro e expansão territorial, acabei vendo muita coisa ruim. Gente morando nas ruas, obesas e com camisetas de Barack Obama, depositando as esperanças de que ele seria um Jesus negão, o novo Abraham Lincoln, juntando os cacos de uma economia arrasada e de um povo que se tornou cada vez mais odiado durante os oito anos da gestão George Bush. Jogar tomates e sapatos nos norte-americanos passou a ser uma brincadeira divertida. Zombar da ignorância deles, da crise que encurtava seus cobertores e os obrigava a rezar para não contrair uma gripe ou pneumonia, já que estar assegurado por um plano de saúde nos EUA custa os olhos da cara e é considerado por muita gente artigo de luxo. O Sistema Único de Saúde estadunidense chega a dar bem mais SUSStos aos que precisam dele do que o nosso.

Revirei os primeiros metros do intestino grosso da estrutura imperial. Apesar de fedor intenso, ainda não tinha visto muita coisa dos interiores da Mãe América. Me embrenhei em uma segunda viagem dentro do território dos EUA na tentativa de entender um pouco melhor esse país gigantesco. Dessa vez, com um pouco mais de conforto. Voltaria para Nova Iorque e a Pleasantville para buscar minha mãe. Do cartão-postal do império, rodaríamos mais de dez mil quilômetros ao longo de rodovias e aeroportos. Um roteiro de 15 dias passando por Nova Iorque -Washington D.C - Memphis

- Dallas - Los Angeles - Las Vegas e São Francisco.

Até eu, que gosto de andar de ônibus em viagens longas, estava impaciente com a lerdeza do motorista. Truckee ficava a 400km distante de São Francisco, mas parecia dez vezes mais. A silhueta da cidade só apareceu lá pelas quatro da tarde, após mais de seis horas rodando. O cheiro da maresia veio suave, o mar aparecendo na janela, São Francisco. Um lugar muito bonito e emblemático. Eu voltaria ali em alguns dias para fechar minha história com a cidade.

Voo noturno até Nova Iorque. Como já conhecia bem o caminho até a casa de Adenir e Peter e não queria encher o saco dela, resolvi ir por conta até a residência. Uma mochila nas costas e uma mala enorme. Na estação de trens de Pleasantville, nem sinal de ônibus ou táxi. Caminhei até a esquina da igreja para ver se descolava algum transporte. Em Truckee, era fácil arrumar carona, e esses momentos acabavam sendo um dos mais ricos da experiência. Ouvir histórias de gente desconhecida, carros dos mais diferentes. Na Califórnia o pessoal é bem mais receptivo do que em Nova Iorque, de clima mais sóbrio. Arrastei as tralhas por mais de um quilômetro. Parei em um posto de gasolina e nada de achar um táxi ou uma alma caridosa para oferecer uma beira. Dos quase dez quilômetros da estação à casa da Di, me arrastei com as malas por mais da metade do caminho, envolto em neblina e uma garoa insistente. Já não coordenava os braços e as pernas, quando uma mulher muito simpática parou o carro e me levou até o destino final. Eu não conhecia bosta nenhuma do caminho e estava completamente perdido naquelas ruas cheias de árvores ainda secas.

Feijão com Boston

Já conhecia bem a região em que a Di morava e tinha que enrolar até a chegada da minha velha. Marina e Ana Paula, que tinham morado comigo na casa dos brasileiros, estavam em Nova Iorque e fui me encontrar com elas. Ana estava com a mãe e o irmão hospedada em um hotel chique, enquanto Marina estava em um hotel

mais simples e sozinha. Saímos para jantar e beber no *Hard Rock Café* e dar umas voltas na *Times Square*, que fica magnífica à noite, cheia de luzes e vida. Batemos perna no dia seguinte no *Garden Outlet* de Nova Jersey para mais uma gastança desenfreada e es-ticamos até uma churrascaria brasileira no centrão nova-iorquino. Minha grana estava bem curta e eu pedi caipirinha e mandioca frita. Só que a fome animal estava batendo. Mônica, a mãe da Ana, acabou cedendo grande parte da porção de arroz e feijão dela. O canibal devorou aquilo com muita vontade. Aquela senhora com ar de madame apenas se divertia com a cena. De madrugada, com feijão até a tampa, fui para Boston.

Uma noite de ônibus e mais uma vez cheguei de madrugada em uma estação. Já remediado do acontecimento em Chicago, escolhi um banco de pedra bem longe do movimento e dormi com as duas mãos bem agarradas à carteira. Boston foi uma visita curta de um dia, mas andar pelas ruas da capital de Massachusetts por algumas horas é suficiente. O foco da resistência norte-americana contra a dominação inglesa começou a ganhar corpo ali. Pode-se sentir o clima histórico da luta pela independência, incrustada nos tijolos das casas antigas, nos navios de guerra e em um monte de museus a que eu não fui. Para mim, a história daquele lugar estava nas ruas. Caminhante, não há caminho. O caminho se faz ao andar.

Retorno

E o instinto de Jack Kerouac, de pôr o pé na estrada, me aguçou mais uma vez a partir do terminal oito do aeroporto John F. Kennedy. Dona Giza chegou. Casaco branco, cabelão arrumado e as malas quase vazias para a gente conseguir levar o arsenal de bugi-gangas que eu tinha acumulado e ainda compraria. Fui recebê-la de blazer, chapéu preto de mafioso e algumas rosas. Fizemos um belo jantar nos Millers com direito a um peru à moda do *chef* Pie-ter. Minha mãe e eu passamos mais alguns dias na companhia do casal e nos preparamos para zarpar no dia 17 de março, dia de São Patrick, padroeiro da Irlanda e motivo de festa para a comunidade irlandesa nos EUA.

Uma festa imensa ganha às ruas de Nova Iorque nesse dia. Trevos de quatro folhas, duendes, gente com muitas roupas e ade-

reços na cor verde. Homens de *kilt*, o saiote irlandês, gaitas de fólio, crianças verdes brincando. Mesmo em uma festa conhecida pelos altos índices de bebedeiras, já que o pessoal da Irlanda é bem chegado na marvada, é proibido beber nas ruas de Nova Iorque no dia de São Patrick. Nos bares e restaurantes, vendendo cerveja a rodo, quem se arrisca a tomar uma cerveja do lado de fora precisa cobrir a lata com um papel. Sai com a cerveja de meio litro embrulhada no papel de pão. Mal dei uns goles e um policial, já sorrindo, diz: *peguei você!*

Cerveja confiscada. Perdi o álcool precioso. Só restava andar tranquilo mesmo e curtir a festa, sóbrio. Uma injúria aos irlandeses, grandes entusiastas do líquido. Indo para a estação pegar o ônibus para Washington D.C, duas figuras excêntricas passam. Um homem de peruca e barba, pintada de verde, vestido dourado e um cachorro todo pichado. O outro com um carrinho de supermercado e um monte de apetrechos verdes. Uma foto *please* e o casal nos deseja um *Happy Saint Patrick's Day*.

Retorno

E o instinto de Jack Kerouac, de pôr o pé na estrada, me aguçou mais uma vez a partir do terminal oito do aeroporto John F. Kennedy. Dona Giza chegou. Casaco branco, cabelão arrumado e as malas quase vazias para a gente conseguir levar o arsenal de bugi-gangas que eu tinha acumulado e ainda compraria. Fui recebê-la de blazer, chapéu preto de mafioso e algumas rosas. Fizemos um belo jantar nos Millers com direito a um peru à moda do *chef* Pieter. Minha mãe e eu passamos mais alguns dias na companhia do casal e nos preparamos para zarpar no dia 17 de março, dia de São Patrick, padroeiro da Irlanda e motivo de festa para a comunidade irlandesa nos EUA.

Uma festa imensa ganha às ruas de Nova Iorque nesse dia. Trevos de quatro folhas, duendes, gente com muitas roupas e adereços na cor verde. Homens de *kilt*, o saiote irlandês, gaitas de fólio, crianças verdes brincando. Mesmo em uma festa conhecida pelos altos índices de bebedeiras, já que o pessoal da Irlanda é bem chegado na marvada, é proibido beber nas ruas de Nova Iorque no dia de São Patrick. Nos bares e restaurantes, vendendo cerveja a rodo,

quem se arrisca a tomar uma cerveja do lado de fora precisa cobrir a lata com um papel. Sai com a cerveja de meio litro embrulhada no papel de pão. Mal dei uns goles e um policial, já sorrindo, diz: *peguei você!*

Cerveja confiscada. Perdi o álcool precioso. Só restava andar tranquilo mesmo e curtir a festa, sóbrio. Uma injúria aos irlandeses, grandes entusiastas do líquido. Indo para a estação pegar o ônibus para Washington D.C, duas figuras excêntricas passam. Um homem de peruca e barba, pintada de verde, vestido dourado e um cachorro todo pichado. O outro com um carrinho de supermercado e um monte de apetrechos verdes. Uma foto *please* e o casal nos deseja um *Happy Saint Patrick's Day*.

Preto no branco

Já era quase VIP na *Greyhound*. A única companhia de ônibus que percorre o território norte-americano foi companheira inseparável até o fim. Descemos pela costa leste, passando pelo estado de Maryland até a Washington D.C, uma Brasília melhorada, com a arquitetura dos prédios e monumentos de uma brancura impecável, com jardins muito floridos de camélias e outras flores. Se a arquitetura modernista de Brasília precisa de reparos constantes e parece um museu do Niemeyer a céu aberto descuidado, as rodoviárias das duas capitais são idênticas. Em Brasília, um amontoado de vendedores ambulantes, garotas de programa, perigo e o clima seco do Cerrado. Em Washington, às 21hrs, nem sinal de táxis ou ônibus. Um deserto humano e funcional de meter medo.

Tudo o que eu tinha em mãos era o endereço de um albergue no centro. Minha mãe tinha a curiosidade de se hospedar em um. Apenas uma Kombi branca no estacionamento dos táxis. Um homem negro acena para entrarmos. Mas como, se aquilo era tudo menos um táxi? Bateu desconfiança. Era minha primeira vez na cidade e vai saber aonde aquele cara nos levaria. Mapas não serviriam para nada se rolasse um sequestro de dois turistas com cara de bobo. Só que o motorista, já prevenido a desconfiança dos passageiros, se aproximou e contou sua história. Como a licença de taxista em Washington era cara e ele estava desempregado, resolveu transformar sua Kombi velha em um táxi improvisado. Um bico que lhe rendia alguns dólares enquanto os taxistas credenciados

não o pegassem.

Sem opção, entramos no carro, que na parte de trás estava vazio. Bancos de plástico faziam as vezes de assentos. Até a mulher do cidadão estava lá dentro e os dois deviam morar ali, já que pude ver, mesmo no escuro, uma prateleira improvisada com painéis e outras coisas, um fogão a gás no canto e sacolas com roupas espalhadas no veículo. Do volante, o motorista começou com um papo estranho. Tirou do casaco o que parecia ser um charuto e me disse que um amigo tinha deixado com ele, mas que ele não fumava. Era maconha e das boas. Uma espécie cultivada no norte da Califórnia, de aroma suave e potente pra burro.

Meus olhos brilharam diante do baseadão. O cara me fez uma oferta: *deixa uns dez contos a mais da corrida e pega o bagulho pra você*. Tanto o cara quanto a mulher eram dois maconheiros natos, querendo revender drogas aos passageiros. Enquanto o motorista tentava conversar em vão com a minha mãe, que estava no banco da frente, escondi o *beck* dentro da blusa. Já na recepção do albergue, o taxista improvisado bateu na porta. Deu por falta do baseado e veio perguntar se ele estava comigo. Com a maior cara de peroba, disse que não. Pediu que eu olhasse no casaco da minha mãe. *Tá maluco cara? Insinuando que minha mãe roubou a sua droga?* Fechei a cara, como se fosse um grande moralista. Conversa vai, conversa vem e fui até a Kombi entregar cinco dólares para que ele não tivesse tanto prejuízo com o objeto desaparecido.

A mulher do cara me olhou torto. *Eu sei que foi você que pegou, moleque filho da puta. Mas a gente não pode fazer nada. Vamos embora daqui*. Eu tinha roubado deles o cigarro, mas eles não queriam rolo. Táxi ilegal e venda de drogas. Uma combinação nada boa. Cinco dólares até que ficou de bom tamanho. No albergue, fui para o quarto masculino, enquanto Dona Giza fez companhia a uma chinesa muito simpática, que, depois de meses de trabalho nos EUA, resolveu sair em viagem pelo país.

Washington é uma ótima cidade para os pedestres, ao contrário da nossa capital, onde não ter um carro ou uma moto é desgraça certa. A maioria dos pontos turísticos de Washington está perto um do outro. O Capitólio, a Casa Branca, os monumentos a Abraham Lincoln e Thomas Jefferson, os museus. Só que o monumento mais curioso da cidade não é tombado nem construído pelo governo. Em frente à Casa Branca, onde Michelle Obama brinca com as filhas nos jardins e Barack Obama tenta se segurar na presidência, uma mulher dentro de um guarda-sol transformado em barraca é

a vizinha mais barulhenta dos presidentes norte-americanos desde 1981. Ronald Regan, George Bush pai e filho e Bill Clinton tiveram que se deparar com os protestos daquela senhora, que se intitula uma vigilante da política na Casa Branca. Em volta da casa, faixas e cartazes anti-guerra do Iraque, anti-energia nuclear e anti-Bush, que, segundo ela, é o verdadeiro terrorista. Não perguntei seu nome, mas isso pouco importa. Ninguém a expulsa dali. Enquanto estiver viva, aquela mulher, que aparentava distúrbios mentais, segue firme no seu barraco, debaixo de sol, chuva e neve.

Teddy Bear

Quase que não chegamos a Memphis no voo programado. Por uma confusão de aeroportos, em Washington D.C, minha mãe e eu fomos parar no terminal errado e quase perdemos o avião. Ainda no aeroporto nacional Ronald Reagan, fomos informados de que nosso voo sairia do internacional Washington Dulles, a 40 km de distância. Faltavam 40 minutos para a decolagem, às 15h25, em uma tarde ensolarada de primavera. Tomamos um táxi e, no meio da afobação, apenas pedia ao motorista mexicano: *apurate, por favor*. No cair da guilhotina, chegamos ao destino, conseguimos fazer o *check-in* e embarcamos. Adrenalina e suor a mil. Minha mãe devia estar pensando: *esse menino tem algum problema sério mesmo para se enfiar nessa tal de Memphis*.

Conexão em Atlanta, Geórgia. No fim da tarde, Memphis, a capital do estado do Tennessee. Além da cidade do coração de Elvis Presley, que é natural de Tupelo, Mississippi, a cidade, com seus 680 mil habitantes, se orgulha em ser a terra do Blues, dos primeiros acordes de B.B King na *Beale Street*, a rua mais musical do universo. É também local do assassinato do reverendo Martin Luther King, em 1968. No entanto, o grande ponto turístico da cidade, que é bem pacata e acolhedora, se encontra afastada do centro. Uma casa de jardins e áreas externas e portões brancos decorados com notas de música. *Graceland*, templo do Rei do Rock.

Elvis Aaron Presley sobreviveu a um parto de gêmeos univitelinos, em oito de janeiro de 1935, nos arredores de Tupelo, Mississippi. Ali, passou a infância até se mudar com os pais para Memphis, em 1948. Foi lanterninha de cinema e motorista de caminhão até 1954, quando pôs os pés no Sun Studio, cantando músicas de temática Gospel. Seu primeiro LP de duas canções foi um estouro. Deixou a boléia e a lanterna para vigiar os casais para se tornar Elvis Presley, o homem de olhos azuis e ar sedutor.

Em 1956, já era sucesso internacional. Até o momento, a ideia de *pop star* era um embrião da indústria cultural. Elvis foi lá e pegou o título para ele. Aos 22 anos, milionário, adquiriu a mansão *Graceland*. Até quando esteve no exército norte-americano na Alemanha, de 1958 a 1960, suas músicas não paravam de tocar no rádio e na televisão, novidade à época. Além da música, Elvis se aventurou no cinema, desde musicais a faroeste, comédias e drama. Lançou moda e um estilo de vida. Praticamente o avô de Lady Gaga.

Na TV, foi precursor dos grandes shows ao vivo, realizando em 1973 o primeiro show via satélite da crônica televisiva, assistido por mais de 1,5 bilhão de telespectadores. Naquela noite de 14 de janeiro, a Rede Tupi foi líder de audiência.

Mas, como todo grande artista, que carrega uma estrela negra, Elvis era um poço de transtornos. Alcoólatra, viciado em remédios, divorciado de Priscila Presley, com quem fora casado de 1957 a 1972. Gordo, deprimido, cada vez mais isolado no paraíso terrestre que havia construído.

15 de agosto de 1977. Às 23hrs, vai ao dentista, horário em que tratava da higiene bucal. Em casa, ensaia algumas notas no piano, joga tênis, assiste TV. Dorme umas cinco da manhã e as dez, se levanta para ir ao banheiro ler. Entre livros, jornais e revistas, sofre um ataque fulminante.

Mesmo depois da morte do corpo, Elvis não morreu. Até 1977, contabilizou 600 milhões de discos vendidos. Em 2005, passavam da casa dos dois bilhões, entre 150 albuns de vinil, Cds e Dvds. Até hoje, é um dos artistas mais bem remunerados do *show business* e seus herdeiros agradecem. Em 2006, o complexo turístico de *Graceland* recebeu o título de lugar histórico norte-americano. Lá em Memphis, o tempo parece congelado pelo reboledo e charme do artista. Tudo orbita em volta dele. Lojas a cada esquina abarrotadas de *souvenirs* do Rei. Xícaras, camisetas e capas de volante para carros.

Ainda no pequeno aeroporto de Memphis, não tínhamos a menor ideia de onde se hospedar. Sai procurando anúncios de hotéis no saguão. A maioria se localizava nos arredores da cidade, distantes do centro. Quase meia hora depois, tomamos um táxi à procura de um quarto simples no centro, já que a estadia por lá se resumiam a duas noites. Um taxista senegalês, com a TV do carro ligada na CNN e fala monossilábica nos leva até o *King's Inn*, um hotel muito arrumadinho de uma família paquistanesa. Banho tomado e ossos no lugar, saímos para ver o sol às margens do Mississipi, o segundo maior dos EUA, nascendo ao norte, em Minnesota, e desembocando no oceano ao sul, na Louisiana.

Espalhados pelo centro antigo, postes de luz da década de 1930, bondinhos e ruas de pedra. Ladeiras que deixam os pulmões acabados. Muitas árvores e flores. Casas com tijolos à mostra. E até um centro cultural em forma de pirâmide, com a estátua do faraó Ramsés decoram Memphis. A *Beale Street* é o coração da cidade. 300 metros de casas noturnas, restaurantes, bares, vielas e praças, de onde sons ecoam noite adentro. Jazz, Blues, Rock, música latina e uma infinidade de apresentações de sócias de Elvis. Na cidade da música, se encontra a sede da *Gibson*, a célebre guitarra que, junto com a *Fender*, disputa a preferência de dez em dez artistas. No dia seguinte, iniciamos a peregrinação aos pontos turísticos importantes da vida do Rei. Vans fazem o trajeto, sem cobrar nada dos passageiros. Apenas a gorjeta ao motorista, que se alegra a cada dólar recebido. De meia em meia hora, saem do *Sun Studios*, que se orgulha em ter produzido as primeiras gravações de B.B King e Elvis Presley. Tomamos um café aguado com biscoitos por lá. De lá, rumam até *Graceland*.

O casarão

Até a década de 1980, uma tia de Elvis morou na casa. Sua família, vislumbrando que a propriedade seria um excelente ponto turístico, criou a fundação Elvis Presley. Hoje, uma senhora infraestrutura recepciona os visitantes. Criou-se um complexo de museus para abrigar as roupas, as fotos, os prêmios, os carros e até o avião de Elvis, batizado de Lisa Marie, sua única filha. Três pacotes são oferecidos aos fãs e curiosos que desejam se aventurar no universo de Presley. Os preços variam de U\$31, apenas para a visita da mansão, a U\$ 70, com acesso a todo o complexo.

Dentro da casa, tudo intacto, como se Elvis ainda morasse ali. O único lugar sem acesso à visitação é o segundo andar, que abrigava os aposentos do casal. A entrada da mansão, em estilo colonial e dois leões de gesso fazendo a guarda, abrem o universo excêntrico em que Presley vivia. Cada cômodo decorado de um jeito. Salas de visitas com sofás de couro branco e vitrais de pavões. Uma sala de jantar clássica com um lustre de cristais enorme. Um salão reproduzindo uma floresta. Banheiros com pias banhadas a ouro. Um haras para os cavalos. Estúdio de música. Quadra de tênis. Salão de jogos. Academia.



Sala de TV. Os três aparelhos permaneciam religiosamente ligados quando Elvis morava por lá

Salão de bilhar





Sala de roupas e prêmios em Graceland

Mausoléu da família Presley



Depois de tanta andança e Elvis Presley, almoçamos em um bufê chinês, barato e com muita opção de comida. À noite, para fechar bem a estadia em Memphis antes de seguirmos para Dallas, minha mãe e eu fomos para a *Beale Street* jantar, curtir uma música e tomar umas brejas. No restaurante, para não perder o costume, um sócia de Elvis fazia uma performance. Pedimos macarrão e vinho. O Elvis de mentira deu espaço a uma banda. Minha mãe mal começara a comer quando apareceu um segurança negão, um armário dois por dois, me pedindo um documento para checar minha idade. Sem passaporte e com cara de criança, pediu que eu me retirasse, já que passavam das 23hrs e menores de 21 não eram permitidos no ambiente.

Tentei argumentar que minha mãe não falava inglês e se eu não poderia acompanhá-la até jantar. Nada feito. Lei é lei. Pensei em ir buscar o passaporte no hotel, mas acabamos indo embora, com metade do prato ainda cheio. Tomei dois copos de 0,5 l de cerveja, caminhamos ao longo daquela rua muito festiva. Compramos alguns presentes e tchau.

Noite dentro do ônibus com destino a Dallas. As conexões aéreas de Memphis para a cidade texana eram ruins e caras. Seguimos os mais de mil quilômetros com a sorte de cada um nós ter viajado com o banco do lado vazio. A coluna e as pernas agradeceram. A rodoviária da *Greyhound* ali era horrorosa. Gente feia, com homens de chapéu de cowboy e suspensórios. Funcionários mal humorados às seis horas da manhã. Minha mãe e eu também não ganharíamos nenhum prêmio de *Miss* ou *Mister* Simpatia. Grogue de sono, observei uma mulher gorda, cabelos desgrenhados e calça de elástico falando em um orelhão com o marido. Os filhos do casal estavam do lado da mãe, que explicava que o ônibus estava atrasado e que eles chegariam mais tarde em casa. Ficou mais de 15 minutos ao telefone, até que o filho, em um ato infantil, desligou o aparelho. A mulher virou uma onça e puxou os cabelos do menino, que, de castigo, chorava por atenção e que ela o perdoasse. A mulher continuou impassível, praguejando em direção da criança.

Meu único objetivo em Dallas era encontrar Susi e Sheldon Rudman, donos de uma galeria de arte que eu conheci na Espanha e que tinham comprado dois quadros meus. Não consegui achar nem a galeria, depois de rodar horas de ônibus. Dallas é enorme,

impossível de se andar a pé por mais de uma hora atrás de um endereço. Uma cidade embolada em arranha-céus incontáveis e sem grandes atrativos para o viajante.

Universal de Dios Studios

Em plena Hollywood Boulevard, com a sua calçada da fama, o Teatro Chinês, o Teatro Kodak, lojas de souvenirs, restaurantes, estúdios de tatuagem, hotéis, albergues e artistas de rua fantasiados de personagens do cinema atrás de uns trocados, uma placa em azul me chamou a atenção: *Pare de sofrer. Iglesia Universal del Reino de Dios*. Doutor Edir Macedo conseguiu fincar sua bandeira evangélica dentro do glamuroso distrito de Hollywood. E para não perder o costume, o templo da Universal se localizava no prédio de um antigo cinema.

Cinema, aliás, é a alma daquele distrito. No chão das ruas, as estrelas com nome de gente que ajudou a construir a história da sétima arte ao longo de mais de um século. Dos muitos estúdios em Hollywood e em Los Angeles, como o da Paramount e MGM, o mais chamativo para um turista é o complexo de estúdios da Universal, fundada em 1912 pelo empresário Carl Laemmle. Além das histórias dos bastidores e da feitura de produções como E.T, Tubarão, Donas de Casa Desesperadas e o Drácula de 1931, fora uma centena de outros filmes e séries marcantes e de sucesso, os visitantes contam com um parque de diversões com brinquedos inspirados em personagens e filmes da Universal.

A cidade de Los Angeles, a segunda maior dos EUA e a maior da Califórnia, com mais de quatro milhões de habitantes, oferece pouco de turístico se comparada aos distritos de Hollywood, Beverly Hills e das praias de Santa Mônica, Malibu e Veneza. O centro antigo de Los Angeles é o melhor de se visitar, com igrejas em estilo colonial espanhol e feiras livres com produtos trazidos do México, a apenas alguns quilômetros dali. De resto, é uma cidade perigosa, especialmente à noite, período em que se torna mesmo a cidade do pecado, infestada de gangues de mexicanos e norteamericanos travando batalhas urbanas para ver quem manda mais no pedaço.

Tartaruga perfumada

Só podia ser uma brincadeira de um espírito de porco. Dentro do aeroporto de Las Vegas, minha mãe gesticula e grita comigo: *explica para a policial a situação*. Como não falava nada em inglês e queria entrar na discussão, Dona Giza me deixava cada vez mais tenso em frente à mulher da lei. Para não pagar mais uma diária no albergue e tendo o dia inteiro para zanzar pela cidade, já que o voo para São Francisco sairia à noite, resolvemos guardar a bagagem no guarda-volumes do aeroporto. Após muito andar dentro do prédio para guardar as malas, a merda feita. Esqueci na mochila dois frascos de bons perfumes que tinha comprado em Las Vegas.

Na hora do despacho, o raio-X acusou os líquidos, que passavam dos 100 ml. Depois de 11 de setembro, os aeroportos estadunidenses redobram a vigilância a fim de evitar novos ataques terroristas. Antes de passar no raio-X, o passageiro agora precisa tirar até os sapatos e as meias. Vai que tem uma bomba escondida por ali. E os líquidos acabaram dançando nesse novo esquema de segurança. Bebidas, cremes e xampus devem ser despachados nas malas que vão no compartimento de baixo. Na bagagem de mão, até garrafas de água estão proibidas, além de objetos cortantes e outros itens. Já tinha perdido xampus por não colocá-los na bagagem maior. Agora dois perfumes cheios não dava. A policial, muito calma e vendo que eu tinha feito a burrada sem intenção, só me disse que ou eu jogava os líquidos fora para guardar a mochila ou a levava comigo.

Dona Giza, com um monte de gestos para a tira e gritos para mim, queria que eu colocasse os perfumes na mala grande. Só que nós já estávamos na sala de pré-embarque e a policial me explicou que não poderíamos sair e voltar de novo. Bateu um pânico só de pensar naquela mulher levando a gente em cana por desacato à autoridade ou qualquer merda parecida. Juntei a mochila pesadona nas costas e saí do aeroporto. Mesmo com um monte de experiências de viagens nas costas, eu ainda não tinha aprendido um procedimento simples antes de embarcar no avião. Me senti juvenil e assumi a bronca. Parecia uma tartaruga mochileira pelas ruas de Vegas, só que com muito perfume no casco. Minha mãe tomou as dores de carregar aquela mochila o dia inteiro e fazia as vezes de

Maria, consolando Jesus ao longo do calvário.

Las Vegas, para mim, tinha no DNA uma molécula de confusão. Mas valeu muito a pena dois dias a mais naquela cidade maluca. Além de uma boa andança e de ter experimentado o bufê do cassino Sahara, onde com menos de U\$10 você se sente um rei da comilança, devido à quantidade inacreditável de pratos, fizemos uma excursão bate-volta para apreciar o Grand Canion. O ruim foi ter que aturar o motorista do ônibus, que, metido a guia turístico, não fechou a boca nas seis horas de viagem de Las Vegas até o Parque Nacional, no estado vizinho do Arizona. Que cara insuportável, dentro de um monólogo sem fim, contando piadas que não faziam rir nem o mais idiota dos humanos. Só que aquela voz maldita não era nada perto da visão grandiosa daquelas formações geológicas incríveis. Um daqueles lugares em que o céu parece descer diante dos olhos; da sensação de plenitude; de que Deus ou alguma energia boa está em volta do corpo e da alma.

Le freak c'est chic

São Francisco, ou Frisco para os íntimos, é um mosaico de tribos e estilos de vida. O bairro do Castro é a cara da comunidade gay e local das primeiras manifestações pelos direitos homossexuais, nos anos 1960. De lá saiu Harvey Milk, o primeiro político assumido a ocupar um cargo público nos EUA, o de subprefeito de São Francisco. Atualmente, o bairro é apinhado de boates e bares GLBT, uma barbearia inspirada nos *macho men* do *Village People* e uma moradora de rua, grávida e sem dentes, pedindo algo para comer que ela não precise mastigar. Não muito longe dali, no cruzamento das ruas Haight e Ashbury, o palco dos sons de Jimmy Hendrix e Jannis Joplin e o nascer do movimento *Hippie*. Hoje, são ruas comuns de Frisco, com *hippies* de fantasia, moradores de rua, artigos indianos, tabacarias e produtos feitos a base de maconha. O visual psicodélico do labirinto de casas e lojas super coloridas não é nada mais do que uma miragem do passado.

No centro da cidade, um apinhado de prédios e gente de terno e gravata. Uma réplica de uma cidade chinesa, onde chineses e descendentes vendem uma tonelada de souvenirs e alimentos pra lá de exóticos ao paladar, como sapos e tartarugas. Na orla do oceano

Pacífico, a prisão de Alcatraz, gente malhando e tomando sorvete. Parques com muito verde e explodindo em tulipas multicoloridas. Pombos, veleiros e céu azul.

Aluguei uma bicicleta e pedalei até a *Golden Gate*, uma ponte imensa de cor laranja que vai se tornando dourada com o pôr e o nascer do sol. Música alta nos ouvidos, as rodas da bicicleta girando em harmonia, um monte de fotos, água, a imagem alegre e ensolarada da Califórnia que muita gente pensa que se estende em todo o estado, mas é apenas um quadro sedutor dos EUA.

Mas dentre as inúmeras opções de turismo em São Francisco, um museu bizarro encheu meus olhos. Cabeças de mulheres adultas encolhidas ao tamanho de uma bola de tênis. Estátuas de cera de um homem com um chifre na cabeça; outro com duas pupilas em cada olho; materiais de Vodú e bruxaria; ilusões de ótica. Exposições do universo de Robert Le Roy Ripley, um dos maiores colecionadores de excentricidades do mundo. Ripley, que nasceu na Califórnia em 1890, dedicou boa parte de sua vida a viagens ao redor do globo em busca de artefatos e histórias curiosas. Localizado próximo da zona marítima de São Francisco, o *Believe It or Not!* (acredite nisso ou não) é um dos 29 museus da franquia espalhados pelo mundo. O cartunista, jornalista e colecionador de bizarrices atrai milhões de visitantes por ano a seus templos, dedicados ao “inacreditável”.

O museu de São Francisco é uma jornada maluca dentro da cabeça de um homem que representou muito bem o mito do império que enxerga nos outros países o exótico. Se Napoleão Bonaparte se encantou com a arquitetura egípcia e levou a Paris obeliscos e pedaços de construções milenares sem pedir licença ao Egito, Ripley foi além. Viajou por mais de 200 países em uma época em que as distâncias ainda eram um problema aos viajantes e os aviões não eram tão poderosos. Mesmo com uma coleção de peças curiosas de todas as partes do mundo, o empresário-artista passou mais de 30 anos catalogando o que encontrasse de mais “incomum” dentro dos EUA e transformou essa gama de causos em programas de televisão, documentários, gibis e um caminhão de produtos licenciados a marca Robert Ripley que geram milhões de dólares por ano.

As avenidas largas de Nova Iorque. Meu último passeio dentro dos EUA. As pernas já estavam fartas da jornada de quatro meses. Caminho apenas para observar o fim do caminho, olhar fundo nos olhos da Estátua da Liberdade e ver o quanto eles são confiantes, de como aquela mulher de pedra é inabalável, mesmo com uma crise assolando seus domínios. Os parques da cidade anunciam a primavera depois de um longo inverno. As árvores, ainda tímidas, começam a florescer. Milhões de pés se locomovem em ritmo acelerado. As carruagens em volta do *Central Park* passeando com os turistas. Um homem solitário fuma um cigarro no alto de uma pedra. Uma orquestra de adolescentes toca ao ar livre. Lojas apinhadas de gente.

No aeroporto, Dona Giza resolveu me pregar a última peça da viagem ao perder o documento que se entrega ao sair dos EUA. Quase que ela fica para trás, mas conseguiu embarcar depois de muito falatório e de a moça da companhia aérea explicar que ela teria problemas na próxima vez que fosse aos *States*. Ela não faz a menor questão de voltar. Para mim, também foi o suficiente. As turbinas do avião começam a esquentar. Tripulação autorizada. O Brasil não era muito longe dali.

**A PRESENÇA
DA AUSÊNCIA**





“N ão sei se vocês viram, mas começou a nevar em Truckee. Ai bateu uma *bad* de saudade e eu resolvi escrever p/ vocês haha... a gente reclamava PRA CARALHO da nossa vidinha lá, mas hoje em dia eu penso e era muito bom. Dia 11 chegamos em Reno. No aeroporto conheci o Rodriguinho. Almoçamos juntos e no fim do dia a gente tava dividindo um quartinho no tão aclamado RICARDÃO MOTEL (soa ateh meio gay haha).

Porra, saímos atrás de um rango, andamos mais ou menos uma hora e meia e achamos o mercadinho do Rastaman. Compramos manteiga, pão e suco de laranja. Foi realmente um rolê pobreza. No dia seguinte, fomos tirar o *Social*. Arrumamos uma carona descoladíssima (ao qual paguei com minhas luvas que esqueci no carro) e lá conhecemos duas pessoas que a gente nem imaginava que iriam trabalhar no mesmo lugar e fariam parte da nossa vida. Assim, pegamos uma carona com o SUNNY (*I will make u a good deal man!*) eu, Rodriguinho, Fê e Carol e viramos quatro no Ricardão.

Na mesma noite batem a porta dois rapazes, uns tais

de Luis e Rodrigo. Perguntam se podem ficar com a gente e, como em coração de mãe sempre cabe mais um, eu digo (com meu sotaque de paulixxxxxta) cola aih MANO! Assim, surgiu os *Richard's six*. Seis pessoas que praticamente não se conheciam (com algumas exceções), mas basicamente era isso. Aos poucos foram surgindo as diferenças, já que seis pessoas dividindo dois quartos e um banheiro não seria fácil. As manias, qualidades e defeitos de cada um foram sendo descobertas com a vivência durante aqueles quase quatro meses.

Eu, com a minha EXTREMA bagunça e meu sotaque paulixxxxxta. Carol, com seus ataques (isso incluía o Luis também) e sempre pensando no próximo trazendo *Pringles* pra rapaziada toda haha. Rodriguinho, com sua organização (que se equilibrava comigo. Eu bagunçava um lado e ele arrumava outro haha). Luis, com suas manias. Fê, com seu jeitinho todo educado, sempre pensando no próximo antes de qualquer coisa e muito paciente, e o Rodrigo, com seu jeito paizão, sempre disposto a trocar uma PUTA ideia (às vezes pessimista até demais, mas tudo bem hahaha).

Enfim, essas diferenças, eu acho, é que nos uniram tanto e fizeram um paulista passar a gostar PRA CA-CETE de cariocas (pelo menos cinco deles! Hahaha).. Sei lá, eu tô pra mandar isso faz tempo, mas fiquei relutando. Aí hoje eu tomei umas BREJAS (paulista fala BREJA, caralho!) e resolvi mandar. Vocês tão guardados aqui pra sempre, velho. Vocês fazem parte da minha história de vida e eu vou falar de cada um pros meus filhos. Vou falar das festas, do trabalho, da neve, do Lincoln, e em cada uma dessas histórias vai tá um pedacinho de cada um de vocês e eu sempre vou me lembrar com muito carinho”.

Nota: Felipe Souza, conhecido por nós como Peixe, escreveu esse depoimento em 2009, via Orkut, para as pessoas que dividiram com ele um quarto minúsculo de um motel durante a estada nos EUA. As palavras em maiúsculo e as expressões de internet foram preservadas.

Alô Larissa, vou chegar em Criciúma às 23h30. Você pode me pegar na rodoviária? Débora, to na frente do seu prédio. Abre a porta para a gente conversar. Bruno, você pode me dar uma entrevista via MSN?

Mais de um ano depois da temporada 2008/2009 em *Donner Ski Ranch*, sai em viagem para colher depoimentos e relatos de pessoas que trabalharam comigo. Tentei contato por telefone e email com a gerência do rancho, mas ninguém de lá queria conversa. A única coisa que consegui foi escutar a secretária eletrônica de Donner com a voz do Lincoln: *Obrigado por ligar para Donner Ski Ranch. Sim, nós estamos abertos e agora melhor do que nunca.*

A maioria dos brasileiros com quem entrei em contato se mostrou mais disposta a contar suas histórias sobre a vida nos EUA. Primeiro, fui até o sul, passando por Curitiba, Blumenau, Criciúma e Florianópolis. Depois, até o Rio de Janeiro, onde encontrei mais alguns ex-trabalhadores da estação. Via MSN, Orkut e email consegui mais alguns depoimentos. Exceto Duda Klingefus, de Florianópolis, e Renata Panaro, do Rio, o pessoal saiu de Donner repleto de críticas quanto ao funcionamento do lugar, à administração e quanto ao tratamento que receberam.

Dos mais de 20 ex-funcionários que entrevistei, nenhum recebeu até hoje as taxas referentes aos impostos que eram abatidos dos salários e que seriam envidados por cheque um ano depois do *Work and Travel*. Quase ninguém trouxe dinheiro do trabalho para o Brasil. Os dólares acabaram de diluindo em aluguel, contas de luz e gás, supermercado, viagens, eletro-eletrônicos e outras coisas.

Larissa, muito consciente de que aquele programa de intercâmbio de trabalho não eram férias no exterior, me contou algumas coisas que aconteceram no final da temporada, na qual meia dúzia de funcionários permaneceu, trabalhando seis dias por semana, oito horas por dia. Para ela, foi depressivo, pois a maioria tinha ido embora e parecia que ainda estavam ali. O lado bom, segundo Larissa, é que eles trabalharam muito mais e a situação financeira ficou bem melhor. Nos cálculos de Marshall, a temporada ruim com pouca neve e clientela não tinham causado prejuízos graves. Na temporada seguinte (2009/2010), a neve foi bem mais generosa. Nevou pra caralho, só que o dono da estação não quis criar expectativas. Larissa, que pensou em voltar para lá ano passado, se encontrou com Marshall em Florianópolis na Feira de Empregos, e segundo ele, a economia ainda estava fraca, mas que se repetissem a temporada anterior estava bom.

Meu caminhão de encencas por lá ajudou Marshall a refletir um pouco sobre a zona que era o seu negócio. Natália, que se preparava para voltar, foi vetada pelo patrão, já que ele não poderia admitir mais o que tinha acontecido no passado. Demitiram Max Fox e Shaun. Nos lugares deles, Marina Heredia, uma argentina que trabalhou por lá comigo, foi promovida a chefe da cozinha. Comandando os teleféricos, Guadalupe, a menina dos olhos do Lincoln. Nos tempos do Shaun, ele se denominava o 666. Era a vez de Guadalupe e seu inglês horrível assumirem o número diabólico. Dana, a instrutora-chefe da escola de esqui, pediu as contas. Do pessoal dos EUA, nunca mais tive notícias. Apenas sei que alguns argentinos alugaram a antiga casa dos brasileiros.

Os EUA continuam com Barack Obama a frente do governo, só que com mais de 50% de rejeição do que na época em que assumiu, quando 74% da população o apoiava. Quando tomou posse, Obama tinha os verbos no futuro. Reformar o Sistema de Saúde. Pôr fim aos conflitos no Iraque, retirando as tropas do país entre o fim de 2010 e o começo de 2011. Fechar Guantánamo. Só que em mais de um ano a frente da Casa Branca, pouco conseguiu de impactante. O exército estadunidense começou a sair do Iraque e a concentrar forças no combate ao Talibã no Afeganistão. A crise econômica e habitacional está longe de acabar. Ainda não encontraram Osama bin Laden. A prisão cubana de Guantánamo segue de portas abertas a presos políticos e terroristas. Republicanos e democratas se entendem cada vez menos e o presidente que salvaria os EUA do caos, mesmo ganhando o Nobel da Paz, está sem tranquilidade no cargo. Adenir e Peter Miller continuam casados. Peter, com um desgaste na perna, acabou de fazer uma operação, que deve ter custado uma pequena fortuna. Mais uma leva de universitários brasileiros arrumou as malas para ir trabalhar em *Donner Ski Ranch* e outros lugares dos EUA. Duda Klingefus, uma das queridinhas do Lincoln em 2008/2009, chegou à estação de esqui em dezembro para mais uma temporada.

A águia americana, símbolo máximo da imponência dos EUA no mundo global, está com um olho roxo de tanto levar porrada. Na cabeça, um capacete militar de veterano de guerra, que ela exibe com orgulho, mesmo que ele já esteja sem brilho. No bico, um cigarro para aliviar a tensão. Mesmo cambaleante, segue vigiando

o resto do planeta de cima da montanha mais alta. Suas garras afiadas e asas imperiais tentam manter tudo sobre controle, tocando o barco para que ele não afunde.

Os EUA continuam com Barack Obama a frente do governo, só que com mais de 50% de rejeição do que na época em que assumiu, quando 74% da população o apoiava. Quando tomou posse, Obama tinha os verbos no futuro. Reformar o Sistema de Saúde. Pôr fim aos conflitos no Iraque, retirando as tropas do país entre o fim de 2010 e o começo de 2001. Fechar Guantánamo. Só que em mais de um ano a frente da Casa Branca, pouco conseguiu de impactante. O exército estadunidense começou a sair do Iraque e a concentrar forças no combate ao Talibã no Afeganistão. A crise econômica e habitacional está longe de acabar. Ainda não encontraram Osama bin Laden. A prisão cubana de Guantánamo segue de portas abertas a presos políticos e terroristas. Republicanos e democratas se entendem cada vez menos e o presidente que salvaria os EUA do caos, mesmo ganhando o Nobel da Paz, está sem tranquilidade no cargo. Adenir e Peter Miller continuam casados. Peter, com um desgaste na perna, acabou de fazer uma operação, que deve ter custado uma pequena fortuna. Mais uma leva de universitários brasileiros arrumou as malas para ir trabalhar em *Donner Ski Ranch* e outros lugares dos EUA. Duda Klingefus, uma das queridinhas do Lincoln em 2008/2009, chegou à estação de esqui em dezembro para mais uma temporada.

A águia americana, símbolo máximo da imponência dos EUA no mundo global, está com um olho roxo de tanto levar porrada. Na cabeça, um capacete militar de veterano de guerra, que ela exibe com orgulho, mesmo que ele já esteja sem brilho. No bico, um cigarro para aliviar a tensão. Mesmo cambaleante, segue vigiando o resto do planeta de cima da montanha mais alta. Suas garras afiadas e asas imperiais tentam manter tudo sobre controle, tocando o barco para que ele não afunde.

ESCALA DE TRABALHO

19 dezembro Primeiro dia 8 horas	20\23 dezembro Aluguel equipa- mentos Ski scholl	24 dezembro 7,5 horas	25 dezembro Folga	26 dezembro 7,5 horas
1º janeiro 6,5 horas (Discussão Max)	2 janeiro 8 horas (Teleférico)	3 janeiro 7,5 horas	4 janeiro 6,5 horas	5 janeiro Folga
11 janeiro 7,5 horas	12 janeiro Folga (Sacramento)	13 janeiro Folga (Sacramento)	14 janeiro 7,5 horas	15 janeiro 5,5 horas
21 janeiro Folga	22 janeiro Folga	23 janeiro Folga	24 janeiro 6,40 horas	25 janeiro 7,45 horas
31 janeiro 2,18 horas (Cavando neve)	1º fevereiro Folga	2 fevereiro Folga	3 fevereiro Folga	4 fevereiro Folga
10 fevereiro 7,45 horas	11 fevereiro Folga	12 fevereiro Folga	13 fevereiro 1,24 horas (Cavando neve)	14 fevereiro 8,15 horas (Cozinha)
20 fevereiro 8,22 horas (Teleférico)	21 fevereiro Folga	22 fevereiro 2,15 horas	23 fevereiro 5,30 horas (Estacionamento)	24 fevereiro Folga
2 março Estação Fechada	3 março Estação Fechada	4 março Estação Fechada	5 março Demissão	

Pagamentos quinzenais nos três meses em que trabalhei em Donner Ski Ranch.

De 12 a 21 de dezembro de 2008: U\$ 175,61

De 22 de dezembro a quatro de janeiro: U\$ 480,00

De 5 a 18 de janeiro de 2009: U\$ 392,12

De 19 de janeiro a primeiro de fevereiro de 2009: U\$ 311,56

De 2 a 15 de fevereiro de 2009: U\$ 389,68

De 16 de fevereiro a 5 de março de 2009: U\$ 432,11

27 dezembro 7,5 horas	28 dezembro 1,5 horas Dia do computador	29 dezembro Folga	30 dezembro Folga	31 dezembro 8,5 horas (Teleférico)
6 janeiro Folga	7 janeiro Folga	8 janeiro 7,5 horas	9 janeiro Folga	10 janeiro 7,5 horas
16 janeiro Folga (Folson\Vacaville)	17 janeiro 7,5 horas	18 janeiro 7,10 horas	19 janeiro Folga	20 janeiro 7,43 horas (Posse Obama)
26 janeiro Folga (Las Vegas)	27 janeiro Folga (Las Vegas)	28 janeiro Folga (Las Vegas)	29 janeiro 7,35 horas	30 janeiro 7,33 horas
5 fevereiro 7,5 horas	6 fevereiro 7,5 horas	7 fevereiro Folga	8 fevereiro 7,47 horas	9 fevereiro Folga
15 fevereiro 8,5 horas	16 fevereiro Folga	17 fevereiro Folga	18 fevereiro 8,22 horas (teleférico)	19 fevereiro Folga
25 fevereiro 8,15 horas (Teleférico)	26 fevereiro Folga	27 fevereiro 8,30 horas	28 fevereiro 8,55 horas	1º março 6,11 horas (Briga Natália)

AGRADECIMENTOS



espermatozóide mais esperto da safra 1986, aliado a um óvulo espetacular, gerou o primogênito dos netos da família Padovez. O primeiro dos seis netos de Jamile e Duartino Padovez, e o primeiro dos três netos de Adirce e Délvio Cassola. Na pequena Macaubal, uma Macondo no interior paulista, em 16 de janeiro de 1987, nasceu um menino cabeludo, olhos verdes, sobrancelhas e cílios enormes. Alma de artista. Macaubal foi a terra dos primeiros sonhos, de um ateliê com telas, orquídeas e peças de teatro.

Escola Objetivo de Nhandeara. Depois, o Dom Bosco de Monte Aprazível para terminar o colegial em Nhandeara, repleto de excelentes professores, como o Panta, o Evandrão, o Paulo, o Paulão, além da saudosa diretora Evany, fumando sempre um cigarro. Uma mulher ruiva e forte que adorava Elis Regina. Na sala dela, tomei os primeiros goles de café. Mudamos para Monte Aprazível em 2005. Um semestre de cursinho no COC de Rio Preto. Amores loucos com a Barbara antes do intercâmbio na Alemanha.

Um ano germânico, crucial. Se enfrentar no espelho, descobrir o verdadeiro eu. No caminho, quatro famílias inesquecíveis: os Rupertus; os Antoni; os Müller-Jehle e os Andreas. O despertar

do jornalista enquanto meu pai, ao telefone, me dizia ter sonhado comigo sendo tipo o Marcos Uchôa. A Copa do Mundo. Mais seis meses no COC. A professora Sandra e suas aulas de redação que me ajudaram muito a ganhar o 9,75 para ingressar na Unesp, em 2007.

Quatro anos maravilhosos. A vida no apartamento da Rua Piauí com o Tripa. A fundação da República Risca Faca. Buba, Delei, Grévis, Jackie, Malfoy, Musta, Míau, Noruska e Tripa. Festas inesquecíveis. Bregas, malandros e comunistas. Brigas, discussões, jantares e abraços da família Risca.

Quatro anos de professor de Alemão no Centro de Idiomas do Dafaé. Um ano como professor de História no Cursinho Principia. Uma centena de alunos que passaram pelas minhas mãos e me ajudaram a me tornar uma pessoa mais paciente e humana. Quando eu imaginei que seria um bom professor.

Os grandes amigos da faculdade. A Tuca, a Mell, o Netto, a Kitty, o Pardal, a Itajubá, a Mulan, a Beço. Os amigos e conhecidos. Os desafetos. Experiências que enriqueceram meu jeito de me relacionar com o outro. Os ótimos professores, mestres além do papel e dos títulos. Os maus professores, que eu prefiro esquecer.

Os trabalhadores de Donner Ski Ranch da temporada 2008/2009, as crises de loucura do Max Fox e aos berros do Lincoln Kauffman. Amigos brasileiros que fiz e que me receberam tão bem em suas casas no Sul e no Rio de Janeiro para a realização das entrevistas.

Carlos Carmello, que me deu a primeira oportunidade para brincar de jornalista, no A Voz Regional, durante grande parte da minha graduação. Junto com o Carmello, a Flávia e o Adriano aguentaram minhas ideias malucas nas duas vezes em que fui editor-chefe do jornal.

Marcelo Bulhões, que no primeiro ano de faculdade me chamava de aluno mais combativo da turma e aceitou orientar esse projeto, com suas caras e bocas, seus Rosenfelds e suas roupas muito estilosas.

Mulheres e homens que habitaram e habitam minha vida, meus pensamentos e minha cama. Os textos, as pinturas e o mundo das artes. O vinho, a cerveja, a maconha, o narguileh e o café.

A tudo isso acima, meu agradecimento. Com IMPERIA, deixo uma fatia da vida, uma pequena contribuição ao jornalismo.

Fotografia e ilustrações

Elcio C. Padovez

Capa

Sarah Moralejo da Costa

Diagramação

Sarah Moralejo da Costa

Orientação

Marcelo Bulhões

Trabalho realizado como Projeto Experimental para conclusão do curso de
Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho.

Bauru

Novembro.2010

